

THAÍS MITIE SHIGUEMATSU BISPO

As Praças Centrais de Presidente Prudente-SP: avaliação do caráter como subsídio para intervenções projetuais

Presidente Prudente

2011

THAÍS MITIE SHIGUEMATSU BISPO

As Praças Centrais de Presidente Prudente-SP: avaliação do caráter como subsídio para intervenções projetuais

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente, da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

Orientador: Prof. Ms. Alex Assunção Lamounier

Presidente Prudente

2011

RESUMO

Durante o processo de desenvolvimento e expansão urbana do município de Presidente Prudente (SP), alguns fatores como o surgimento de novas centralidades, a mudança nos modos de vida e a ampliação dos equipamentos e infra-estruturas urbanas contribuíram para a desarticulação e pouca apropriação do sistema de espaços livres centrais da cidade.

Nesse sentido, o trabalho aborda a perda da continuidade entre as praças centrais da cidade – Praça Monsenhor Sarrion, Praça 9 de Julho, Praça da Bandeira e Praça Nossa Senhora Aparecida – utilizando diferentes metodologias para avaliação do caráter de cada uma das quatro praças, identificando aspectos convidativos ou não atrativos de seus espaços. As relações estabelecidas entre essas praças e seu entorno são caracterizadas através da análise de visuais interessantes reproduzidos em croquis, de forma a complementar a avaliação do caráter. Aliado a esses estudos, são analisados também duas estruturas espaciais vinculadas às praças – Calçadão e Rua Quintino Bocaiúva – que apresentam importantes conjuntos arquitetônicos que remetem à história da cidade e que contribuem para a configuração do sistema de espaços livres centrais.

As considerações gerais obtidas através desse diagnóstico forneceram subsídios para a intervenção projetual proposta, que visa proporcionar a valorização do caráter de cada um desses espaços públicos e a articulação dos mesmos, promovendo sua utilização e constituindo, assim, um importante conjunto urbano-ambiental.

Palavras-chave: Sistema de espaços livres centrais. Praças. Avaliação do caráter.

ABSTRACT

During the process of development and urban sprawl in the city of Presidente Prudente (SP), some factors as the emergence of new centralities, the change in lifestyles and the expansion of equipments and urban infrastructure contributed to the dismantling and little appropriation of the central open space system.

In this sense, the work is about the loss of continuity between the central squares of the city - Monsenhor Sarrion Square, July 9 Square, Bandeira Square and Nossa Senhora Aparecida Square - using different methodologies for character evaluation of each square, identifying the inviting and unattractive aspects of their spaces. The relations between these squares and its surroundings are characterized by analyzing interesting visual played on sketches, to complement character evaluation. Among these studies, it is also analyzed two spatial structures related to the squares – Calçadão and Quintino Bocaiuva Street - which have important architectural referring to the city's history and contribute to the central open space system configuration.

General considerations obtained through diagnosis provided subsidies for the projectual proposed intervention, which aims to provide appreciation of the character of these public spaces and their articulation, promoting their use and constituting, thus, an important urban-environment set.

Key words: Central open space system. Squares. Character evaluation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Galeria comercial da Praça Nossa Senhora do Carmo.....	20
Foto 2 – Linguagem formal da Praça Pio XII.....	20
Figura 1 – Circuito Cultural.....	27
Figura 2 – Revitalização da Estação Ferroviária.....	28
Figura 3 – Criação do Parque Esplanada na orla ferroviária.....	28
Figura 4 – Revitalização da Rua 14 de Julho.....	28
Foto 3 – Vista do Mercado Popular.....	28
Foto 4 – Estrutura da Cobertura.....	28
Figura 5 – Implantação do projeto.....	29
Figura 6 – Corte do projeto.....	29
Figura 7 – Implantação da Praça Victor Civita.....	30
Figura 8 – Corte da Praça Victor Civita.....	30
Foto 5 – Desenho contínuo da praça.....	30
Foto 6 – Projeto Saúde na Praça.....	33
Foto 7 – Prática de consciência ambiental.....	33
Foto 8 – Praça do idoso.....	33
Figura 9 – Esquema da expansão territorial urbana horizontal de Presidente Prudente (1923-2011).....	37
Figura 10 – Delimitação da área da intervenção na cidade.....	37
Figura 11 – Imagem aérea da área de intervenção.....	38
Figura 12 – Esquema do eixo de espaços livres centrais.....	38

Foto 9 – A praça em 1947.....	39
Foto 10 – Verticalização ocorrida na área.....	40
Foto 11 – Urbanização da praça na década de 1930.....	41
Foto 12 – Os jardins da praça na década de 1940.....	41
Foto 13 – Antigo coreto e fonte luminosa na década de 1940.....	42
Foto 14 – Praça 9 de Julho em meados da década de 1950.....	42
Foto 15 – Início da verticalização do entorno da praça em 1961.....	42
Foto 16 – Esplanada da Estação Ferroviária.....	43
Foto 17 – Erosões na área da esplanada da estação, na década de 1920.....	43
Foto 18 – Praça da Bandeira (1930).....	44
Foto 19 - Praça da Bandeira (déc. de 1950).....	44
Foto 20 - Praça da Bandeira (1986).....	45
Foto 21 – Viaduto Tannel Abbud (1986).....	45
Foto 22 – O shopping popular (2010).....	46
Foto 23 – Vegetação (2010).....	46
Foto 24 – O parquinho infantil da praça (2010).....	46
Foto 25 – Construção da igreja e da praça na década de 1940.....	47
Foto 26 – A praça na década de 1960.....	47
Foto 27 – O coreto na década de 1980.....	48
Foto 28 – A praça em 1986.....	48
Foto 29 – Calçada em 1979.....	49
Foto 30 – Rua Tenente Nicolau Maffei em 1954.....	49

Foto 31 – Centro Cultural Matarazzo.....	50
Foto 32 – Conjunto de sobrados.....	50
Figura 13 – Mapa do Zoneamento da área de intervenção.....	51
Figura 14 – Topografia: curvas de nível da área de intervenção.....	51
Figura 15 – Gabarito das edificações.....	52
Figura 16 – Uso e ocupação do solo na área.....	52
Figura 17 – Hierarquia viária.....	53
Figura 18 – Mapa da área edificada (Figura-Fundo).....	54
Figura 19 – Esquema de localização dos visuais da Praça Monsenhor Sarrion.....	55
Figura 20 – Visual nº1.....	55
Figura 21 – Visual nº2.....	55
Figura 22 – Visual nº3.....	55
Figura 23 – Visual nº4.....	55
Figura 24 – Visual nº5.....	56
Figura 25 – Visual nº6.....	56
Figura 26 – Visual nº7.....	56
Figura 27 – Visual nº8.....	56
Figura 28 – Visual nº9.....	57
Figura 29 – Visual nº10.....	57
Figura 30 – Esquema de localização dos visuais da Praça 9 de Julho.....	57
Figura 31 – Visual nº1.....	58
Figura 32 – Visual nº2.....	58

Figura 33 – Visual nº3.....	58
Figura 34 – Visual nº4.....	58
Figura 35 – Visual nº5.....	58
Figura 36 – Visual nº6.....	58
Figura 37 – Visual nº7.....	59
Figura 38 – Visual nº8.....	59
Figura 39 – Visual nº9.....	59
Figura 40 – Visual nº10.....	59
Figura 41 – Esquema de localização dos visuais da Praça da Bandeira.....	60
Figura 42 – Visual nº1.....	60
Figura 43 – Visual nº2.....	60
Figura 44 – Visual nº3.....	61
Figura 45 – Visual nº4.....	61
Figura 46 – Visual nº5.....	61
Figura 47 – Visual nº6.....	61
Figura 48 – Visual nº7.....	61
Figura 49 – Visual nº8.....	61
Figura 50 – Visual nº9.....	62
Figura 51 – Visual nº10.....	62
Figura 52 – Esquema de localização dos visuais da Praça Nossa Senhora Aparecida.....	62
Figura 53 – Visual nº1.....	63
Figura 54 – Visual nº2.....	63

Figura 55 – Visual nº3.....	64
Figura 56 – Visual nº4.....	64
Figura 57 – Visual nº5.....	64
Figura 58 – Visual nº6.....	64
Figura 59 – Visual nº7.....	64
Figura 60 – Visual nº8.....	64
Figura 61 – Visual nº9.....	65
Figura 62 – Visual nº10.....	65
Figura 63 – Gráfico para Avaliação do Caráter das Praças.....	66
Figura 64 – Imagem aérea da Praça Monsenhor Sarrion.....	66
Figura 65 – Imagem aérea da Praça 9 de Julho.....	68
Figura 66 – Imagem aérea da Praça da Bandeira.....	70
Figura 67 – Imagem aérea da Praça Nossa Senhora Aparecida.....	72
Tabela 1 – Resultado das avaliações.....	74
Figura 68 – Componentes da Praça Monsenhor Sarrion.....	76
Figura 69 – Diagnóstico da Praça Monsenhor Sarrion.....	76
Figura 70 – Componentes da Praça 9 de Julho.....	77
Figura 71 – Diagnóstico da Praça 9 de Julho.....	77
Figura 72 – Componentes da Praça da Bandeira.....	78
Figura 73 – Diagnóstico da Praça da Bandeira.....	78
Figura 74 – Componentes da Praça Nossa Senhora Aparecida.....	79
Figura 75 – Diagnóstico da Praça Nossa Senhora Aparecida.....	79

Figura 76 – Calçadão: Eixo de ligação das praças centrais.....	81
Foto 33 – Banco Caixa Econômica Federal.....	82
Foto 34 – Banco Banespa.....	82
Figura 77 – Galpões.....	82
Figura 78 – Estabelecimentos comerciais.....	82
Figura 79 – Placas de estabelecimentos comerciais que bloqueiam a visão dos elementos protomodernos das fachadas.....	83
Figura 80 – Conjunto de sobrados em estilo protomoderno.....	83
Figura 81 – Paisagem da ferrovia das cidades do interior paulista.....	84
Figura 82 – Diretrizes.....	86
Figura 83 – Diretrizes da Praça Monsenhor Sarrion.....	87
Figura 84 – Diretrizes da Praça 9 de Julho.....	88
Figura 85 – Diretrizes da Praça da Bandeira.....	89
Figura 86 – Diretrizes da Praça Nossa Senhora Aparecida.....	90
Figura 87 – “Estação ergometria” incorporada ao calçadão.....	92
Figura 88 – “Estação senta e levanta” incorporada ao calçadão.....	93
Figura 89 – “Estação escada e rampa” incorporada ao calçadão.....	93
Figura 90 – Esquema da direção do fluxo de veículos atualmente.....	95
Figura 91 – Esquema da direção do fluxo de veículos proposta.....	95
Figura 92 – Croquis das idéias iniciais (sem escala).....	97
Figura 93 – Outros croquis (sem escala).....	98
Figura 94 – Estudo da distribuição dos boxes pela praça.....	98
Figura 95 – Boxes da Área de alimentação na praça.....	99

Figura 96 – Parte dos boxes posicionados na praça.....	99
Figura 97 – Permeabilidade na distribuição dos boxes.....	100
Figura 98 – Exemplo de boxe do shopping popular.....	100
Figura 99 – Dupla função da madeira: vedação e bancada.....	101
Figura 100 – Relação entre viaduto e praça.....	102
Figura 101 – Banheiro público na parte central da imagem.....	102
Figura 102 – Ordenamento da vegetação.....	103
Figura 103 – A praça e o canteiro central arborizado da Av. Brasil.....	103
Figura 104 – Canteiro central da Av. Brasil e faixa de pedestres elevada.....	104
Figura 105 – Área de permanência próxima à Estação Ferroviária.....	104
Figura 106 – Mesa com bancos proposta.....	105
Figura 107 – Ponto de ônibus.....	105
Figura 108 – Outros mobiliários propostos para a Praça da Bandeira.....	105
Figura 109 – Mobiliário existente na Praça da Bandeira (croquis sem escala).....	105
Figura 110 – Estrutura metálica que conecta a praça com o viaduto.....	106
Figura 111 – Estrutura que comporta escada e plataforma elevatória.....	106
Figura 112 – Croqui de espaço de permanência.....	107
Figura 113 – Croqui de espaço para apreciação da paisagem.....	107
Figura 114 – Praça N. S. Aparecida e seus jardins.....	108
Figura 115 – Jardins criam percursos agradáveis e convidativos.....	108
Figura 116 – Ampliação da praça e fortalecimento de visuais.....	109
Figura 117 – Entrada secundária lateral da igreja.....	109

Figura 118 – Lombo-faixa e a melhora do acesso à praça.....	110
Figura 119 – Mobiliário existente na Praça N. S. Aparecida (croquis sem escala).....	110

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	15
1.1	Objetivos.....	16
1.1.1	Objetivo geral.....	16
1.1.2	Objetivos específicos.....	16
1.2	Procedimentos metodológicos.....	16
2.	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	18
3.	REFERÊNCIAS PROJETUAIS.....	25
3.1	Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande (Mato Grosso do Sul, Brasil).....	25
3.2	Mercado Popular do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil).....	28
3.3	Praça Vitor Civita de São Paulo (São Paulo, Brasil).....	29
3.4	Projetos de incentivo à utilização de praças.....	31
3.4.1	Revitalização de praças com destaque para o ajardinamento e mobiliário urbano.....	31
3.4.2	Requalificação de praças com a promoção de novas atividades e eventos.....	32
3.5	Análise dos referenciais projetuais.....	34
4.	ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	35
4.1	Breve histórico do Município de Presidente Prudente.....	35
4.2	Delimitação da área e do objeto de estudo.....	37
4.2.1	Praça Monsenhor Sarrion.....	39
4.2.2	Praça 9 de Julho.....	40
4.2.3	Praça da Bandeira.....	43

4.2.4	Praça Nossa Senhora Aparecida.....	47
4.2.5	Calçadão.....	48
4.2.6	Rua Quintino Bocaiúva.....	50
4.3	Estudos da área de intervenção.....	50
4.3.1	Aspectos gerais.....	50
4.3.2	Visuais das praças.....	54
4.3.3	Avaliação do carácter das praças.....	65
4.3.4	Análise das fachadas do Calçadão e dos visuais da Rua Quintino Bocaiúva.....	81
4.3.5	Diagnóstico geral.....	83
4.4	Diretrizes gerais e específicas.....	84
4.5	Justificativa dos conceitos adotados.....	91
5.	O PROJETO.....	92
5.1	Propostas gerais.....	92
5.2	Intervenções projetuais nas praças.....	94
5.2.1	Praças Monsenhor Sarrion e 9 de Julho.....	96
5.2.2	Praças da Bandeira e Nossa Senhora Aparecida.....	97
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	113
	APÊNDICE.....	119

1. INTRODUÇÃO

O tema central desse trabalho final de graduação consiste na proposição de intervenções projetuais a partir do diagnóstico e avaliação do caráter das praças centrais do Município de Presidente Prudente, cidade média do interior paulista, com o intuito de melhorar a articulação e apropriação do sistema de espaços livres centrais. O conjunto desses espaços é formado por praças e ruas que fizeram parte do surgimento desse município e que hoje constituem elementos importantes da história prudentina.

A área de intervenção engloba, mais especificamente, as Praças Monsenhor Sarrion, 9 de Julho, da Bandeira e Nossa Senhora Aparecida, além das ruas Tenente Nicolau Maffei (que se transforma em “calçadão” na área central) e Quintino Bocaiúva. Essas praças são paisagens ambientais de vital importância, pois promovem espaços agradáveis, fluidos, que amenizam a aridez e densidade de construções da cidade, principalmente da verticalização mais intensa da área central. Já as ruas citadas são paisagens urbanas históricas, nas quais as edificações nelas presentes guardam vestígios e características de épocas anteriores e de estilos arquitetônicos que deveriam ser preservados.

São descritos, portanto, os dois eixos da intervenção proposta, sendo o primeiro marcado pelas praças e o segundo definido pelas edificações históricas e culturais inseridas nas ruas analisadas ou margeando a linha férrea que corta a cidade, a qual é uma das responsáveis pela desarticulação dos espaços analisados.

A escolha do tema e da área de intervenção é decorrente da percepção que se tem da falta de integração entre os espaços centrais abordados (aliado à acessibilidade limitada) e da necessidade de projetos urbanos que promovam não somente a passagem, os deslocamentos, pelos espaços públicos, mas também a permanência dos usuários, já que é essa última que gera, mais efetivamente, a vitalidade urbana. Além disso, os espaços livres centrais da cidade não são contemplados por projetos urbanos municipais há algum tempo, visto que só recentemente foi elaborado um projeto de revitalização do calçadão, o qual se encontra em execução neste momento.

Ademais, a área central apresenta edificações e espaços livres integrantes da história prudentina, os quais são pouco valorizados e necessitam ser preservados. Por isso, um estudo da relação existente entre a representação simbólica dos espaços públicos e das edificações no passado e sua importância e papel frente aos novos usos e apropriações feitas nos tempos atuais é fundamental para que futuras intervenções necessárias adéqüem esses espaços à sua real função na

sociedade contemporânea atendendo, assim, à dinâmica local, potencializando seu uso e proporcionando maior integração entre as áreas livres (praças, ruas) e o entorno edificado.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

No tocante aos objetivos do trabalho, tem-se que o objetivo geral é propor um projeto de intervenção urbanística que articule e integre o sistema de espaços livres centrais de Presidente Prudente, fortalecendo o caráter/especificidades de cada espaço ao mesmo tempo em que promova a unidade do conjunto, de modo a atrair usuários que percorram e permaneçam nesses espaços, recuperando a ligação – que parece perdida ou esquecida – entre a população e as origens da cidade.

1.1.2 Objetivos específicos

Desse modo, os objetivos específicos são: compreender a temática envolvida e a história da área de intervenção, identificar a situação atual das praças, ruas e edificações analisadas e, através das problemáticas encontradas, apresentar uma proposta de intervenção que contemple a identidade de cada praça e do conjunto, e que proporcione uma continuidade de percursos e espaços de vivência urbana.

1.2 Procedimentos metodológicos

Em relação a tais objetivos foram realizados: levantamento bibliográfico sobre os conceitos relacionados ao tema, assim como sobre a legislação urbanística e história da área de intervenção; análise de projetos/intervenções urbanas; pesquisa em bancos de teses e dissertações na rede mundial de computadores (internet); levantamento fotográfico dos espaços analisados; elaboração de croquis de visuais das praças e edificações da rua Quintino Bocaiúva,

baseada na metodologia de análise de visuais desenvolvida por Prinz (1984); e estudo das fachadas do calçadão da rua Tenente Nicolau Maffei, a partir da metodologia aplicada por Lamounier (2006).

O conjunto formado pela bibliografia consultada teve como pontos norteadores os principais conceitos e temáticas referentes às praças e ruas estudadas e seu entorno, os quais envolvem o entendimento da importância do espaço livre público e de seu papel na cidade, o conhecimento da história das praças brasileiras e em especial o histórico da área de intervenção e o processo de descaracterização (ocupação privada de espaço público) ocorrido em certas praças analisadas, a compreensão da grande problemática do comércio informal e de seu papel/importância nas cidades, a influência da forma de apropriação de espaços públicos realizada por esse tipo de atividade e a análise da questão das intervenções urbanas e do caso específico da reabilitação de áreas centrais, que é o tipo de intervenção que mais se aproxima do projeto proposto.

Aliada aos levantamentos, diagnósticos e análises realizadas, a bibliografia acima mencionada forneceu subsídios para um trabalho compatível de caracterização da área. Nessa etapa de caracterização, foram focos de estudo os seguintes quesitos: topografia da área, zoneamento urbano, uso e ocupação do solo; gabarito das edificações; sistema viário; mobiliário urbano, arborização e caminhos existentes

nas praças; edificações consideradas de relevância histórica e outros aspectos importantes ao diagnóstico dos espaços livres analisados. Nessa etapa de caracterização foi utilizada ainda, uma metodologia de avaliação do caráter das praças, proposta por Yamaki (2008), que atribuiu qualidade e aprofundamento ao estudo das praças da cidade, gerando assim um resultado coerente e nítido da realidade desses espaços.

Foi feito, também, um estudo e análise de referenciais projetuais considerados relevantes à temática, de modo que foram identificados em cada projeto o conceito e os elementos mais significativos, os quais possibilitaram selecionar características positivas utilizadas na proposta projetual realizada, assim como características negativas a serem evitadas. De um modo geral, as potencialidades de cada projeto são aplicadas da melhor e mais adequada forma possível à proposta projetual desse trabalho, levando em consideração aspectos e relações específicas da cidade e do local em que se insere.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

De acordo com Silva (2008, apud BENINI, 2009, p.59) espaços livres são “os espaços abertos públicos ou destinados a integrar o patrimônio público nos loteamentos, fora as vias de comunicação”.

Tais espaços exercem papel importante no ambiente urbano, pois articulam funções e áreas públicas e privadas. Nesse sentido, os espaços livres exercem quatro funções na sociedade contemporânea (ELY; SOUZA; DORNELES; 2006), a saber: função social, função organizacional, função ecológica e função cultural; no entanto, a inexistência de um planejamento e gestão eficientes dessas áreas culmina na desarticulação desses espaços no interior da cidade.

Macedo e Custódio (2009) apontam que

“a caracterização do sistema de espaços livres públicos urbanos de uma cidade passa por questões como a identificação dos elementos predominantes (praças, parques, ruas e outros), localização, distribuição, acessibilidade física e simbólica, complementaridade, interdependência, hierarquia, conectividade e articulação entre eles; além de aspectos como o formal e o funcional” (MACEDO; CUSTÓDIO, 2009).

Desse modo, esses sistemas não se caracterizam por serem somente conjuntos, mas também como espaços que se relacionam e interagem.

Portanto, os espaços livres de uma cidade (ruas, praças, parques, largos, calçadas, etc) compõem um sistema dinâmico, assim como citado por Toledo e Gonçalves (2008), o qual resulta de intervenções locais sobrepostas que alteram a paisagem urbana.

No caso específico brasileiro, os primeiros espaços livres públicos, caracterizados pelos adros das igrejas, foram gerados a partir do modelo de estruturação urbana das cidades coloniais, constituindo-se assim em importantes espaços de convívio. Constata-se aqui que uma forte característica das praças coloniais brasileiras era a presença de um templo em seu entorno, englobando também nesse espaço várias funções e atividades, no qual se presenciava manifestações dos costumes e hábitos da população e articulavam-se os diversos estratos da sociedade.

Entre fins do século XIX e início do século XX, algumas ruas e praças brasileiras passaram por um processo de ajardinamento, se contrapondo assim à praça medieval vista como pátio ou terreiro e visando transformar a cidade colonial em uma cidade republicana. Nesse contexto, a praça perde algumas de suas antigas funções, sendo

então destinada à contemplação da natureza e ao descanso (MACEDO E ROBBA, 2003, p.27).

O novo aspecto desse espaço e a conseqüente atração de usuários com comportamentos mais formais implica na adoção de algumas normas de conduta e comportamento bastante rígidas e hierarquizadas para frequentá-la. Um exemplo de praça nesse novo contexto é evidenciado nos Jardins da Matriz, em Manaus (MACEDO E ROBBA, 2003, p.28).

De acordo com Macedo e Robba (2003, p.30), ao longo das primeiras décadas do século XX, o modelo da praça ajardinada tornou-se um padrão de qualidade do espaço livre, e mesmo os mais antigos e tradicionais logradouros passaram por tratamentos paisagísticos e ajardinamentos. Tais praças caracterizaram uma linha de arquitetura brasileira denominada *Ecletismo*, na qual eram utilizados vários estilos e influências para compor um padrão de projeto com forte unidade.

Em meados do século XX, com a modernização e adensamento da cidade, surgiu a necessidade de ampliar a rede viária, por exemplo, com a construção de ruas entre edifícios do entorno e a praça, o que atribuiu novos significados a este espaço público, como funções de lazer ativo ligadas a atividades esportivas e à recreação infantil. Segundo Macedo e Robba (2003, p.37), essa linha de projeto

paisagístico foi denominada Modernismo, e teve forte influência de arquitetos paisagistas como Burle Marx, Thomas Church e Garret Eckbo. Um exemplo de espaço livre com essa concepção foi o projeto do Parque Ibirapuera (1953) em São Paulo. Deste modo, as transformações ocorridas contribuíram para que a praça moderna fosse confirmada como elemento necessário à vida urbana, sendo para tanto baseada na estruturação formal e funcional do espaço, com funções de passagem, lazer ativo e passivo, e convivência.

Já na última década do século XX, houve a busca por novas linguagens projetuais na concepção dos espaços livres e revisão do programa de atividades desses espaços, o que possibilitou o retorno de atividades comerciais e serviços presentes na praça do período colonial. Macedo e Robba (2003, p.42) revelam que atualmente vivencia-se uma fase na qual os projetos de espaços livres urbanos contemporâneos brasileiros mostram-se abertos a muitas influências formais e visuais, presentes na Praça Pio XII (Largo do Fagundes), em Florianópolis (SC), e na Praça Nossa Senhora do Carmo, em Curitiba (PR), as quais são apresentadas nas Fotos 1 e 2:



Foto 1 – Galeria comercial da Praça Nossa Senhora do Carmo
Fonte: MACEDO E ROBBA, 2003.



Foto 2 - Linguagem formal da Praça Pio XII
Fonte: MACEDO E ROBBA, 2003.

Inserido nesse contexto, o espaço público é entendido, portanto, como aquele espaço acessível a todos, que pode conter uma ou várias funções e que não possui forma e tamanho específicos. Abrahão (2008, p.53) aponta que Bernard Huet, arquiteto francês que atribui grande valor de patrimônio cultural e civil à cidade e sua

arquitetura, considerava o espaço público como aquele que condiciona a educação e a cultura, ou seja, como um importante ambiente com grande interferência e reflexo no comportamento e caráter dos indivíduos. Cita também que Paulo César da Costa Gomes – geógrafo e autor do livro *A condição urbana: ensaios de geopolítica das cidades* – argumenta que o espaço público abriga uma configuração física, usos e vivência que possibilitam relacioná-lo à condição de cidadania, assim como apontado por Huet.

“Mark Francis, por sua vez, considera o ‘direito das pessoas de controlar seu uso e o deleite dos lugares públicos’ um dos ingredientes essenciais do sucesso dos espaços urbanos. Para ele, os espaços públicos são paisagens participantes, e o controle do usuário pode ser compreendido com base nas cinco dimensões propostas por Kevin Lynch para construir ‘bons’ ambientes: presença, uso e ação, apropriação, modificação e disposição” (ALEX, 2008, p.20).

Gomes ainda descreve de maneira mais nítida a configuração desse espaço, evidenciando a garantia do acesso a todos, tal como apontado por Abrahão (2008, p. 175-176):

“A configuração física desse espaço público ocorria, para Paulo Gomes, em qualquer tipo de espaço (a praça, a rua, o shopping, a praia) onde não houvesse obstáculo à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Para ele,

esse espaço era o *locus* da lei, onde as diferenças deviam estar submetidas às regras de civilidade” (ABRAHÃO, p.175-176, 2008).

Panerai (2006, p. 79,81) apresenta outra definição de espaço público:

“O espaço público compreende a totalidade das vias: ruas e vielas, bulevares e avenidas, largos e praças, passeios e esplanadas, cais e pontes, mas também rios e canais, margens e praias. Esse conjunto organiza-se em rede a fim de permitir a distribuição e circulação. A rede é contínua e hierarquizada [...]” (PANERAI, 2006, p. 79,81).

Macedo e Robba (2003, p.44-45) acrescentam que os espaços livres urbanos possuem várias qualidades, das quais se destacam: aspectos ambientais (melhoria na ventilação e aeração urbana, melhoria da insolação de áreas muito adensadas, ajuda no controle da temperatura, melhoria na drenagem das águas pluviais com superfícies permeáveis, proteção do solo contra a erosão, e proteção e valorização dos mananciais de abastecimento, dos cursos d’água, lagos e represas contra contaminações e poluição), aspectos funcionais (importante opção de lazer urbano), e aspectos simbólicos (objetos referenciais e cênicos na paisagem da cidade). Por isso sua importância se torna ainda mais expressiva.

“Em vários países, políticas urbanas destacam a questão da melhoria da qualidade de vida nas grandes cidades por meio do resgate de espaços públicos e coletivos, assim como de estruturas arquitetônicas degradadas. Assim, projetos de intervenção em conjuntos urbanos ou áreas de praças têm ocorrido com maior frequência” (CALDEIRA, 2007, p. 5).

Dentre os espaços públicos mais comumente encontrados nas cidades, temos as praças. Nesse sentido, entende-se que a praça é o lugar inserido na malha urbana da cidade, que se transforma de modo a se adequar às relações e mudanças nas diversas esferas (políticas, econômicas, sociais, culturais).

“A praça representa uma espécie de espaço camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções, sem perder sua essência como espaço coletivo” (CALDEIRA, 2007, p. 14).

A seguir, apresentamos alguns conceitos de praça ou outros relacionados a ele.

“[...] a praça é, por excelência, um centro, um ponto de convergência da população, que a ela acorre para o ócio, para comerciar, para trocar idéias, para encontros românticos ou políticos,

enfim, para o desempenho da vida urbana ao ar livre” (MACEDO; ROBBA, 2003, p. 11).

“[...] Espaço este que se conforma por várias aberturas no tecido urbano que direcionam naturalmente os mais diversos fluxos em busca dos, também, mais diversos usos, que imprimem a esse espaço o caráter de lugar e ponto central de manifestação da vida pública. É, em sentido amplo, o espaço para a troca” (ALEX, 2008, p.10).

Segundo Alex (2008, p.23), a praça apresenta importância, principalmente relacionada a seu valor histórico e permanência na memória e vida de seus antigos e atuais usuários.

“A beleza de uma praça é constituída a partir da história que ela carrega, de seu desenho paisagístico e de seu conjunto urbanístico. A integração entre morfologia, estética e apropriação é que permite a formação de praças, como espaços simbólicos, lugares de memória, *alma* da cidade” (CALDEIRA, 2007, p. 3).

Assim, ela é articulada aos elementos da paisagem e aos fluxos existentes, conformando uma arquitetura e paisagismo específicos, característicos do local e da população residente onde ela se insere.

“Desse modo, as praças marcam a estrutura das cidades. Diferenciam-se de outros espaços por constituírem vazios na malha urbana. Associados a conjuntos arquitetônicos, funcionam como pontos

de decompressão ao proporcionarem uma ruptura na paisagem conformada pelas edificações” (CALDEIRA, 2007, p. 4).

Cabe ressaltar que as praças atuais vêm sendo descaracterizadas, devido a anseios políticos, influência de projetos internacionais ou multiplicidade desorganizada de usos e apropriações de seu espaço.

“[...] A descaracterização das praças, acentuada a partir dos anos 1950, deve-se não apenas à introdução de inovações funcionais e formas influenciadas pelo paisagismo moderno americano, mas também às transformações do tecido urbano introduzidas por um modelo de planejamento e gestão do espaço da cidade que prioriza o sistema viário e a engenharia de tráfego [...]” (ALEX, 2008, p.278).

Um tipo de uso que aparece em algumas praças contemporâneas é o comercial, em especial o informal. Parte da população que não consegue se inserir no mercado de trabalho formal realiza o comércio informal, atitude justificada pela necessidade de prover/sustentar a família. Exemplos de atividades características da informalidade são o comércio ambulante e o camelô.

“Por comércio ambulante entende-se o comércio exercido no espaço público e que escapa às regras do comércio oficial independente de sua maior ou

menor permanência num determinado espaço” (GOLDFARB, 1989, p.18).

Esse ramo da informalidade apresenta-se em expansão nas cidades de médio e até de pequeno porte, aliados a crise econômica e social vivenciada pelo país, como consequência do aumento da miséria, pobreza e desemprego. Já em relação aos camelôs, Corazza (1994, p.6) aponta que:

“O problema dos camelôs começa com a conceituação imprecisa do seu ofício. A rigor não se trata de comércio ambulante - a maioria dos camelôs se estabelece em pontos fixos. E prossegue com o sistemático desacordo entre a lei e o fato. A legislação municipal considera esse tipo de comércio como preferencialmente reservado a deficientes físicos, idosos ou àqueles que, por uma ou outra razão, não podem concorrer no mercado de trabalho. O fato vai contra a lei: a grande maioria dos camelôs ou marreteiros são pessoas jovens e saudáveis. O tipo de mercadorias à venda, apesar das restrições legais, parece infinito em sua diversidade: de alimentos perecíveis e bebidas alcoólicas a artigos eletrônicos sofisticados, passando por vestuário, brinquedos, bijuterias, remédios e cigarros. Os pontos de venda localizam-se em qualquer parte onde haja intenso fluxo de pedestres, seja nas entradas das estações de metrô ou nos terminais de ônibus, seja nas portas dos hospitais ou passarelas de pedestres, seja nos viadutos ou parques” (CORAZZA, 1994, p.6).

Esse tipo de atividade, porém, não pode ser considerado um fator de desqualificação da cidade, caso não prejudique a qualidade de vida urbana. Sua capacidade de imprimir uma marca de degradação à paisagem, através da concentração e localização inadequada dos camelôs que congestiona espaços de circulação e impede o reconhecimento e identificação desses locais como espaço público, é que deve ser questionada como problema.

“A presença maciça e indiscriminada de camelôs nos espaços públicos prejudica a qualidade de vida e desvaloriza a estética urbana. A feiúra que imprime aos logradouros e bens histórico-arquitetônicos é um dado objetivo, empiricamente verificável: a cenografia da cidade sofre com a sua intervenção” (CORAZZA, 1994, p.11).

Corazza (1994, p.12) ainda aponta que a situação descrita demonstra que a cidade, principalmente em sua área central, “se torna refém do comércio de rua”, que não é fiscalizado ou punido de modo eficiente pelo poder público e autoridades que ignoram o problema e suas consequências.

É importante destacar que, quando situadas em áreas centrais, a praça e outros espaços públicos apresentam uma situação contrastante, principalmente nas cidades contemporâneas, tal como apontado por Whitacker (1991, p.48):

“Ao mesmo tempo que cria em seu interior também novas modalidades de comércio e mesmo uma concentração residencial que obedece, ainda, em especial em nossa cidade, a um processo bifacético em sua forma: o centro é (ainda) onde moram os ricos, mas (cada vez mais) onde compram os pobres” (WHITACKER, 1991, p.48).

Todos os apontamentos realizados enfatizam as mudanças ocorridas no espaço da praça e que culminam na falta de identidade da mesma como área de lazer para a população (AMORIM, 2001):

“Na realidade, o espaço existe, todavia, o problema está nas condições em que essas áreas se encontram, pois na maior parte das vezes, foram destinadas para tais fins, mas não ocorreu a sua efetivação, visto que deveriam estar presentes tanto a vegetação como o sistema de lazer para a população” (AMORIM, 2001, p.39).

Desse modo, o espaço público atual apresenta uma transformação constante, tal como apontado por SERPA (2007):

“O espaço público transforma-se, portanto, em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos. Consequentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente” (SERPA, 2007, p.36).

Devido a essa constante transformação do espaço público e da cidade como um todo, relacionada a necessidades ou inadequações materializadas em determinadas áreas, torna-se imprescindível a realização de intervenções no ambiente urbano, principalmente em espaços livres públicos.

Segundo Robba & Macedo (2003, apud SHIMAKAWA, 2008, p.30),

“as intervenções em espaços já consolidados visam readequá-los à dinâmica da cidade, adaptando-os ao novo contexto urbano que os cerca. Esses espaços livres públicos, fundamentais para a qualidade ambiental urbana, estão cada vez mais valorizados devido à diminuição destes na malha urbana, fato ocasionado pelo adensamento da cidade” (ROBBA & MACEDO, 2003, apud SHIMAKAWA, 2008, p.30).

Uma das formas de intervenção urbana existentes é a reabilitação de centros urbanos, a qual está fortemente relacionada à proposta projetual apresentada no presente trabalho.

A reabilitação de centros urbanos é, assim como apontado pela Carta de Lisboa (1995), uma estratégia de gestão que se caracteriza pela instalação de novas atividades econômicas e sociais à cidade existente, com o intuito de melhorar a qualidade de vida da população

e resgatar o vínculo e relações entre os usuários dessas áreas e as mesmas.

“Quando a *renovação urbana* abre espaço para a *reabilitação* (revitalização, regeneração etc.), as práticas urbanísticas, seguindo o método científico, incorporam essa análise inicial (anamnese), reconhecendo o valor da história na cidade e do homem enquanto ser cultural; constatações até então desnecessárias pelas ações das *terras arrasadas*” (CASTILHO; VARGAS, 2006, p.63).

Desse modo, projetos que apresentam essa preocupação com a reabilitação de áreas centrais, em especial as praças, refletem o interesse em promover melhorias à paisagem urbana e à dinâmica da cidade atual, retomando o caráter histórico e importância cultural desses espaços e favorecendo assim a apropriação e uso dos mesmos.

3. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

3.1 Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande

O Plano Local das Zonas Especiais de Interesse Cultural da Região Urbana do Centro (Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande) é um plano estratégico do Poder Público Municipal composto por ações de curto, médio e longo prazo visando consolidar a revitalização da área central de Campo Grande, frente ao processo de degradação da área central da cidade evidente no empobrecimento e esvaziamento gradativo da área e do direcionamento dos investimentos para outros locais da cidade. Isso acarreta na existência de uma área subutilizada, porém privilegiada em termos de serviços e localização. Além disso, é uma área rica em particularidades culturais e sociais ligadas ao patrimônio da cidade, que denota a história da mesma, que acaba se enfraquecendo (PLANURB, 2010).

Esse plano foi elaborado seguindo algumas premissas fundamentais ao seu desenvolvimento e sucesso. Tais premissas eram as seguintes: humanização dos espaços coletivos produzidos; valorização dos marcos simbólicos e históricos existentes; incremento ao lazer e cultura; incentivo à instalação de habitações; preocupação com aspectos ambientais; participação da comunidade na concepção e implantação. Houve a preocupação de que a revitalização não se baseasse somente em critérios funcionais, incluindo também aspectos políticos, sociais e ambientais, o que proporciona ao final um ambiente com vitalidade econômica e social (PLANURB, 2010).

Os objetivos principais do plano eram: dinamização econômica (do comércio e serviços, do turismo, de parcerias visando capacitação), valorização do espaço público (promoção de acessibilidade urbana, humanização e melhora do conforto ambiental dos espaços livres, proposição de iluminação e infraestrutura adequadas, priorização do pedestre na mobilidade urbana, despoluição visual, apresentação de soluções para estacionamento, segurança), animação cultural (uso de espaços da área central para realização de eventos culturais, valorização dos espaços livres existentes, criação de novos espaços de lazer), preservação do patrimônio histórico-cultural, e estratégia de gestão urbana e ambiental (PLANURB, 2010).

Essa estratégia de gestão urbana e ambiental é baseada no fortalecimento da capacidade de planejamento e de gestão democrática, com inclusão das propostas deste Plano Local nas peças orçamentárias da Administração Municipal, segundo as prioridades indicadas por ele. Busca-se também, através dessa estratégia, a articulação com as demais esferas de governo visando o desenvolvimento de ações de responsabilidade partilhada ou conjunta, promoção de parcerias entre os setores público, privado e comunitário para a execução dos programas de ação propostos, o fomento à efetiva participação da sociedade, o estímulo ao fortalecimento das formas de organização associativa da população (PLANURB, 2010).

Após a realização do levantamento de dados e diagnóstico, da elaboração do plano local, da revisão de legislações pertinentes e da prática de investigação prospectiva (exploração de cenários futuros no médio e longo prazos com a finalidade de direcionar o projeto no sentido do futuro desejado – resultados esperados – pelos atores sociais envolvidos), foi definida uma série de diretrizes, assim como apontado pelo PLANURB (2010), das quais algumas constam a seguir:

- Definição de um Circuito Cultural (integração entre Horto Florestal e Parque Orla Morena através de percurso turístico e de lazer com ambientes de animação);
- Revitalização da área externa ao Mercado Municipal (estacionamento transferido para o subsolo e praça e rua de comércio integradas à praça de eventos a ser projetada ao redor do Mercado Municipal);
- Revitalização da Praça Vespasiano Martins (reforço do seu papel histórico);
- Integração do Centro Cultural Otávio Guizzo e do Memorial da Cultura Apolônio de Carvalho (criação de praça de animação com oferta de cursos ao ar livre e exposições abertas);

- Criação do Parque Esplanada, na esplanada da rede ferroviária, no trecho compreendido entre a Avenida Mato Grosso e a Rua Eça de Queiroz;
- Implantação de uma Unidade Administrativa próxima ao Parque Esplanada (promoção de espaços culturais, de lazer e de interesse histórico integrados ao cotidiano da população);
- Definição de diretrizes de preservação para o Colégio Estadual Maria Constança de Barros Machado (integração visual ao Parque Orla Morena e incorporação do bem tombado à paisagem urbana);
- Tratamento dos cruzamentos que compõem a ZEIC-C01 (adoção de medidas moderadoras de tráfego conhecidas como “Traffic Calming”);
- Revitalização e requalificação da Rua 14 de Julho (qualificação do espaço do pedestre considerando o sistema viário existente, recuperação das fachadas e proposição de nova sinalização publicitária).

A seguir, são apresentadas algumas imagens (figuras 1 a 4) sobre os cenários futuros esperados com o projeto de revitalização, baseados nas diretrizes que nortearam o projeto:



Figura 1 - Circuito cultural
Fonte: PLANURB (2010)



Figura 2 - Revitalização da Estação Ferroviária
Fonte: PLANURB (2010)



Figura 3 - Criação do Parque Esplanada na orla ferroviária
Fonte: PLANURB (2010)



Figura 4 - Revitalização da Rua 14 de Julho
Fonte: PLANURB (2010)

3.2 Mercado Popular do Rio de Janeiro

Baseado no projeto de urbanismo, arquitetura e restauro do Mercado do Ver-o-Peso, em Belém, o escritório AAA Azevedo Arquitetos Associados propôs um projeto de Mercado Popular na favela da Rocinha, no Município do Rio de Janeiro, de modo a organizar o comércio informal concentrado na entrada da favela. A obra foi concluída em 2004, e resultou em uma área construída de 1300m², relativa a um terreno com área de 1900m².

A estética do projeto é mostrada nas fotos 3 e 4.

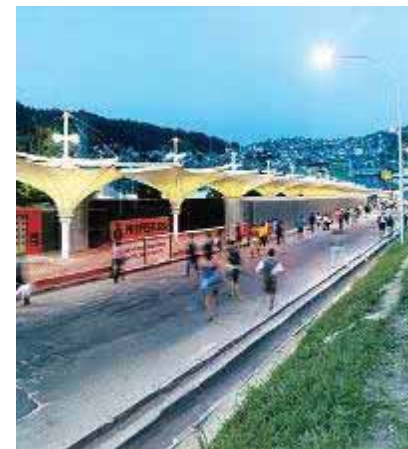


Foto 3 - Vista do Mercado Popular

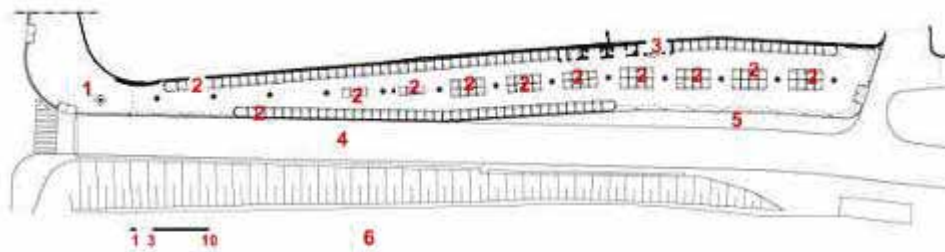


Foto 4 - Estrutura da cobertura

Fonte: www.arcoweb.com.br

O terreno de implantação do projeto foi uma calçada de aproximadamente 150 metros de extensão, com largura variável de seis a vinte metros. Nela, foram organizadas as atividades comerciais sob uma cobertura única executada com lona tensionada, buscando proporcionar fluidez, permeabilidade visual e leveza.

A representação em implantação e corte, do projeto proposto, possibilita uma compreensão rápida e geral do mesmo (Figuras 5 e 6).



Implantação

1. Telefone público 2. Boxes 3. Sala da associação
4. Via local 5. Baía de ônibus 6. Auto-estrada Lagoa/Barra

Figura 5 - Implantação do projeto

Fonte: www.arcoweb.com.br

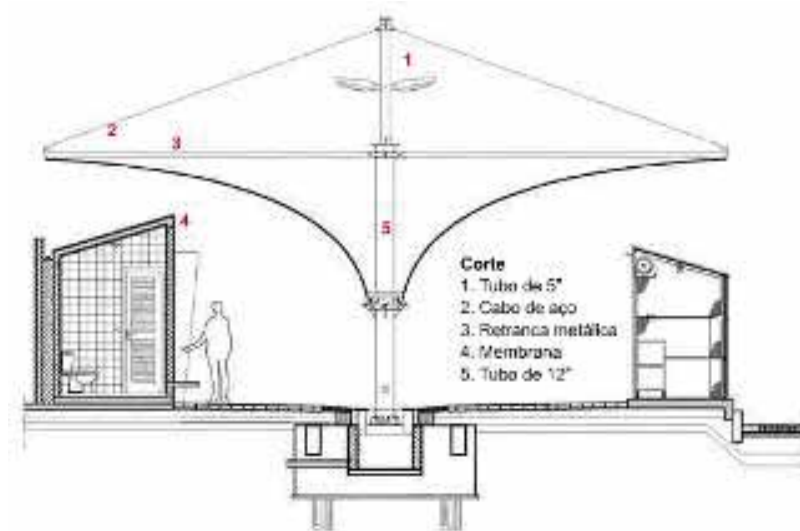


Figura 6 - Corte do projeto
Fonte: www.arcoweb.com.br

Melendez (2005) aponta que, após a implantação do projeto, o Mercado Popular funciona ininterruptamente e tornou-se referência urbana.

3.3 Praça Victor Civita, São Paulo, SP

O projeto da Praça Vitor Civita (Museu Aberto da Sustentabilidade), construído em 2008, é implantado em um terreno amplo, com 13648m². A área construída da praça possui um total de

6136m², distribuídos entre a área coberta (2394m²), o deque de madeira (2074m²) e o deque de concreto (1668m²).

Partindo da necessidade de recuperação de uma área degradada de São Paulo, as arquitetas Adriana Levisky e Ana Julia Dietzsch projetaram a praça elevada, de modo a considerar a questão da contaminação química herdada (incinerador de lixo desativado) e tratar esse espaço, segundo Grunow (2009), como “um volume edificado, que pousa sobre o terreno”. A implantação e o corte do projeto possibilitam caracterizar uma visão geral do mesmo (Figuras 7 e 8).



Figura 7 - Implantação da Praça Victor Civita
Fonte: www.arcoweb.com.br

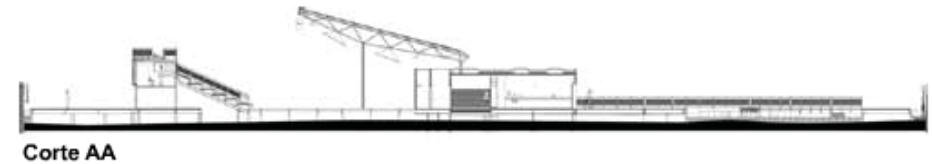


Figura 8 - Corte da Praça Victor Civita
Fonte: www.arcoweb.com.br

Devido à necessidade de tomada de decisões de ordem tecnológica e ambiental, optou-se por incorporar ao projeto da praça, atividades de um museu focado no conhecimento ambiental e cultural. A praça, “marcada pela continuidade do plano horizontal do piso na superfície vertical dos fechamentos laterais”, foi construída utilizando-se materiais e sistemas permeáveis de piso (foto 5), além de serem criadas áreas de agricultura e tratamento para reuso das águas, conformando assim um “percurso museográfico a céu aberto que se interliga às atividades educativas e culturais da praça” (GRUNOW, 2009).



Foto 5 - Desenho contínuo da praça
Fonte: www.arcoweb.com.br

Portanto, essa praça apresenta diferentes usos que conferem a mesma atratividade e espaços diversos que proporcionam bem-estar, tranquilidade e lazer agradável.

3.4 Projetos de Incentivo à utilização de praças

3.4.1 Revitalização de praças com destaque para o ajardinamento e mobiliário urbano

Com o intuito de resgatar o uso e apropriação de praças que hoje se encontram abandonadas e/ou descaracterizadas, diversos projetos de revitalização tem se disseminado pelo território brasileiro, destacando aspectos e melhorias que proporcionariam “nova vida” a esses espaços públicos.

Em Pouso Alegre (MG), o processo de revitalização de praças é fundamentado na valorização do espaço urbano, resultante da promoção do hábito de confraternização social por meio da melhoria da infraestrutura desses locais (PREFEITURA DE POUSO ALEGRE, 2010).

Já o município de Itapema (SC) pretende atrair usuários aos espaços públicos da cidade através da ampliação das áreas de ajardinamento, tornando o ambiente urbano belo (SANTA CATARINA 24 HORAS, 2011).

Prática semelhante é desenvolvida pela Prefeitura de São Paulo, com a denominação de “Projeto Florir”. Nesse projeto, cada praça contemplada com ajardinamento (e calçamento adequado) ganha um zelador responsável pela limpeza e manutenção do paisagismo (SINDPD, 2011).

Outra cidade importante no cenário nacional, o Rio de Janeiro (RJ), iniciou projeto de revitalização de praças, denominado “A Praça é Sua”. Tal projeto abrange as seguintes ações: recuperação das calçadas; reparo de árvores, jardineiras, muretas e mobiliário urbano; limpeza do sistema de drenagem e manutenção da iluminação. Através dessas ações busca-se recuperar esses espaços e devolvê-los à população, para que sejam utilizados e apropriados como bens dos próprios cidadãos (O GLOBO, 2010).

3.4.2 Requalificação de praças com a promoção de novas atividades e eventos

Além de propostas que buscam o resgate de espaços públicos através de modificações na configuração e mobiliário das praças, há programas e projetos que visam, além das ações acima citadas, ampliarem os usos e atividades vivenciadas nelas.

A Prefeitura de São Paulo, por exemplo, lançou em 2005 o projeto “PraçaAção”, que visa transformar as praças da cidade em áreas vivas, ativas, apropriadas como espaços pedagógicos, de lazer e de manifestações culturais. É estabelecido então um convênio entre a prefeitura e um parceiro (pessoas, associações ou empresas), no qual a responsabilidade de efetuar a manutenção do espaço é direcionada ao parceiro, que adquire também a possibilidade de implantar um projeto paisagístico na praça, supervisionado pela subprefeitura da área. Além disso, é permitido ao parceiro colocar placas publicitárias no espaço público, de acordo com critérios pré-estabelecidos. Em suma, a intenção desse projeto é promover espaços dinâmicos e marcados pela participação da comunidade (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2005).

Um projeto interessante aplicado em praças de Teresina (PI) é o “Música na Praça”, idealizado pela parceria entre a prefeitura e a escola de música da Universidade Federal do Piauí, em que a idéia é promover apresentações musicais e assim resgatar alguns pontos da cidade (MEIO NORTE, 2007).

Em Porto Velho (RO), o projeto “Cultura na Praça” apresenta características semelhantes ao citado anteriormente. É baseado na valorização de artistas da terra, que integram uma programação diversificada localizada nas praças, através da promoção de espetáculos teatrais, shows musicais, apresentações de dança, exposições de artes plásticas e fotografias. Além de proporcionar esses espaços, a prefeitura remunera os participantes com uma quantia simbólica, gerando assim um ciclo favorável a todas as partes: os artistas ganham prestígio e remuneração, a comunidade adquire entretenimento e os expositores aumentam o volume de vendas (PREFEITURA DE PORTO VELHO, 2009).

O Estado de Minas Gerais, por meio do programa “Minas Olímpica Saúde na Praça”, está reformando e construindo praças públicas para a prática de esportes, com orientação de profissionais de educação física, fisioterapia e nutrição. Esses espaços são equipados de modo a promoverem, além da prática da atividade física e esportiva (foto 6),

“o lazer ativo e a educação e integração na perspectiva da ação transformadora da qualidade de vida e de acesso aos direitos sociais da comunidade levando em consideração a conscientização da utilização do tempo livre para a promoção de uma vida mais saudável” (SAÚDE NA PRAÇA, 2010).

Desse modo, esses espaços são pensados para a comunidade, com acessibilidade e segurança necessários a convivência e inclusão social, promovendo também atividades de consciência ambiental (foto 7).



Foto 6 - Projeto Saúde na Praça



Foto 7 – Prática de consciência ambiental

Fonte: www.saudenapraca.com

Por fim, um último projeto a salientar é o da “Praça do Idoso”, praça inaugurada em 2008 no município de São Paulo (SP). É dedicada aos idosos, sendo equipada com vinte e um aparelhos para

realização de exercícios físicos. O projeto foi inspirado em outro desenvolvido em Madrid, na Espanha (PRAÇA DO IDOSO, 2011).



Foto 8 - Praça do idoso

Fonte: www.pracadoidoso.com.br

Possibilita, aos idosos, realizar exercícios para fortalecer a musculatura e o equilíbrio, contribuindo para a prevenção de quedas e fraturas; não há instrutores na praça, apenas placas informativas sobre o uso adequado de cada aparelho (foto 8).

3.5 Análise dos referenciais projetuais

Ao final da descrição e análise dos projetos adotados como referenciais, foi possível identificar características interessantes e qualificativas dos espaços.

Em relação ao Plano de Revitalização do Centro de Campo Grande, essas características compreendem: exploração de cenários futuros de médio e longo prazos (controle das etapas), valorização de marcos simbólicos e históricos existentes (identidade local), e participação da comunidade na concepção e implantação (fortalecimento da cidadania e vitalidade social). O aspecto negativo desse plano é a questão financeira, pois será necessária uma quantia elevada de recursos para a realização dos diversos projetos inseridos na proposta de revitalização.

Já o projeto do Mercado Popular do Rio de Janeiro apresenta as seguintes qualidades: permeabilidade (facilidade e multiplicidade de acessos à edificação); funcionalidade (distribuição equilibrada das atividades e integração dos espaços); conforto térmico (adoção de princípios de iluminação e ventilação naturais); e estética expressiva (arquitetura contemporânea de grande plasticidade). Porém é necessário destacar um aspecto negativo, a ausência de paisagismo, o

qual poderia valorizar o projeto, se explorado de maneira adequada. Elementos como vegetação e espelhos d'água poderiam agregar qualidade estética aos espaços projetados e melhorar o conforto no interior e exterior do Mercado.

Por outro lado, o estudo da Praça Vitor Civita possibilitou apontar elementos significativos, que proporcionam ambientes interessantes e aprazíveis: definição de áreas relativas à passagem e outras relacionadas ao descanso, contemplação, lazer e outras atividades (setorização dos espaços); respeito a características históricas que marcaram ou ainda marcam o local, tais como vegetação nativa, eixos ou caminhos definidores do espaço, edificações pré-existentes (valorização da identidade da área); visibilidade resgatada ou melhorada, eliminando obstruções existentes ou atribuindo nova forma e estética às mesmas.

Em relação aos projetos de incentivo à utilização de praças, destaca-se como qualidade marcante a necessidade de, além de melhorar a estética desses locais, possibilitar a ocorrência de diversas atividades nas praças, incentivando seu uso e apropriação.

Desse modo, os elementos que atribuem qualidade ao conjunto de referenciais projetuais, evidenciados ao final da análise, influenciaram o projeto final proposto para a área de estudo.

4. ÁREA DE INTERVENÇÃO

4.1 Breve histórico do Município de Presidente Prudente

Inicialmente, a região do extremo oeste paulista foi ocupada e se desenvolveu paralelamente ao avanço da cultura cafeeira nessa área. Os grandes latifundiários que aqui chegavam, adquiriam terras visando loteá-las, ou seja, os proprietários de terras dividiam-nas em pequenas propriedades para venderem os lotes resultantes.

Nessa época, ocorria também a expansão da Estrada de Ferro Sorocabana em direção à região do oeste paulista, fornecendo a infraestrutura de transportes necessária para a economia cafeeira. Portanto, a ferrovia foi grande impulsionador da ocupação dessas terras, favorecendo conseqüentemente a multiplicação de núcleos urbanos ao longo da estrada de ferro, que se situava na linha dos espigões. Presidente Prudente foi um dos núcleos urbanos favorecido por essa situação, já que a ferrovia exerceu grande impulso em seu desenvolvimento.

Inserido nesse contexto, Abreu (1972, p.45) aponta que o município de Presidente Prudente surgiu a partir de dois núcleos

urbanos, a Vila Marcondes e a Vila Goulart, colonizados e loteados pelos Coronéis José Soares Marcondes e Francisco de Paula Goulart, respectivamente, os quais eram fazendeiros de café que comercializavam terras e que tiveram forte influência na fundação e desenvolvimento desse município.

A Vila Goulart, povoado que nasceu em 14 de setembro de 1917, foi a primeira área do núcleo urbano a ser loteada, sendo demarcada pelas ordens do Cel. Francisco de Paula Goulart, que era proprietário dessas terras. Já do outro lado da linha férrea, a Vila Marcondes foi traçada a partir do loteamento das terras, realizado pelo Cel. José Soares Marcondes, em 1919, tendo como função abastecer o núcleo urbano com gêneros e instrumental de trabalho. Tal situação é lembrada por Abreu (1972, p.65), ao afirmar que:

“Paralelamente à colonização Goulart, à margem esquerda da linha férrea de quem vem de São Paulo, desenvolveu-se a colonização Marcondes, à margem direita dos mesmos trilhos, embora com características diferentes [...]” (ABREU, 1972, p.65).

O processo de formação e desenvolvimento desses dois setores ou áreas está relacionado à estrada de ferro, que atuou nessa divisão caracterizada pela posição dos dois setores perante a ferrovia, a leste

ou a oeste da mesma; contudo, o crescimento dos dois setores favoreceu a fusão entre eles e proporcionou a criação do município.

É importante ressaltar que a expansão da cidade ocorreu com maior ênfase a oeste da ferrovia, que era uma área favorecida pelo relevo mais suave que o existente a leste da estrada de ferro, e que também foi beneficiada pela posição da estação ferroviária, cujas portas estavam voltadas para a Vila Goulart (MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO PREFEITO ANTÔNIO SANDOVAL NETTO, 2010).

Diante desse cenário, o ano de 1921 marca a criação do município de Presidente Prudente, que apresentou em seu início uma estrutura agrária organizada através da pequena propriedade, sendo a cultura cafeeira a atividade econômica predominante, assim como descrito por Abreu (1972, p. 96).

“[...] a economia do município organizava-se inicialmente em torno do café e das plantações subsidiárias e depois, do algodão e da criação. [...] estabeleceu-se, economicamente, uma relação cidade-campo que influenciou na estratificação social” (ABREU, 1972, p.96).

Porém, a monocultura cafeeira passou por uma crise, a qual levou ao declínio dessa atividade e ascensão da cultura do algodão e da pecuária de corte, que foi ganhando importância à medida que

áreas ainda não exploradas foram desmatadas para formação de pastagens.

A cidade de Presidente Prudente foi, aos poucos, tornando-se importante centro comercial de beneficiamento de produtos agrícolas e de prestação de serviços para a região do oeste paulista, iniciando sua vocação de centro regional que, através de sua rede viária, se ligava as demais cidades e regiões. Abreu (1972, p. 332) confirma essa ascensão:

“Dotada desde cedo de instituições administrativas (distrito policial, distrito de paz, município e comarca), religiosas e de prestação de serviços como o médico e o escolar, Presidente Prudente tornou-se paulatinamente centro regional da Alta Sorocabana, o que contribuiu para a multiplicação de empreendimentos urbanos” (ABREU, 1972, p.332).

De modo geral, as mudanças na estrutura político-administrativa municipal e o processo de crescimento populacional, expansão urbana (figura 9) e ampliação do município proporcionaram à cidade características de pólo regional, tais como principal centro comercial, de serviços e de infra-estrutura.

4.2 Delimitação da área e do objeto de estudo

A área de intervenção do projeto urbano proposto compreende as quatro praças centrais da cidade de Presidente Prudente – Praças Monsenhor Sarrion, 9 de Julho, da Bandeira e Nossa Senhora Aparecida – as quais estão dispostas ao longo de um eixo, cujo elemento articulador e de ligação é o Calçadão da área central da cidade (figura 10 e 11).

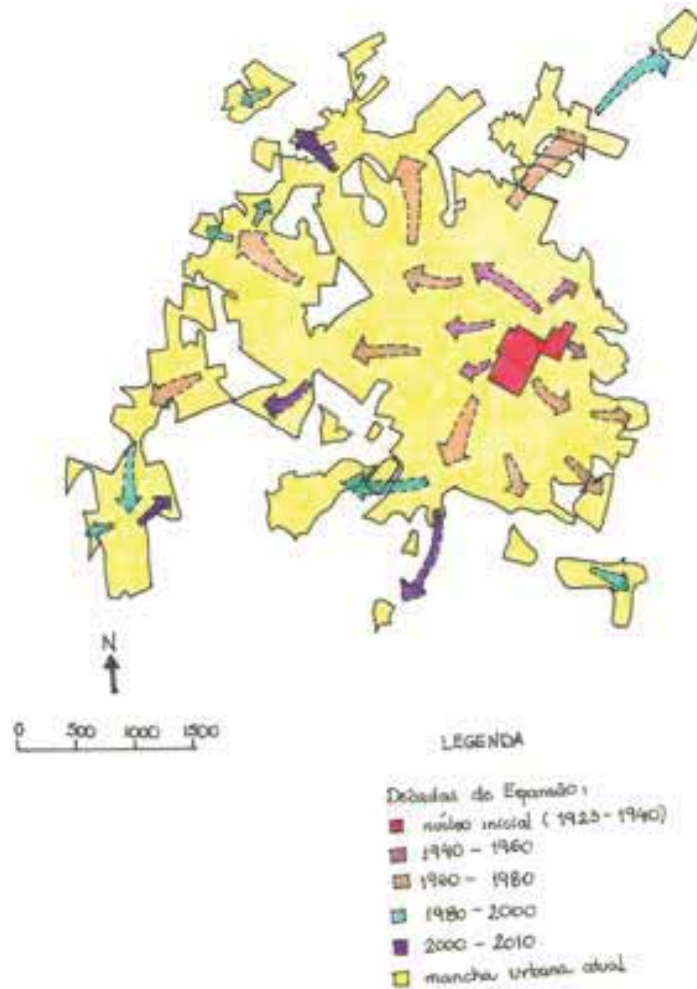


Figura 9 - Esquema da expansão territorial urbana horizontal de Presidente Prudente (1923-2011)

Fonte: TORREZAN (1992), adaptado por BISPO (2011)

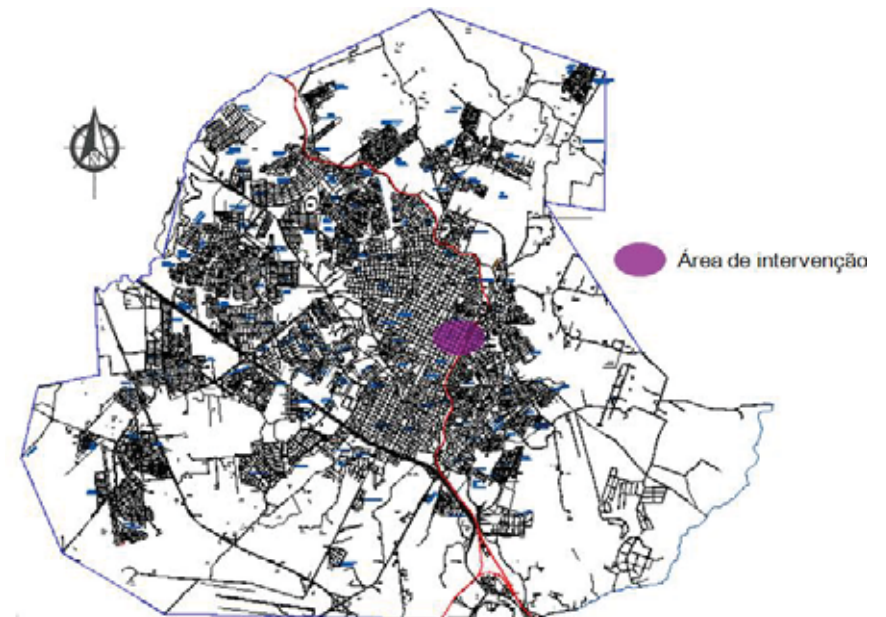


Figura 10 – Delimitação da área de intervenção na cidade

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE (2008), adaptado por BISPO (2011)



Figura 11 - Imagem aérea da área de intervenção
Fonte: Google Earth, 2011 (adaptada)

Esse eixo de espaços livres se inicia na Praça Monsenhor Sarrion, a qual se liga visualmente à Praça 9 de Julho. Uma das laterais dessa segunda praça é unida ao Calçadão, uma rua corredor que se conecta a outra praça da cidade, a da Bandeira.

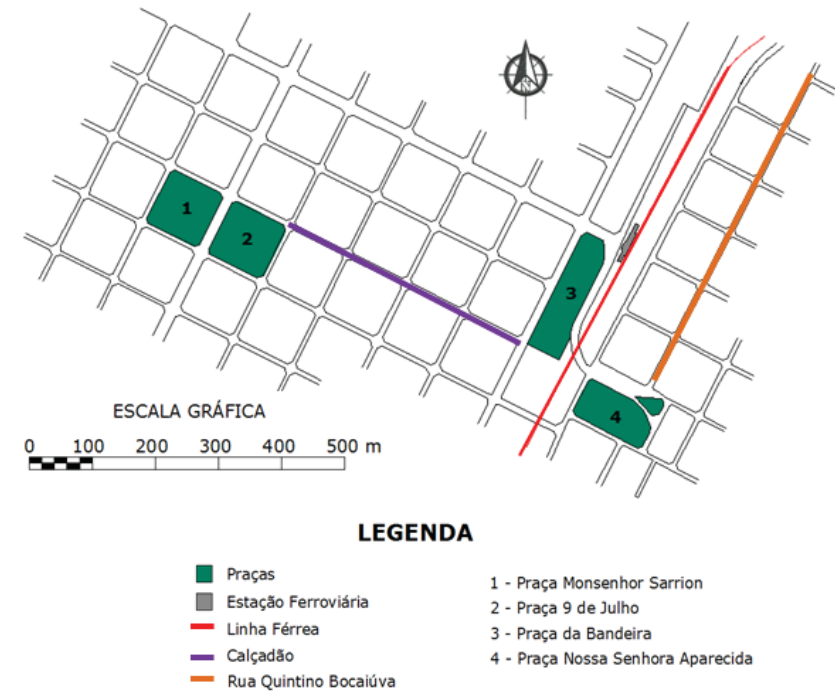


Figura 12 – Esquema do eixo de espaços livres centrais
Fonte: BISPO (2011)

A Praça da Bandeira, por sua vez, apresenta certo vínculo com a Praça Nossa Senhora Aparecida, última das quatro praças que compõem esse sistema de espaços livres públicos. Essa praça ainda se vincula a outra rua importante e que também está inserida na área de intervenção, a Rua Quintino Bocaiúva (figura 12).

Todo esse complexo conjunto, com qualidades ambientais e históricas importantes fazem parte, portanto, da espacialidade a ser tratada nesse trabalho.

Delimitada a área de estudo, será relatado brevemente o histórico de cada praça e rua nela presente, visto que há escasso material sobre esses espaços públicos da cidade.

4.2.1 Praça Monsenhor Sarrion

Delimitada pelas Ruas Tenente Nicolau Maffei, Barão do Rio Branco, Ribeiro de Barros e pela Avenida Cel. José Soares Marcondes, a Praça Monsenhor Sarrion está situada no quadrilátero central do Município de Presidente Prudente (foto 9). Foi inaugurada na década de 1940 (MANCINI, 2008, p.54), após ser iniciada a construção da Catedral de São Sebastião, em 1934, a qual foi terminada em 1942. Recebeu esse nome em homenagem ao pároco Monsenhor José Maria Martinez Sarrion, que participou de sua construção.



Foto 9 - A praça em 1947

Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Segundo Mancini (2008, p.54)

“a praça, com desenho de praças de estilo clássico, possuía traçado simétrico, constituído por grandes jardins, além de um coreto. O local, entre outras funções importantes, tornou-se uma das principais áreas verdes do centro da cidade, pois constituiu um conjunto com a Praça Nove de Julho, que está justaposta a ela. Nesta praça, além dos jardins, existia um coreto [...]” (MANCINI, 2008, P.54).

A vegetação era muito apreciada, na qual se destacava a presença de flamboyans e figueiras (REZENDE, 2006, p. 212).

É um espaço público com características ligadas à religião e ao transporte coletivo da cidade, que atraem grande número de usuários à praça, os quais a utilizam predominantemente como local de espera ou passagem. A existência dela e da Praça 9 de Julho proporcionaram à população um espaço de lazer e a valorização dos terrenos ao redor

das praças, favorecendo a construção de edificações importantes, como a Prefeitura Municipal e a Procuradoria de Justiça do Estado. Essa valorização progressiva, principalmente a partir dos anos 1950, levou à verticalização das edificações da área (foto 10), bloqueando assim a visualização da igreja como marco da paisagem central (MANCINI, 2008, p.56). Além disso, tornou-se um ponto centralizador das linhas de transporte coletivo da cidade, decorrente de sua localização estratégica.



Foto 10 - Verticalização ocorrida na área

Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Mancini (2008, p.57) aponta que, em meados da década de 1980, a área central da cidade concentrava grande fluxo de veículos e circulação de pessoas, o que levou à transformação de uma parte da

praça em estacionamento, através da derrubada do coreto existente na praça e de parte da arborização. Após esse fato, a praça foi tombada; porém esse tombamento foi revogado posteriormente. Em 2003 foi realizada uma nova alteração, com diminuição das calçadas, troca de pisos e mobiliário urbano, obras destinadas a criar baias para estacionamento dos ônibus das empresas de transporte coletivo e melhorar a acessibilidade à praça. Resultou-se assim em clara descaracterização de sua configuração original.

Após todas essas modificações, a Praça Monsenhor Sarrion possui atualmente, segundo Mancini (2008, p.58), uma área total de 7537 metros quadrados, dos quais 30% correspondem a áreas permeáveis e 70% a áreas impermeáveis.

4.2.2 Praça 9 de Julho

Também inserida na área central da cidade, a Praça Nove de Julho é identificada como principal praça da cidade, visto que se tornou uma referência na memória da população. Possui usuários de diversas faixas etárias, principalmente idosos. Conserva ainda seu

traçado original e qualidades ambientais que convidam os transeuntes a desfrutar de seu espaço e de seus atrativos.

Está separada da Praça Monsenhor Sarrion somente pela Avenida Cel. José Soares Marcondes; a localização privilegiada desses espaços na topografia da cidade define-os como referenciais, ícones do cenário urbano de Presidente Prudente.

Foi urbanizada e inaugurada em 1933 (foto 11), sendo que o jardim só surgiu em 1935 (REZENDE, 1992, p.64), seguido pela construção do coreto, o qual simbolizava a união da cidade (fotos 12 e 13).



Foto 11 - Urbanização da praça na década de 1930
Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.



Foto 12 - Os jardins da praça na década de 1940
Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Rezende (2006, p.207) aponta que a praça

“tornou-se a magia da cidade. Dos seus quatro lados, cada face do quadrado possuía uma empolgação. A fé se representava pela Matriz de São Sebastião. O lazer, pelo Cine Joao Gomes. A política, pelo Bar Cruzeiro do Sul. E a tradição, pela casa avarandada de Pedro Furquim. À medida que a cidade crescia, as árvores ficavam frondosas, agasalhando pássaros, casais de namorados e o povo, felizardamente comunitário” (REZENDE, 2006, p.207).

A praça era, nesse sentido, palco de todo tipo de atividade, desde as cívicas até as românticas e festivas.



Foto 13 – Antigo coreto e fonte luminosa na década de 1940
Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Porém esse cenário agradável foi alterado em 1953, época em que o modismo de praças destituídas de arborização surgiu na cidade. O coreto foi demolido, dando lugar à fonte luminosa anos depois, o traçado da praça também sofreu pequenas modificações (MANCINI, 2008, p.53) e os canteiros que cercavam os jardins foram destruídos, assim como as árvores presentes neles (foto 14). Rezende (2006, p.207) destaca que em 1955 a praça foi remodelada com sua configuração atual. Com o tempo, novos equipamentos foram adicionados, como o pequeno teatro de arena e espaços com mesas e bancos para jogos de damas, xadrez e de cartas.



Foto 14 - Praça 9 de Julho em meados da década de 1950
Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

A partir das décadas de 1950 e 1960 foi iniciado o processo de verticalização do entorno da praça (foto 15).



Foto 15 - Início da verticalização do entorno da praça em 1961
Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Atualmente, Mancini (2008, p.58) afirma que a Praça Nove de Julho apresenta 7823 metros quadrados, dos quais 22% equivalem a áreas permeáveis e os 78% restantes a áreas impermeáveis.

4.2.3 Praça da Bandeira

As características iniciais da Praça da Bandeira foram descritas por autores como Santos (2001, p.218):

“Nos primórdios da cidade, a hoje desgastada Praça da Bandeira foi um dos locais mais alegres, para onde o povo se dirigia a fim de ver o trem chegar na estação. Rapazes e moças usando suas melhores roupas, iam ao grande largo namorar, ou em busca de encontrar o par dos seus sonhos. Havia o coreto, onde a bandinha se apresentava e os políticos soltavam o verbo, na caça aos votos. A Praça da Bandeira é fonte nobre da história da cidade” (SANTOS, 2001, p. 218).

É preciso ter em mente que a área onde foi construída a praça era o espaço da esplanada da Estação Ferroviária de Presidente Prudente e que apresentava uma ampla área aberta, acessível e muito utilizada.

“Ainda com respeito às vias públicas, este governo conseguiu que a direção da Estrada de Ferro Sorocabana cedesse à Prefeitura a área da esplanada da estação para transformá-la em mais um jardim para a cidade. Desde há muitos anos que as várias administrações municipais solicitavam à direção da ferrovia esta providência sem qualquer resultado. A solução foi a própria

Prefeitura construir o logradouro que depois tomou o nome da Praça da Bandeira” (ABREU, 1972, p. 315).

As fotos 16 e 17 a seguir possibilitam identificar todos os aspectos citados, além do problema com erosões ocorrido na década de 1920:



Foto 16 - Esplanada da Estação Ferroviária

Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.



Foto 17 - Erosões na área da esplanada da estação, na década de 1920

Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

A construção da Praça da Bandeira, no ano de 1925, propiciou ao recém fundado Município de Presidente Prudente mais um espaço público para o convívio e lazer de sua população. Caracterizava-se inicialmente como um espaço de espera, no qual as pessoas que aqui chegavam tomavam conhecimento do lugar onde estavam e aguardavam a chegada de charretes que iriam transportar suas malas e encomendas; atrelado a isso, a praça também suscitava um convívio social, em especial encontros românticos inseridos em um tempo em que a saudade e outras emoções se faziam presentes nas praças e no centro da cidade.



Foto 18 - Praça da Bandeira (1930) Foto 19 - Praça da Bandeira (déc. de 1950)
 Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Percebe-se que a praça apresentava um cenário agradável (Fotos 18 e 19) e integrado ao cotidiano da população da época, o qual foi se modificando ao longo dos anos:

“Entre as décadas de 50 e 70 do século passado, ocorre o declínio da importância do transporte

interurbano por via férrea, tendo impactos diretos sobre o papel e a intensidade de usos dessa praça, uma vez que sua centralidade diminuiu, deixando de ser o primeiro espaço a ser apropriado pelos que chegavam à cidade” (AGOSTINHO, 2009, p.45).

Aliado a isso, o crescimento populacional elevado das cidades e o desenvolvimento e disseminação dos automóveis e ônibus como meios de transporte mais rápidos, modernos e práticos favoreceram a ocupação de áreas mais distantes do centro da cidade. Todos esses fatos demonstraram a falta de conexão entre duas zonas da cidade de Presidente Prudente, zona leste e zona oeste, que possuíam características de diferentes épocas da história da cidade.

Em resposta à disseminação dos veículos sobre rodas e à problemática da barreira imposta pelos trilhos do trem, foi iniciada, no início da década de 1980, a construção do viaduto Comendador Tanel Abbud como forma de integrar as duas zonas da cidade ligando a Avenida Washington Luiz com a Vila Marcondes. Essa obra atribuiu um aspecto pesado e sem vida à paisagem da praça, cuja qualidade ambiental foi fortemente afetada (Fotos 20 e 21).



Foto 20 - Praça de Bandeira (1986)



Foto 21 - Viaduto Tanel Abbud (1986)

Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

É visível, nas fotos, a barreira visual e física imposta pelo viaduto, iniciando o processo de descaracterização da praça:

“[...] Naqueles tempos a Praça da Bandeira não ganhara a massa de concreto, nada arquitetônica, do viaduto, para ligar a cidade com a Vila Marcondes. A estrada de ferro emprestava à paisagem um encanto singular e a mureta que separava a rua da linha de ferro era feita de pequenas colunas de cimento, que deixavam a luz furta-cor deslizar pelos jardins da praça, misturando-lhe o perfume das flores com os reflexos de luzes, ao passar dos carros com seus faróis acesos” (RESENDE, 2006, p.146).

Porém, a construção do viaduto não afetou somente a praça, mas também a rua da estação (Rua Júlio Tiezzi). A obra em questão, tal como apontado por Agostinho (2009), trouxe consequências que comprometeram a paisagem e acesso a esse espaço, visto que a praça foi cercada em sua porção leste.

Assim a praça foi adquirindo um aspecto pouco atrativo, com uso cada vez mais escasso e rápido. Esse cenário de abandono só foi alterado pela transferência dos vendedores ambulantes situados em vários pontos do centro da cidade para um espaço na Praça da Bandeira.

“No ano de 2001, a Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SEDECO) da Prefeitura Municipal encaminha o ofício nº 856/01 ao Ministério Público Estadual, pedindo que os vendedores ambulantes que se encontravam no centro da cidade fossem transferidos para a Praça da Bandeira. Segundo as partes requerentes, havia a disponibilidade da área há vários anos, sendo provisória a transferência dos camelôs para aquela área pública, uma vez que outra área seria procurada para permanência definitiva dos mesmos” (AGOSTINHO, 2009, p.46).

No entanto, a permanência dos camelôs neste espaço foi fortalecida por uma iniciativa da Prefeitura Municipal, que implantou infra-estrutura no local por meio da derrubada de árvores e construção de blocos compostos por 96 boxes, baseada na idéia de que a praça estava abandonada e totalmente descaracterizada. Deste modo, houve a alteração do uso da praça, de lazer e convívio escassos para atividade comercial, sendo desde então identificada como “praça do camelódromo” ou Shopping Popular de Presidente Prudente.

Especificamente no caso do Município de Presidente Prudente, a questão do comércio informal e sua permanência na área central estiveram relacionadas inicialmente, segundo Gonçalves (2000, p.152), ao “desemprego crescente, baixo dinamismo econômico da cidade e da região e política econômica federal”, que contribuíram para aumentar a busca por esse ramo de atividade.

“A falta de postos de trabalho e o baixo nível salarial dos empregos existentes, combinados algumas vezes à idade avançada, levam ao desestímulo para a procura de emprego formal e à permanência cada vez maior dos trabalhadores nesta atividade” (GONÇALVES, 2000, p.152).

Porém, a cidade se desenvolveu e sua situação econômica melhorou gradativamente ao longo dos anos. Atualmente, este tipo de atividade é atrativo, dentre outros fatores, porque gera perspectiva de ascensão social com o próprio negócio, propiciando também maior flexibilidade (liberdade) para o trabalho.

Outrossim, todas as transformações ocorridas desde sua construção compõem a praça, tal como ela é hoje e que pode ser melhor visualizada nas fotos 22, 23 e 24.



Foto 22 – O shopping popular (2010)



Foto 23 – Vegetação (2010)

Fonte: BISPO, 2010.



Foto 24 – O parquinho infantil da praça

Fonte: BISPO, 2010.

Na busca de reverter ou alterar esse quadro de transformações, a atividade projetual a ser desenvolvida permitirá o resgate do uso da praça como espaço público, evidenciando a beleza que a praça já teve em seus primórdios.

4.2.4 Praça Nossa Senhora Aparecida

A Praça Nossa Senhora Aparecida, localizada na Vila Marcondes, é componente importante do desenvolvimento desse bairro.

A igreja edificada ali - Paróquia Nossa Senhora Aparecida - foi fundada em 1940 (BISIOLI, 2010). De acordo com RESENDE (1992, p.77) ela é fruto do trabalho e suor de famílias inteiras que se dedicaram na construção da igreja (foto 25).



Foto 25 - Construção da igreja e da praça na década de 1940
Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Não foram encontradas mais informações sobre a praça, somente alguns desenhos que mostram a configuração inicial dela, alterada pela passagem do Viaduto Comendador Tannel Abbud, e algumas fotografias (foto 26), as quais remetem a essa praça, porém

com outro nome - Praça Anchieta – o qual não foi comprovado por qualquer documento.



Foto 26 - A praça na década de 1960
Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

A praça possuía, além da igreja e de uma caixa d'água da Sabesp existentes atualmente, um coreto (foto 27) e um lago, que ainda permanecem no imaginário de alguns moradores ou frequentadores mais antigos do bairro, visto que atribuíam uma atmosfera agradável e propícia ao lazer.

Esse reservatório de água da Sabesp abasteceu sozinho, e por muito tempo, a cidade inteira (VALDERY, 2001)

Em 1986 a praça se encontrava ainda com o coreto, porém sem o lago, que deu lugar ao viaduto (foto 28).



Foto 27 - O coreto na década de 1980



Foto 28 - A praça em 1986

Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Posteriormente, o coreto foi retirado, completando assim a descaracterização desse espaço público.

4.2.5 Calçadão

O Calçadão da cidade de Presidente Prudente abrange uma área da Rua Tenente Nicolau Maffei, um trecho de cinco quadras caracterizadas pelo uso comercial e de serviços das edificações situadas no alinhamento, salvo exceções como o Banco do Brasil e o Banco Banespa, com intenso fluxo de pessoas no horário de funcionamento dos estabelecimentos comerciais. Essa rua de pedestres é claramente um grande corredor, no qual, segundo HIRAO (2008, p.125), “o mobiliário urbano e o desenho do piso tentam

conciliar circulação e permanência”, o que, às vezes, não é possível, dado que muitas bancas de lojas e mesas de bares extrapolam o limite do espaço privado e invadem o espaço público. Além disso, os painéis e outros elementos publicitários escondem a arquitetura original das edificações, que marcam parte da história da cidade.

Desse modo, é possível encontrar nesse espaço desde algumas redes de grandes lojas até estabelecimentos de pequeno e médio porte, além de várias agências bancárias. O uso residencial resiste, timidamente, em apartamentos e sobrados, porém a área consolidou-se, de fato, como via de consumo de bens e serviços (THOMAS, 2006, p.59-60).

A implantação do Calçadão, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 (foto 29), previa, segundo Thomas (2006, p.61), o fechamento ao tráfego de veículos automotivos nas Ruas Tenente Nicolau Maffei e Barão do Rio Branco, o que só foi efetivado no caso da primeira rua.



Foto 29 - Calçadão em 1979

Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

O projeto desse calçadão, influenciado pelos projetos de rua de pedestres de cidades como São José dos Campos, Curitiba e São Paulo, não foi baseado na realidade prudentina e nos anseios e necessidades da população. Tal fato implica na falta de reconhecimento desse espaço como integrante da história e memória da cidade pela população, que, na época em que ainda não havia sido transformado em calçadão, apresentava forte caráter político e social (foto 30), sendo palco de diversas manifestações (THOMAS, 2006, P.61).



Foto 30 - Rua Tenente Nicolau Maffei em 1954

Fonte: Museu e Arquivo Histórico Prefeito Antônio Sandoval Netto.

Porém, algumas manifestações e campanhas de diversas naturezas ocorrem esporadicamente no calçadão, promovendo assim sua apropriação pelos cidadãos, em especial por aqueles de médio e baixo poder aquisitivo (THOMAS, 2006, p.63). Ademais, continua a se destacar como área dinâmica da cidade que, à noite e em fins de semana, perde sua vitalidade, deixando de ser a “passarela da noite”, definida por RESENDE (1992, p.103), que era nos primórdios da cidade.

Atualmente, foi proposta a revitalização do calçadão, de forma que o mesmo que se torne “cartão postal” da cidade. O valor previsto da obra é de, aproximadamente, dois milhões de reais, provenientes de recursos municipais. Busca-se, através desse projeto, fomentar o comércio, priorizando a acessibilidade e conforto de seus usuários.

Ademais, contempla a troca de iluminação, do mobiliário urbano e do piso.

Porém a padronização das marquises e demais painéis publicitários não estão incluídos no projeto inicial, sendo relegados à vontade e responsabilidade dos próprios comerciantes, ou a criação de legislação específica que estabeleça parâmetros para essa padronização.

4.2.6 Rua Quintino Bocaiúva

A Rua Quintino Bocaiúva é umas das principais vias da Vila Marcondes. Concentra estabelecimentos comerciais antigos e novos, de arquitetura protomoderna e tradicional (fotos 31 e 32).



Foto 31 – Centro Cultural Matarazzo



Foto 32 – Conjunto de sobrados

Fonte: BISPO (2011)

Envolve conjuntos arquitetônicos importantes a serem preservados, pois são parte do patrimônio histórico da cidade.

4.3 Estudos da área de intervenção

4.3.1 Aspectos Gerais

O estudo enfoca uma espacialidade inserida em diferentes zonas da cidade (figura 13). Grande parte é definida como ZCS1, zona em que predomina o uso comercial e de serviços, de ocupação vertical.

Por outro lado, três praças analisadas – Praça Monsenhor Sarrion, Praça 9 de Julho e Praça Nossa Senhora Aparecida - se enquadram na ZE 12, a qual compreende a Zona Especial de Recreação e Lazer. Já a Praça da Bandeira está inserida na ZE 11, Zona Especial de Transporte Intermunicipal Ferroviário, devido à sua relação espacial e visual com a linha férrea e edificações a ela vinculadas.



LEGENDA:

- ZCS1 - Zona de Comércio e Serviço Geral, de ocupação vertical
- ZR3 - Zona Residencial de Alta Densidade Populacional de Interesse Social, e ocupação horizontal e vertical
- ZR2 - Zona Residencial de Média Densidade Populacional, de ocupação horizontal
- ZE - Zona Especial:
 - 08) Zona especial de clubes recreativos
 - 11) Zona especial de transporte intermunicipal ferroviário
 - 12) Zona especial de recreação e lazer

Figura 13 – Mapa do Zoneamento da área de intervenção
 Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE (2008),
 adaptado por BISPO (2011)



Figura 14 – Topografia: curvas de nível da área de intervenção
 Fonte: BISPO (2011)

A área de intervenção está localizada no topo de um espigão, apresentando desnível considerável em direção ao entorno (figura 14).

Além disso, as edificações presentes nessa área apresentam, em sua maioria, um pavimento (figura 15). No entanto, é nítido o processo de verticalização ocorrido ali, marcado por edifícios residenciais localizados principalmente no entorno das praças principais da cidade (Praças Monsenhor Sarrion e 9 de Julho).



LEGENDA:

- não edificado
- 1 pavimento
- 2 a 3 pavimentos
- 4 a 6 pavimentos
- 7 a 11 pavimentos
- acima de 11 pavimentos



ESCALA GRÁFICA

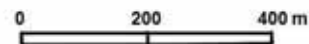


Figura 15 - Gabarito das edificações
Fonte: BISPO (2011)



LEGENDA:

- Residencial
- Comercial / Serviços
- Institucional
- Uso Misto - residencial + comercial/serviços
- Imóvel desocupado/reforma
- Estacionamento
- Polícia Civil/Federal
- Terreno vazio
- Sindicatos



ESCALA GRÁFICA

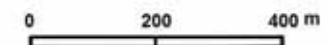


Figura 16 - Uso e ocupação do solo na área
Fonte: BISPO (2011)

O uso predominante na área central é o comercial e de serviços (figura 16). Porém, nos bairros vizinhos ao quadrilátero central, o uso

residencial já aparece de forma mais significativa (Vila Marcondes). Interessante destacar que ao redor da Praça Monsenhor Sarrion há várias edificações de uso institucional, que estão entre as edificações mais antigas da cidade, tais como o Prédio da Procuradoria de Justiça do Estado, a Escola Adolpho Arruda Mello, e outros, que compõem um conjunto arquitetônico importante.

Em relação ao sistema viário, a área é cortada pelas quatro principais vias estruturais da cidade: Avenida Washington Luiz, Avenida Manoel Goulart, Avenida Coronel José Soares Marcondes e Avenida Brasil. O quadrilátero formado pelo cruzamento dessas avenidas é composto predominantemente por vias locais, das quais se destaca a Rua Tenente Nicolau Maffei, que nesse setor, foi transformado em rua de pedestres – o Calçadão.

Outra estrutura viária importante nesse cenário é o Viaduto Comendador Tannel Abbud, o qual transpõe a linha férrea ligando as zonas leste e oeste da cidade.

A figura 17 exemplifica melhor a hierarquia viária na área de intervenção. Essa área apresenta acessibilidade acentuada, visto que o centro é o nóculo das principais vias de comunicação urbanas.

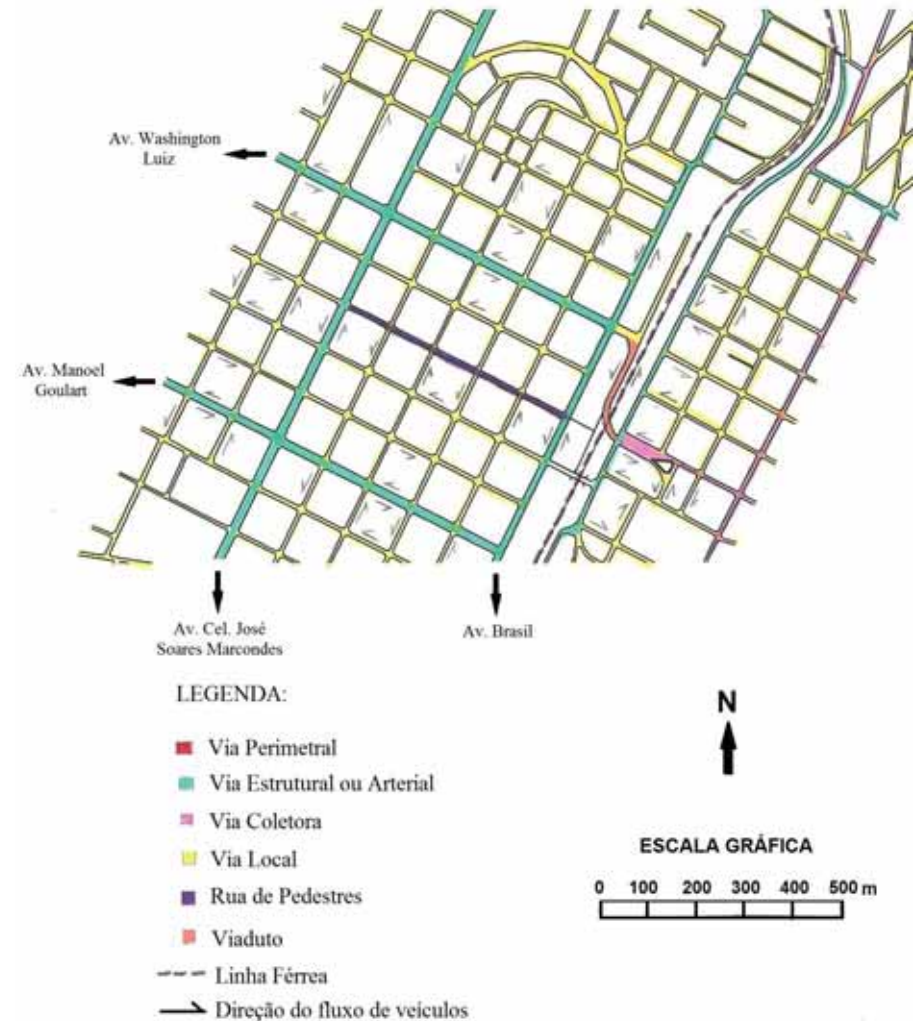


Figura 17 - Hierarquia viária

Fonte: BISPO (2011)

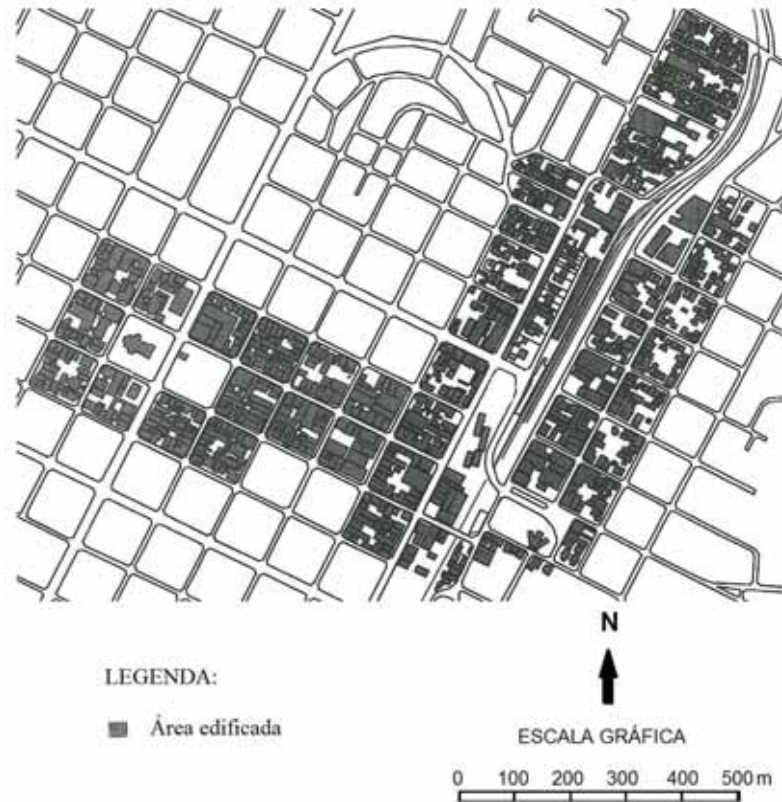


Figura 18 - Mapa da área edificada (Figura-Fundo)

Fonte: BISPO (2011)

Essa grande oferta de vias de circulação favoreceu a ocupação da área, que hoje se encontra bem adensada, apresentando poucos vazios entre as edificações. Os espaços vazios mais significativos correspondem às praças centrais (figura 18).

4.3.2 Visuais das praças

A reprodução e análise de visuais é uma metodologia de estudo empregada em diagnósticos de áreas e paisagens urbanas, visando subsidiar intervenções projetuais. Através dela, é possível identificar características e elementos definidores de determinada paisagem, obtendo-se assim a identidade – “alma”, caráter – da mesma, que deve ser considerada durante o processo de projeto.

Essa metodologia, desenvolvida pelo arquiteto alemão Dieter Prinz (1984), foi empregada no estudo das paisagens das praças centrais de Presidente Prudente, com vistas a complementar o diagnóstico obtido através das demais metodologias utilizadas.

- Praça Monsenhor Sarrion (figura 19)

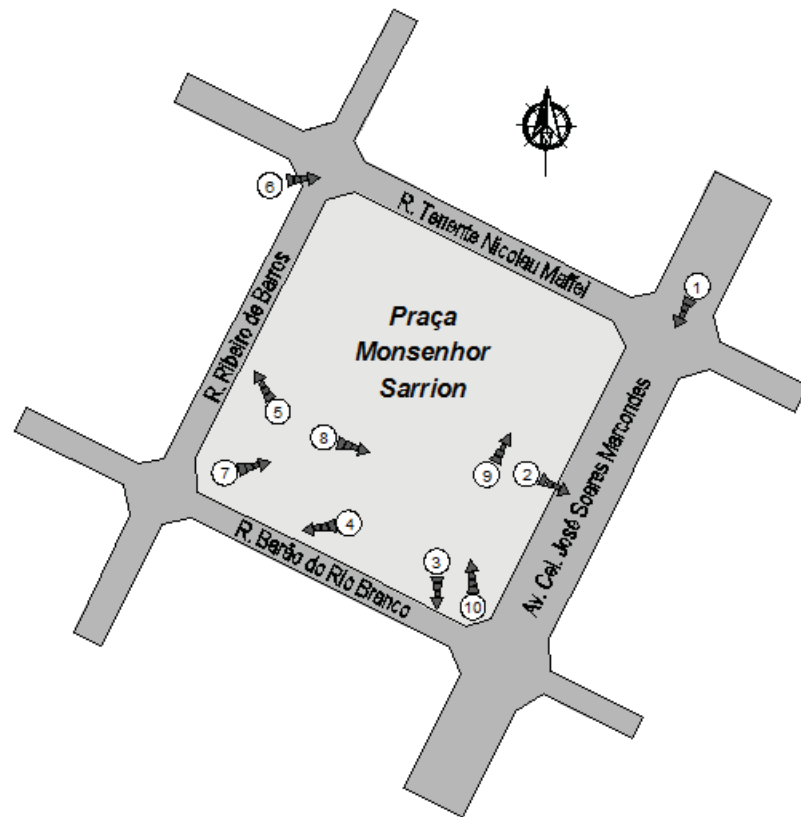


Figura 19 – Esquema de localização dos visuais da Praça Monsenhor Sarrion
Fonte: BISPO (2011)

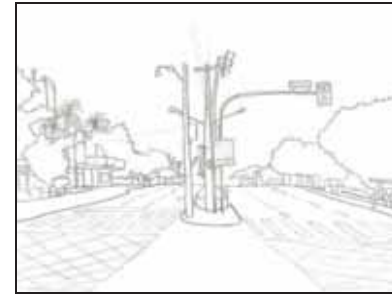


Figura 20 - Visual n°1



Figura 21 – Visual n°2

Fonte: BISPO (2011)

A Avenida Coronel José Soares Marcondes, situada entre as Praças Monsenhor Sarrion e 9 de Julho (figura 20), funciona como barreira à passagem entre os dois espaços, os quais poderiam ter uma ligação mais segura para travessia do pedestre.

A relação visual entre as duas praças estabelece um vínculo entre elas, proporcionando um espaço agradável (figura 21). A proximidade, nesse caso, ameniza a densidade construtiva do entorno.



Figura 22 - Visual n°3



Figura 23 - Visual n°4

Fonte: BISPO (2011)

Outro ponto a destacar é a Procuradoria de Justiça do Estado (figura 22), edificação histórica que abrigou o antigo Fórum da cidade em seus primórdios. Apresenta estilo arquitetônico protomoderno, em que os efeitos decorativos se deslocam da fachada para a volumetria através de frisos horizontais e de uma hierarquização das formas que enfatiza o acesso principal.

Ela está situada em frente a uma das margens da Praça Monsenhor Sarrion (figura 23), limitada pela Rua Barão do Rio Branco. Esse trecho da rua é caracterizado pela presença predominante de edificações de dois a três pavimentos. A exceção é a presença de um edifício de vários pavimentos destinado à habitação multifamiliar.



Figura 24 - Visual n°5

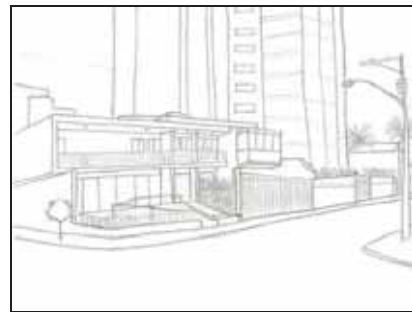


Figura 25 - Visual n°6

Fonte: BISPO (2011)

O lado da praça que se relaciona com a Rua Ribeiro de Barros estabelece visuais para outra importante edificação histórica da

cidade, a Escola Adolpho Arruda Mello (figura 24), Primeiro Grupo Escolar de Presidente Prudente.

Já a lateral da praça limitada pela Rua Tenente Nicolau Maffei apresenta edificações de uso e gabarito variados (figura 25).



Figura 26 - Visual n°7



Figura 27 - Visual n°8

Fonte: BISPO (2011)

Na figura 26, é mostrado um trecho da praça bem arborizado com vista para a Catedral, onde se nota o amplo espaço livre destinado a estacionamento.

Mais adiante, têm-se uma das entradas da igreja (figura 27), com vista para a Praça 9 de Julho.



Figura 28 - Visual n°9



Figura 29 - Visual n°10

Fonte: BISPO (2011)

Em frente à entrada principal da igreja os veículos caracterizam a ampla área de estacionamento (figura 28), com duas árvores antigas ao fundo.

Próximo a essa área, há um balcão de informações das empresas de ônibus em um dos caminhos de acesso à praça (figura 29).

- Praça 9 de Julho (figura 30)

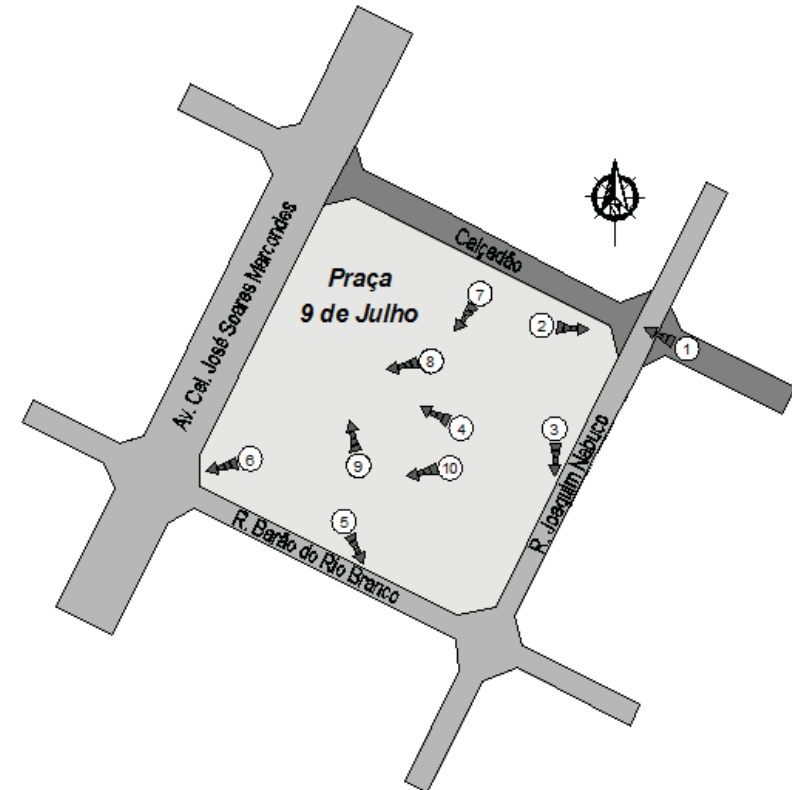


Figura 30 – Esquema de localização dos visuais da Praça 9 de Julho
Fonte: BISPO (2011)



Figura 31 - Visual nº1



Figura 32 - Visual nº2

Fonte: BISPO (2011)

Na figura 31, percebe-se que o vazio da Praça 9 de Julho atenua o corredor formado pela densidade de edificações do calçadão.

Uma edificação importante que se destaca nesse contexto é o antigo Bar Cruzeiro do Sul - localizado na esquina da Rua Tenente Nicolau Maffei com a Rua Joaquim Nabuco (figura 32) - ponto tradicional de encontro de políticos e de outros membros da sociedade prudentina da época. Atualmente, abriga uma lanchonete que, através de seus painéis de identificação, encobre os elementos arquitetônicos protomodernos da fachada da edificação. Essa lanchonete encontra-se hoje em processo de restauração.



Figura 33 - Visual nº3



Figura 34 - Visual nº4

Fonte: BISPO (2011)

A Rua Joaquim Nabuco, uma das vias que limitam a área da praça, apresenta edificações cuja implantação foi feita no alinhamento do lote (figura 33). Essas edificações possuem, no nível térreo, estabelecimentos comerciais marcados pela presença de painéis e outros elementos publicitários que poluem as fachadas de arquitetura moderna e contemporânea das mesmas.

Um fato interessante a observar é que da Praça 9 de Julho avista-se um marco da paisagem central de Presidente Prudente – a Catedral de São Sebastião (figura 34), situada na Praça Monsenhor Sarrion, emoldurada pela fonte da Praça 9 de Julho.



Figura 35 - Visual nº5



Figura 36 - Visual nº6

Fonte: BISPO (2011)

A face da praça que é limitada pela Rua Barão do Rio Branco apresenta desde edificações de vários pavimentos até estabelecimentos comerciais térreos (figura 35), cujo estilo arquitetônico é difícil definir, visto que os painéis e outros elementos publicitários não permitem visualizar as fachadas das edificações. No entanto, é possível identificar que o Condomínio Edifício Furquim, à direita da árvore da figura 35, apresenta características modernistas, como a ausência de ornamentação e ampla área envidraçada na fachada.

As praças 9 de Julho e Monsenhor Sarrion situam-se em uma área de concentração de edificações históricas. Na figura 36, a Procuradoria de Justiça do Estado, edificação dos anos 1940 já citada anteriormente, pode ser observada em destaque.



Figura 37 - Visual nº7



Figura 38 - Visual nº8

Fonte: BISPO (2011)

Nos caminhos internos da praça podem ser encontradas bancas de produtos artesanais e alimentícios (figura 37), que atraem as pessoas que passam pelo local. A fonte presente na área central da praça também exerce forte atratividade, visto que proporciona conforto ambiental, além de outras qualidades que chamam a atenção dos usuários desse espaço público (figura 38).



Figura 39 - Visual nº9



Figura 40 - Visual nº10

Fonte: BISPO (2011)

No lado esquerdo da figura 39 vê-se o Posto Policial instalado na praça, o qual fortalece a sensação de segurança da população que usufrui da praça e do entorno próximo. Desse modo, o uso e apropriação desse espaço são favorecidos, possibilitando que se aprecie a bela vegetação, de espécies, tamanhos e idades variadas (figura 40).

- Praça da Bandeira (figura 41)

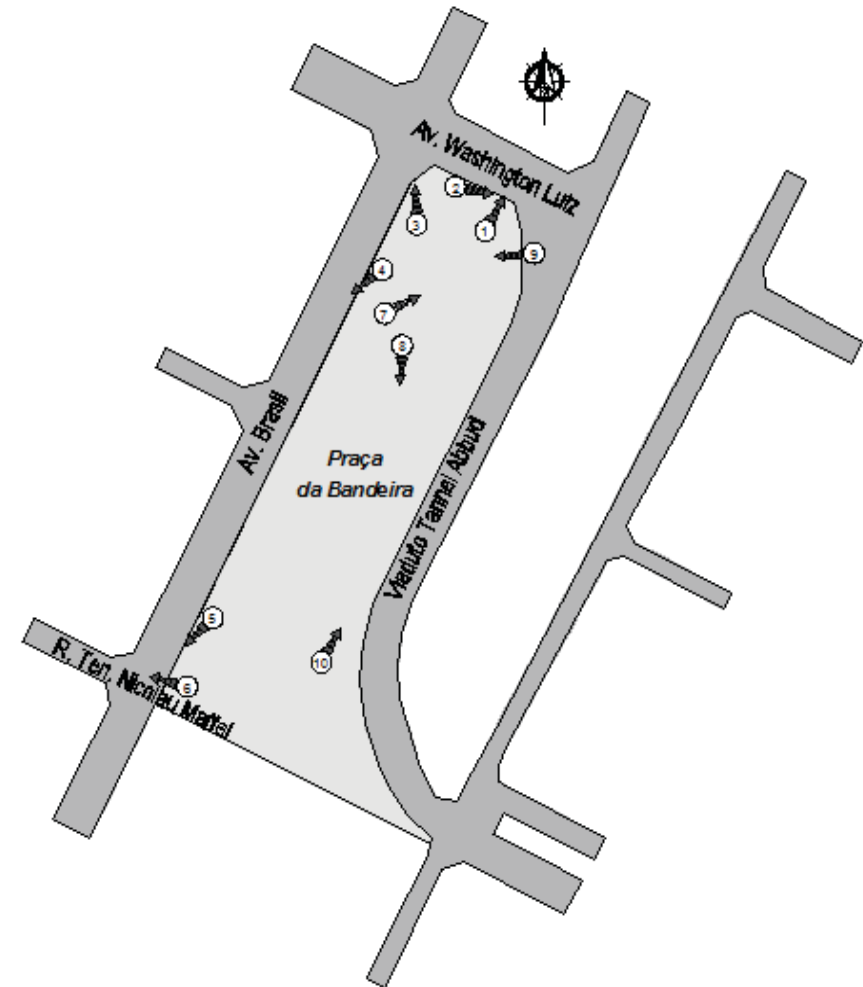


Figura 41 – Esquema de localização dos visuais da Praça da Bandeira
Fonte: BISPO (2011)



Figura 42 - Visual nº1



Figura 43 - Visual nº2

Fonte: BISPO (2011)

A figura 42 retrata uma lateral da Praça da Bandeira que se relaciona visualmente com edificações antigas como, por exemplo, o Bar da Estação, edificação construída em 1920 - antiga residência do engenheiro chefe da Estação da Antiga Estrada de Ferro Sorocabana, marco e patrimônio histórico da cidade -, e com o canteiro central, caracterizado pela presença de espécies de Palmeira e gramíneas.

A praça ainda estabelece esse tipo de vínculo com a Estação Ferroviária (figura 43), cuja edificação atual foi construída em 1944 e apresenta estilo protomoderno. No entanto, essa relação visual entre a Praça da Bandeira e a Estação Ferroviária da cidade existe somente a partir de pontos específicos, já que a cerca colocada no entorno do parquinho infantil e o talude e vegetação existente entre a praça e a estação bloquearam a visão da mesma.



Figura 44 - Visual nº3



Figura 45 - Visual nº4

Fonte: BISPO (2011)

Por outro lado, o cruzamento das Avenidas Washington Luiz e Brasil é constituído principalmente por edificações térreas ou de dois pavimentos, de arquitetura tradicional (figura 44). Vê-se ao fundo o gabarito elevado dos edifícios situados em um entorno mais afastado, mas que vem se destacando e se disseminando na paisagem da área central.

Na figura 45, o trecho da Avenida Brasil que passa por umas das laterais da praça apresenta nítido desnível, em que a via apresenta uma subida em direção ao centro da imagem, que corresponde ao nível em que se encontra o calçadão; ou seja, a parte mais elevada da via corresponde ao nível do calçadão, enquanto a parte mais baixa se encontra no nível do parquinho infantil.



Figura 46 - Visual n°5



Figura 47 - Visual n°6

Fonte: BISPO (2011)

A figura 46 mostra as edificações da Avenida Brasil, predominantemente comerciais e de dois pavimentos, que marcam uma configuração de alturas semelhantes que, junto à ausência de recuo frontal, define um conjunto homogêneo. Esse conjunto só é rompido pelo calçadão, que pode ser visualizado da praça (figura 47). O calçadão, corredor marcado por estabelecimentos comerciais e edificações históricas, é o elemento de ligação entre essa praça e as Praças Monsenhor Sarrion e 9 de Julho.



Figura 48 - Visual n°7



Figura 49 - Visual n°8

Fonte: BISPO (2011)

A Praça da Bandeira apresenta densa arborização que, aliada ao talude existente, esconde a edificação da Estação ferroviária ao fundo (figura 48), a qual abriga a nova sede do Procon de Presidente Prudente, o Sesmt (Serviços Especializados em Engenharia de Segurança e Medicina do Trabalho) e a Casa do Artesão. A variedade de espécies e altura da vegetação existente é bem evidente (figura 49).



Figura 50 - Visual n°9



Figura 51 - Visual n°10

Fonte: BISPO (2011)

O parque infantil situado em uma das extremidades da praça é cercado e bem arborizado (figura 50), porém transmite certa insegurança. Um espaço a destacar é a rua interna presente na praça (figura 51), a qual é delimitada pelo comércio informal e pelas edificações (sedes de alguns conselhos municipais e da Junta do Serviço Militar) situadas abaixo do viaduto Comendador Tannel Abbud, apresentando grande fluxo de pessoas nos horários de funcionamentos dos estabelecimentos comerciais.

- Praça Nossa Senhora Aparecida (figura 52)

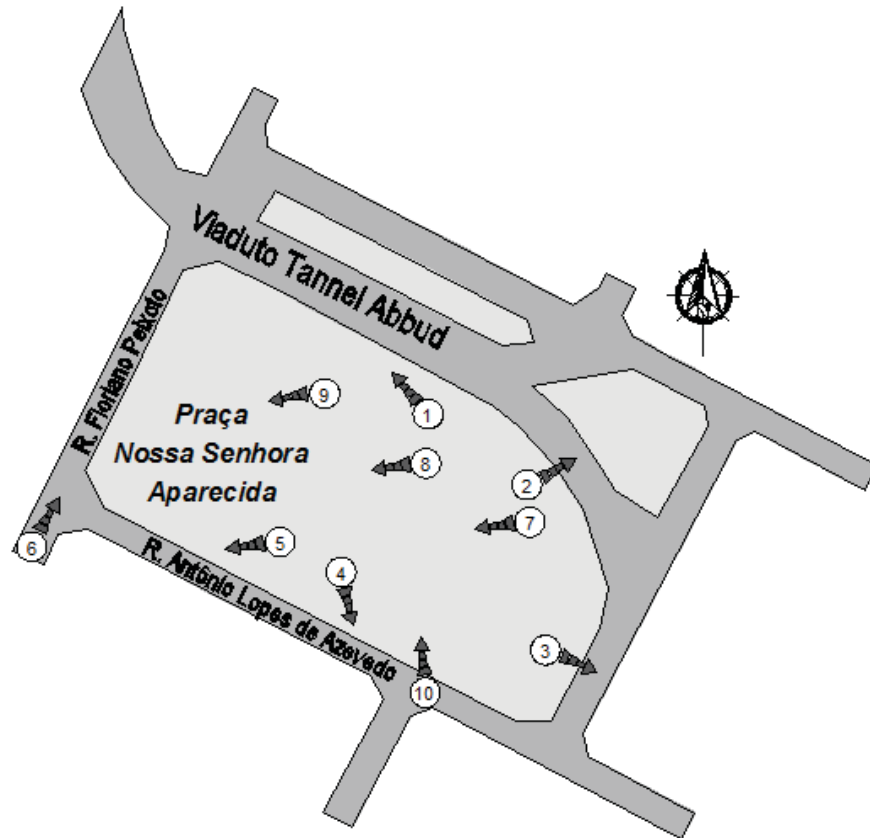


Figura 52 – Esquema de localização dos visuais da Praça Nossa Senhora Aparecida
Fonte: BISPO (2011)

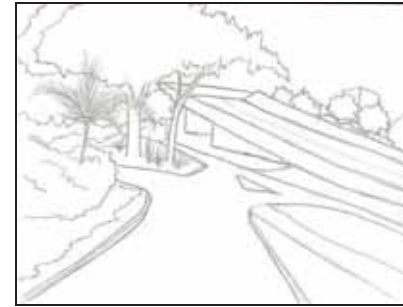


Figura 53 - Visual nº1



Figura 54 - Visual nº2

Fonte: BISPO (2011)

Na figura 53, é possível notar que o viaduto bloqueia em grande parte o acesso visual à Praça da Bandeira. Além disso, sua implantação desmembrou parte da Praça Nossa Senhora Aparecida, a qual se transformou no canteiro arborizado situada em frente à praça e ao início da Rua Quintino Bocaiúva. Em torno desse canteiro, estão dispostas edificações predominantemente térreas (figura 54). Além disso, da Rua Quintino Bocaiúva, com suas edificações protomodernas e pequenos estabelecimentos comerciais, pode-se visualizar perspectivas interessantes da Igreja Nossa Senhora Aparecida, situada na praça.



Figura 55 - Visual n°3



Figura 56 - Visual n°4

Fonte: BISPO (2011)

O entorno da praça apresenta, em grande parte, edificações de uso residencial, tradicionais e protomodernas (figura 55), que caracterizam o desenvolvimento do bairro.

Além dos estilos arquitetônicos mencionados, algumas residências contêm elementos e materiais construtivos relacionados à arquitetura moderna, como o pilar em V (figura 56). Todas essas edificações proporcionam visuais interessantes do entorno.



Figura 57 - Visual n°5

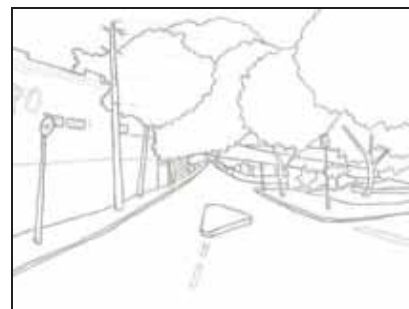


Figura 58 - Visual n°6

Fonte: BISPO (2011)

A figura 57 mostra o estacionamento na lateral da praça limitada pela Rua Antônio Lopes de Azevedo. Próximo a esse estacionamento, podemos identificar a massa arbórea predominante no visual da praça a partir do eixo da Rua Floriano Peixoto (figura 58). Dentre as árvores de grande porte da área, destacam-se aquelas com diâmetro da copa entre 35 e 40 metros.



Figura 59 - Visual n°7



Figura 60 - Visual n°8

Fonte: BISPO (2011)

A Igreja Nossa Senhora Aparecida é um marco da paisagem da praça, destacando-se sua monumentalidade (figura 59). Ao lado dela, há a caixa d'água da Sabesp (figura 60), que apesar de ocupar amplo espaço e ser um obstáculo à visualização das áreas da praça, apresenta características históricas.



Figura 61 - Visual nº9



Figura 62 - Visual nº10

Fonte: BISPO (2011)

Na figura 61 é representado um trecho da praça com margens bem arborizadas, que até escondem as edificações do entorno. Já no trecho mais próximo à igreja e à caixa d'água pode-se identificar o recuo do estacionamento lateral da praça (figura 62).

4.3.3 Avaliação do caráter das praças

Por outro lado, a análise das praças também foi realizada segundo critérios de qualidade adotados na avaliação de praças pelo professor e arquiteto Humberto Yamaki, que em seu livro *Praças Históricas: Avaliação do Caráter* faz um estudo do tema Praça, abordando desde a origem, definição e caracterização das praças, até o estudo de caso de praças históricas de Londrina, o que possibilitou a

identificação de critérios de avaliação do caráter de praças que podem fornecer diretrizes para a regeneração desses espaços.

Tais critérios compõem um grupo de dez itens (figura 63), que são: primeira impressão/imagem inicial; relevo; acessos; escala; vegetação; mobiliário; visuais; outras paisagens; história e significado da praça e do entorno; e apropriação pela comunidade. A cada um desses itens, se atribui um valor de 1 a 3: 1 (não convidativo), 2 (neutro) e 3 (atrativo).

Essa análise resulta em uma poligonal irregular que determina o caráter, visto que quanto maior o seu tamanho, maior o caráter da praça (YAMAKI, 2008, p.35).

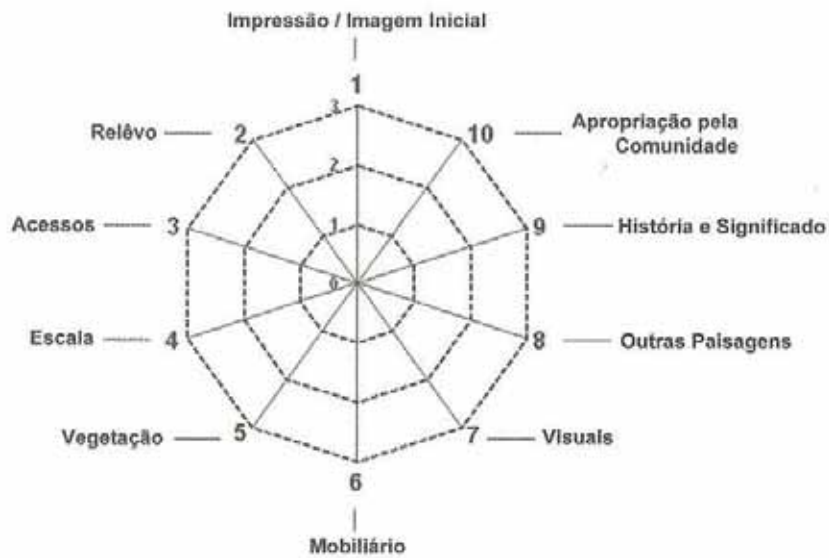


Figura 63 – Gráfico para Avaliação do Caráter das Praças
Fonte: YAMAKI (2008)

A seguir, é apresentada a análise efetuada baseada nesses critérios.

- Praça Monsenhor Sarrion (figura 64)



Figura 64 - Imagem aérea da Praça Monsenhor Sarrion
Fonte: Google Earth, 2011 (adaptada)

Análise dos 10 aspectos da avaliação:

- 1) Imagem inicial (2 - Neutro)

A praça apresenta boa arborização (figura 64) e bancos para permanência. No entanto, o estacionamento instalado ali prejudica a

apropriação do espaço e diminui a qualidade ambiental e a atratividade da praça.

2) Relevo (3 - Atrativo)

A praça é implantada em terreno plano que facilita o deslocamento dos transeuntes e portadores de deficiência física.

3) Acessos (1 – Não convidativo)

O acesso à praça pelas quatro faces é totalmente prejudicado pela existência do estacionamento no interior da mesma. Veículos e pedestres dividem o mesmo espaço, o que conseqüentemente limita a fluidez dos deslocamentos e o acesso ao espaço da praça.

4) Escala (1 – Não convidativo)

O estacionamento existente na praça reduziu seu espaço real, ou seja, diminuiu os espaços destinados ao descanso, contemplação, passagem, etc. Tal fato prejudicou a escala da praça em relação ao entorno, tornando-se incompatível (sem capacidade para dar suporte à população residente no entorno ou para aqueles que utilizam o comércio e serviços existentes na área central da cidade), já que grande parcela da praça já é ocupada pela edificação ali existente (Catedral de São Sebastião).

5) Vegetação (2 - Neutro)

A praça apresenta massa arbórea significativa, com alguns exemplares antigos. Porém, parece não haver um critério para escolha e localização das espécies ali existentes, já que as mesmas estão dispostas aleatoriamente pelos espaços permeáveis da praça.

6) Mobiliário (2 - Neutro)

Há bancos tanto internamente à praça quanto no perímetro (margens) da quadra. Porém a maioria se localiza próximo aos pontos de ônibus e não são posicionados de modo a estimular o contato entre as pessoas. Ademais, é nítida a falta de bancos em certos trechos, já que alguns já foram removidos.

7) Visuais (3 - Atrativo)

A praça se abre para o entorno, apresentando vários visuais interessantes, como a visão de conjuntos de edificações importantes e da outra praça – Praça 9 de Julho. Além disso, a igreja se caracteriza como marco visual na paisagem da praça e do entorno, sendo possível visualizá-la somente a partir do início do calçadão, no trecho próximo a Praça 9 de Julho. A torre da igreja aparece em meio à massa arbórea da praça citada.

8) Outras paisagens (2 - Neutro)

A praça recebe, em certas datas, eventos relacionados à igreja como missas a céu aberto, procissões e encenações de atos bíblicos. Porém seu espaço de forma geral é dominado pelo estacionamento.

9) História e significado (2 - Neutro)

A praça é componente importante do desenvolvimento da área central e relaciona-se espacialmente com edifícios que integram o patrimônio histórico da cidade. Aliado a isso, apresenta elementos (placas, árvores antigas) que demonstram a história e significado desse espaço. No entanto o estacionamento descaracterizou a configuração original da praça.

10) Apropriação pela comunidade (2 - Neutro)

A praça é apropriada para uso principalmente em horários de missa. Em suas margens há grande movimento e permanência de pessoas, relacionados aos pontos de ônibus instalados e aos vendedores e quiosque de produtos alimentícios. No entanto, excetuando essas situações, a praça fica vazia.

Diagnóstico: Total = 20 pontos

- Praça 9 de Julho (figura 65)



Figura 65 - Imagem aérea da Praça 9 de Julho
Fonte: Google Earth, 2011 (adaptada)

Análise dos 10 aspectos da avaliação:

1) Imagem inicial (3 - Atrativo)

A forte apropriação da praça pela comunidade, principalmente usuários do comércio e idosos, a torna rica em diversidade de relações sociais. Além disso, a vegetação significativa (figura 65) e a fonte geram um clima agradável, amenizando o calor e a insolação, e a

presença do posto policial transmite segurança aos usuários, favorecendo a apropriação da praça.

2) Relevo (3 - Atrativo)

O relevo da praça é quase plano, o que lhe proporciona acesso facilitado. O teatro de arena situado em uma das extremidades da praça é muito utilizado. Apresenta desnível artificial que possibilita boa visualização das apresentações realizadas nesse espaço.

3) Acessos (3 - Atrativo)

A praça é atrativa e acessível, pois além de permitir o acesso pelas 4 faces da quadra, os caminhos internos são variados e possibilitam deslocamentos em todas as direções.

4) Escala (3 - Atrativo)

A praça é considerada adequada ao entorno, já que além de dar suporte à população residente nas quadras existentes ao redor da praça, funciona como auxílio ao grande número de frequentadores do calçadão, que encontram nela um espaço agradável para descansar, esperar alguém, se alimentar, etc.

5) Vegetação (3 - Atrativo)

A praça apresenta significativa massa arbórea e variadas espécies vegetais, com alguns exemplares mais antigos. As árvores existentes, principalmente as de grande porte, definem áreas sombreadas para descanso, tornando-as muito agradáveis.

6) Mobiliário (2 - Neutro)

Existem vários elementos a serem destacados, como o teatro de arena e as mesinhas de jogos de dama e de xadrez, que são muito utilizados pela população de idade mais avançada. Há também bancos tanto internamente à praça quanto no perímetro (margens) da quadra. Porém os mesmos não apresentam desenho diferenciado ou alguma qualidade estética.

7) Visuais (3 - Atrativo)

A praça se abre para o entorno, apresentando visuais atrativos principalmente em direção à outra praça – Praça Monsenhor Sarrion – , e às edificações importantes próximas ao calçadão.

8) Outras paisagens (3 - Atrativo)

A praça é palco de atividades relacionadas a idosos, à saúde pública, a apresentações culturais, etc que garantem e fortalecem a

apropriação de seus espaços. No final de semana e no período noturno a praça apresenta-se vazia, com pouca movimentação.

9) História e significado (3 - Atrativo)

A praça é componente importante do desenvolvimento da área central. Foi inaugurada em 1933 e permanece como uma das principais praças da cidade.

10) Apropriação pela comunidade (3 - Atrativo)

A praça é apropriada por pessoas de diversas faixas etárias, que realizam diferentes atividades, desde simples passagem e descanso, até exercícios físicos, prática de jogos com baralho, venda de produtos artesanais e outras.

Diagnóstico: Total = 29 pontos

- Praça da Bandeira (figura 66)



Figura 66 - Imagem aérea da Praça da Bandeira
Fonte: Google Earth, 2011 (adaptada)

Análise dos 10 aspectos da avaliação:

1) Imagem inicial (1 – Não convidativo)

A visão predominante do camelódromo e do viaduto (figura 66) impede uma apreensão total do espaço, o que, aliado a insegurança transmitida pelo mesmo, gera pouca atratividade.

2) Relevo (2 - Neutro)

A praça é acessível pela Avenida Brasil. O acesso pelos outros lados da praça, no entanto, é prejudicado ou inexistente, já que os desníveis não são trabalhados adequadamente. Os taludes existentes (desnível entre o viaduto e a praça e entre o parquinho e a estação ferroviária) limitam a visão do espaço interno e do entorno e dificultam o acesso à praça.

3) Acessos (1 – Não convidativo)

O acesso é dificultado pelo grande fluxo de veículos na avenida Brasil. Além disso, a passagem subterrânea que a liga à Praça Nossa Senhora Aparecida gera insegurança e apresenta degraus que impedem o acesso de deficientes físicos.

4) Escala (1 – Não convidativo)

A presença do shopping popular e do viaduto promoveu a perda da relação dessa praça com a zona leste, em especial com a outra praça, e tornou seu espaço limitado.

5) Vegetação (2 - Neutro)

Há, no espaço da praça, massa arbórea significativa, inclusive algumas árvores mais antigas. No entanto, parece não haver um

critério para escolha e localização das espécies ali existentes. Há também de certa forma, um excesso de vegetação em relação ao espaço livre existente na praça.

6) Mobiliário (1 – Não convidativo)

Há poucos bancos tanto internamente à praça quanto no perímetro (margens) da quadra. Os bancos existentes não apresentam atratividade/qualidade estética e o parque infantil quase não é utilizado. Um elemento a destacar é a existência de muretas (muros baixos de tijolos) limitando os canteiros da praça que ficam voltados para a Avenida Brasil, mais utilizados que os bancos.

7) Visuais (2 - Neutro)

A praça apresenta visuais interessantes do calçadão e da estação ferroviária, porém o viaduto e o shopping popular bloqueiam a vista da Praça Nossa Senhora Aparecida e geram visuais pouco atrativos da praça. Um ponto interessante a salientar é que a arborização e o relevo da praça impedem que se visualize o shopping popular a partir, por exemplo, da Estação Ferroviária.

8) Outras paisagens (1 – Não convidativo)

A praça apresenta um shopping popular instalado em seu espaço físico e algumas pequenas lanchonetes. Porém, as condições precárias do shopping (conforto térmico, acústico, ergonômico e de iluminação) geram incômodo. À noite, transmite insegurança.

9) História e significado (2 - Neutro)

A praça, construída em 1925, é componente importante do desenvolvimento da área central e relaciona-se espacialmente com a Estação Ferroviária e com a Praça Nossa Senhora Aparecida. No entanto, a presença do shopping popular e a construção do viaduto descaracterizaram essa conexão.

10) Apropriação pela comunidade (1 – Não convidativo)

A praça é apropriada no horário de funcionamento do comércio central e dos boxes do shopping popular. No entanto, quando estes estão fechados, a praça fica vazia.

Diagnóstico: Total = 14 pontos

- Praça Nossa Senhora Aparecida (figura 67)



Figura 67 - Imagem aérea da Praça Nossa Senhora Aparecida
Fonte: Google Earth, 2011 (adaptada)

Análise dos 10 aspectos da avaliação:

1) Imagem inicial (1 – Não convidativo)

A presença do viaduto (figura 67) bloqueou visuais e deixou um aspecto de insegurança na praça. Além disso, o piso de certos trechos da praça está quebrado (falta manutenção) e alguns moradores de rua discutem na praça (ocorrência de brigas) e jogam lixo nela, o que afasta a população em geral.

2) Relevo (3 - Atrativo)

O relevo da praça favorece e evidencia a monumentalidade da igreja.

3) Acessos (1 – Não convidativo)

Apresenta caminhos internos que facilitam a circulação pela praça. No entanto, o acesso é crítico, tanto a pé, quanto de carro e ônibus, devido à circulação de veículos gerada pelo viaduto.

4) Escala (2 - Neutro)

A praça é considerada adequada ao entorno, porém a quebra da relação com a outra zona da cidade (zona oeste) proporcionada pelo viaduto afetou a legibilidade do todo e o entendimento de sua importância no entorno. A parte da praça na qual se concentra a maior parte dos canteiros e vegetação é dominada por uma sólida construção – caixa d'água da Sabesp -, cuja presença limita o espaço livre e torna reduzida a dimensão da praça em comparação com a igreja presente nela (Não é questionado aqui o valor histórico ou arquitetônico da caixa d'água, já que sua importância para o município é reconhecida).

Já na parte mais aberta da praça, em frente à igreja, o grande problema é o viaduto, que também “asfixia” o espaço da praça e domina a paisagem.

5) Vegetação (2 - Neutro)

Há massa arbórea significativa, em especial algumas árvores bem antigas que proporcionam sombreamento. Porém parece não haver um critério para escolha e localização das espécies ali existentes, que se concentram próximo à caixa d'água.

6) Mobiliário (1 – Não convidativo)

Há boa quantidade de bancos na praça. Porém eles estão concentrados na face da quadra mais próxima à Rua Marechal Floriano Peixoto (parte que transmite maior insegurança) e não apresentam atratividade/qualidade estética, sendo muito pouco utilizados.

7) Visuais (2 - Neutro)

A presença da igreja na praça proporciona um marco visual na paisagem, possibilitando perspectivas interessantes a partir da Rua Quintino Bocaiúva. No entanto, o viaduto bloqueia visuais importantes. Conseqüentemente, só é possível ver a parte residencial da zona leste e poucos estabelecimentos comerciais.

8) Outras paisagens (1 – Não convidativo)

Não foram observados eventos na praça.

9) História e significado (2 - Neutro)

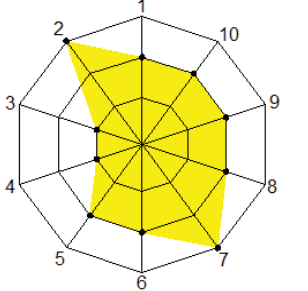
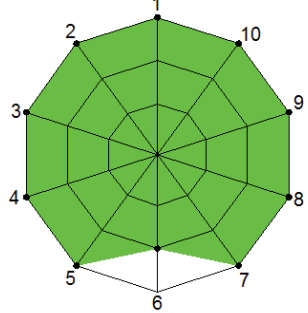
A praça é componente importante do desenvolvimento da zona leste, principalmente da Vila Marcondes. A igreja ali presente é um elemento qualificativo da história da praça e do bairro, o qual é um espaço marcante de um dos núcleos iniciais de Presidente Prudente. No entanto o viaduto descaracterizou a praça e bloqueou sua relação com a outra praça (Praça da Bandeira).

10) Apropriação pela comunidade (1 – Não convidativo)

Há alguns pontos de venda de bebidas e alimentos. No entanto, a presença da caixa d'água da Sabesp ocupa um espaço muito grande da praça e não contribui para a apropriação do espaço. Em síntese, a praça não é apropriada pelas pessoas.

Diagnóstico: Total = 16 pontos

A seguir, os resultados das avaliações realizadas em cada praça (tabela 1).

Praças	Gráfico avaliatório	Pontuação final
<p><i>Praça Monsenhor Sarrion</i></p>		20
<p><i>Praça 9 de Julho</i></p>		29

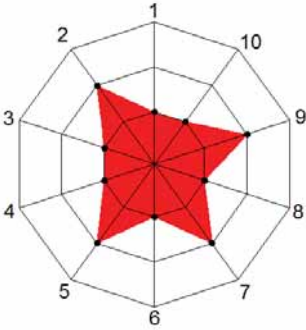
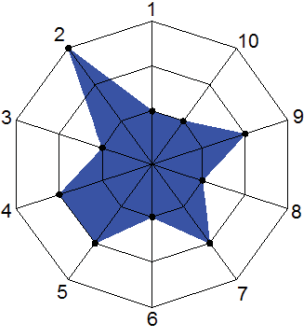
<p><i>Praça da Bandeira</i></p>		<p>14</p>
<p><i>Praça Nossa Senhora Aparecida</i></p>		<p>16</p>

Tabela 1 – Resultado das avaliações
Fonte: BISPO (2011)

A partir da aplicação e obtenção dos resultados da metodologia de avaliação de praças elaborada por Yamaki (2008) foi possível

identificar as qualidades e os problemas existentes em cada praça estudada, evidenciando assim elementos potenciais de intervenção.

Esse diagnóstico de cada praça foi transformado em croquis, que demonstram, de forma mais estruturada, os aspectos e elementos de cada uma delas.

Esses croquis estão dispostos nas imagens a seguir:

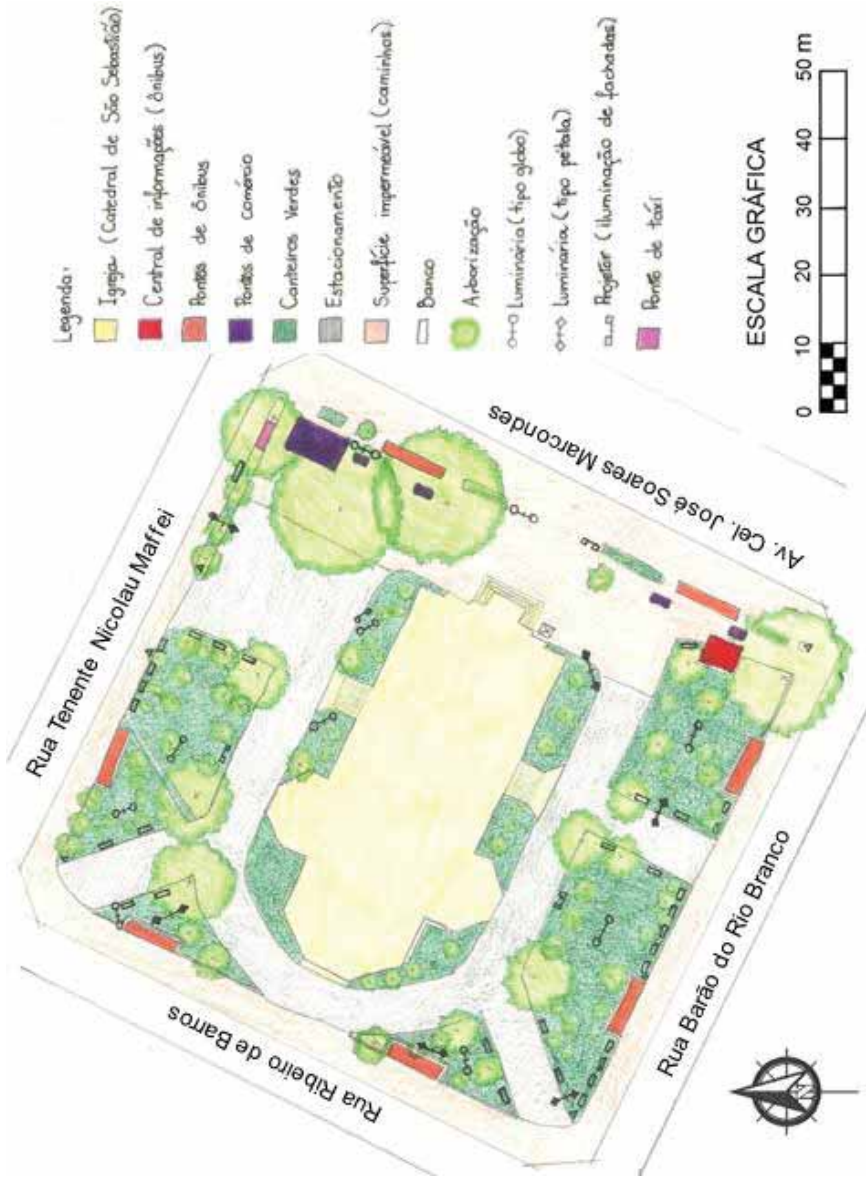


Figura 68 – Componentes da Praça Monsenhor Sarrion
Fonte: BISPO (2011)

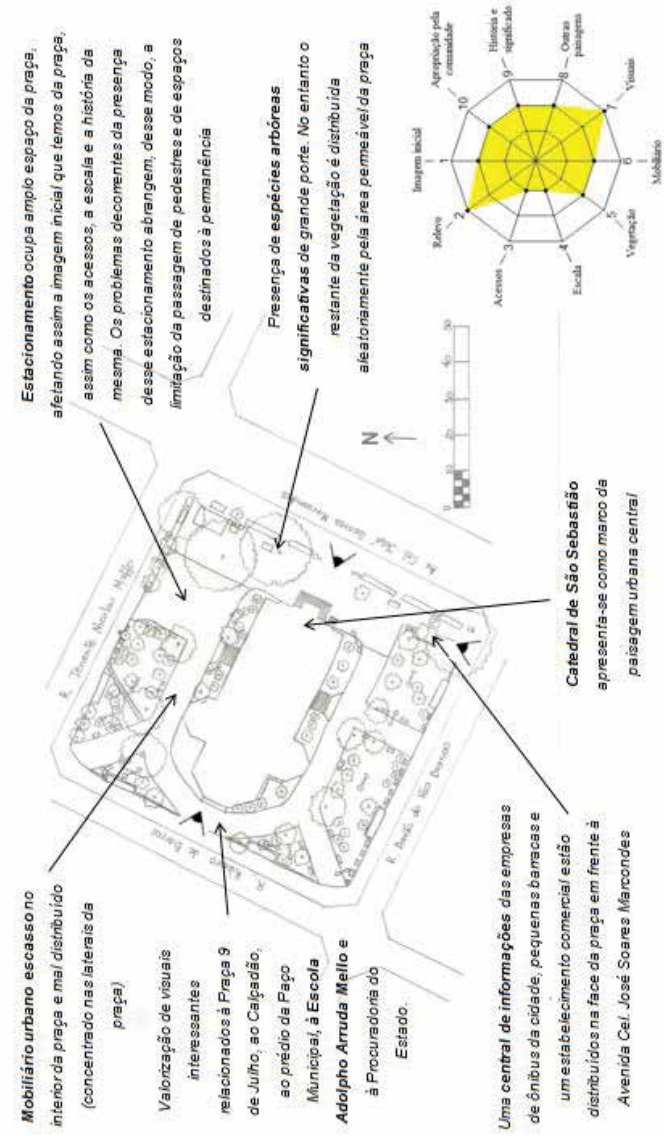


Figura 69 – Diagnóstico da Praça Monsenhor Sarrion
Fonte: BISPO (2011)



Figura 70 – Componentes da Praça 9 de Julho
Fonte: BISPO (2011)

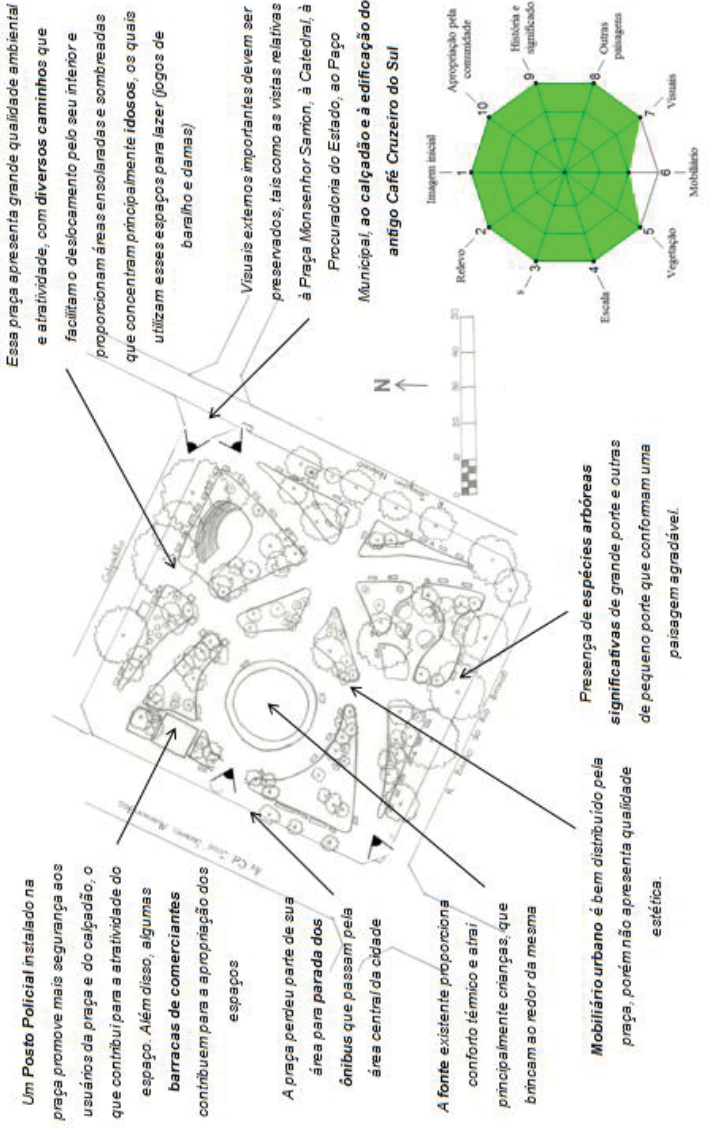


Figura 71 – Diagnóstico da Praça 9 de Julho
Fonte: BISPO (2011)

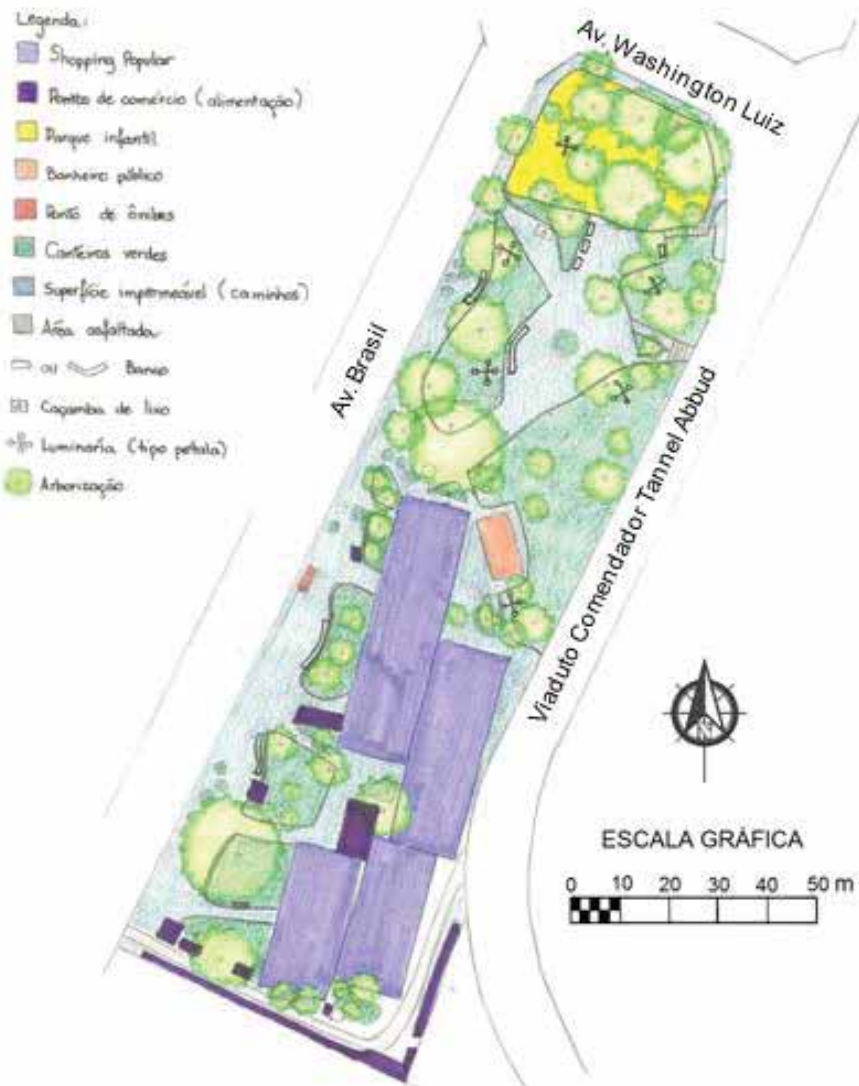


Figura 72 – Componentes da Praça da Bandeira
Fonte: BISPO (2011)

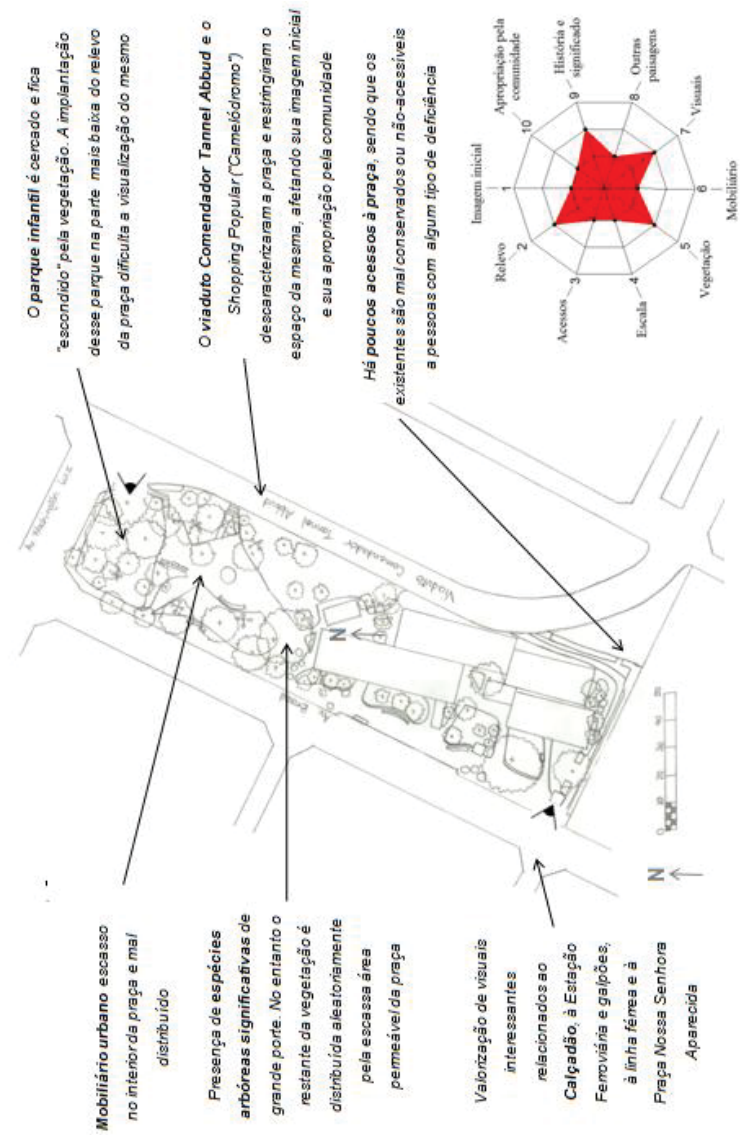


Figura 73 – Diagnóstico da Praça da Bandeira
Fonte: BISPO (2011)



Figura 74 – Componentes da Praça Nossa Senhora Aparecida
Fonte: BISPO (2011)

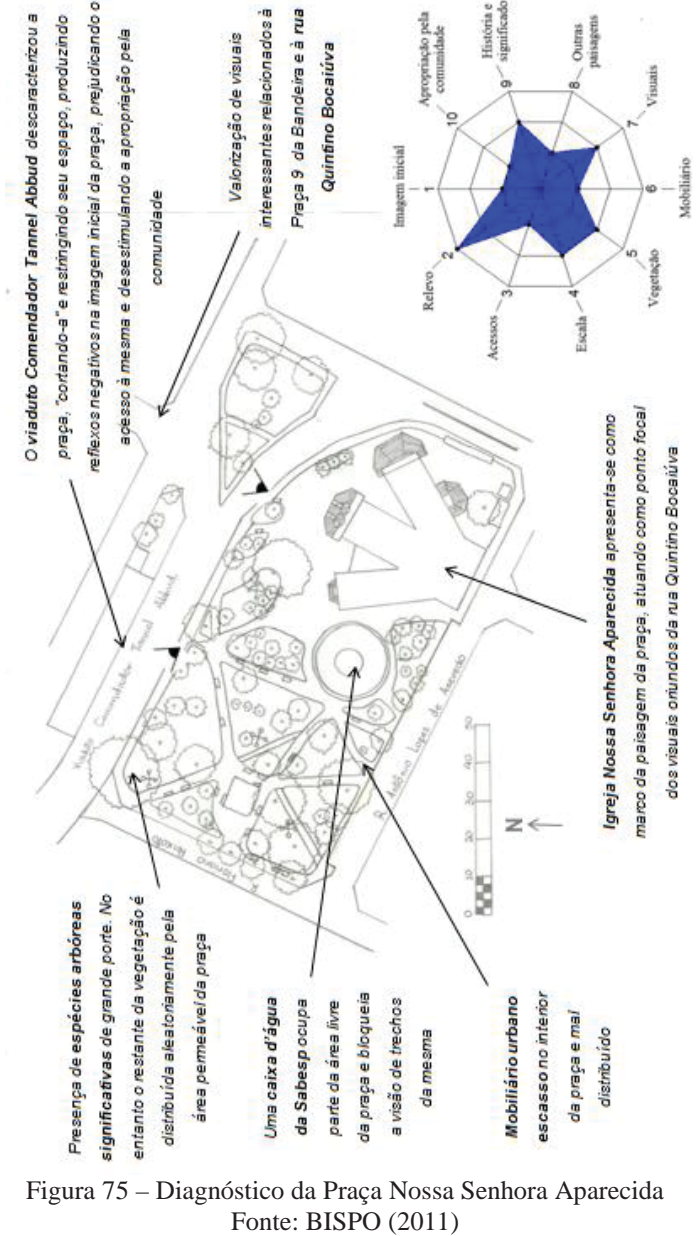


Figura 75 – Diagnóstico da Praça Nossa Senhora Aparecida
Fonte: BISPO (2011)

A primeira praça avaliada – Praça Monsenhor Sarrion – apresenta dois elementos marcantes em sua fisionomia atual: a Catedral de São Sebastião (igreja matriz da cidade) e o estacionamento interno ao espaço da praça. Enquanto o primeiro reforça seu caráter histórico, importância e até monumentalidade do espaço, o segundo restringe o espaço físico destinado ao fluxo de pedestres e a outras atividades, “agredindo” – de certa forma – a área circundante e afastando possíveis usuários. Desse modo, esse estacionamento é um elemento problemático que impera ser solucionado.

A segunda praça em estudo – Praça 9 de Julho - foi o espaço livre analisado que obteve maior pontuação, o que denota um forte caráter do espaço, resultante do uso e apropriação do mesmo pela população, principalmente as faixas etárias mais avançadas. O aspecto segurança, materializado na forma de um Posto Policial implantado na praça, garante e favorece esse uso intenso do espaço, marcante no período matutino e vespertino.

A terceira praça analisada – Praça da Bandeira – é marcada pela presença do Shopping Popular e pelo viaduto Tannel Abbud, o qual liga as zonas leste e oeste da cidade. Esses dois “objetos” contribuíram para que a praça adquirisse características como degradação e insegurança, bem diferentes da beleza, fluidez e

atratividade que esse espaço possuía em seus primeiros anos. As péssimas condições de conforto ambiental existente no Shopping Popular e a barreira visual imposta pelo viaduto são problemas evidentes e que denotam a necessidade de intervenção na área.

A quarta e última praça objeto de avaliação – Praça Nossa Senhora Aparecida – abriga também um estabelecimento religioso, Igreja Nossa Senhora Aparecida, e uma edificação da Sabesp (caixa d’água), os quais se estendem por grande parte da praça, restando pouco espaço para jardins e arborização, mobiliário e prática de outras atividades. O viaduto Comendador Tannel Abbud, já mencionado anteriormente, atua de forma a isolar essa praça da área comercial do quadrilátero central da cidade e trazer fluxo veloz de veículos que impede um acesso mais tranquilo e confortável aos usuários da praça. Os canteiros restantes do “corte” efetuado pelo viaduto no espaço da praça não apresentam ligação visual ou física com a mesma, tornando-se nítida a fragmentação dessas áreas verdes. Nesse sentido, o adensamento de edificações (Igreja, caixa d’água e viaduto) e a desarticulação dos espaços são os grandes problemas identificados, os quais precisam ser alvo de intervenção.

4.3.4 Análise das fachadas do Calçadão e dos visuais da Rua Quintino Bocaiúva

O estudo das fachadas do eixo comercial da cidade – o calçadão – resulta do emprego de uma metodologia de análise urbana baseada no desenho e análise da composição da paisagem das ruas, utilizado por Lamounier (2006).

Essa forma de “ler” a paisagem possibilita visualizar os elementos principais e estruturadores do cenário da rua, e que constituem sua identidade.

Neste estudo, podem ser definidos como elementos importantes da paisagem do calçadão edificações históricas e áreas verdes que estabelecessem forte relação espacial e visual com o mesmo.

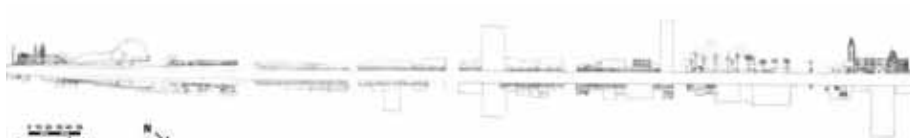


Figura 76 – Calçadão: Eixo de ligação das praças centrais
Fonte: BISPO (2011)

O eixo de espaços livres centrais (figura 76 e APÊNDICE) inicia-se com a Praça Monsenhor Sarrion, onde está situada a igreja matriz e termina na Praça Nossa Senhora Aparecida, onde está implantada a Igreja Nossa Senhora Aparecida, demonstrando assim similaridades entre os trechos inicial e final. Entre elas situam-se ainda duas praças, 9 de Julho e da Bandeira, e uma rua de pedestres – o Calçadão –, que constitui a estrutura espacial mais extensa dentre as analisadas.

Unido à Praça 9 de Julho, o início do Calçadão é um trecho bastante agradável e amplamente apropriado pela população em geral, que encontra nesse espaço um local para descanso e lazer depois de um dia longo de trabalho ou de compras, ou da ausência de atividades a serem realizadas em seus lares. O percurso propiciado pelas cinco quadras que compreende o calçadão possibilita acesso a diversos pontos comerciais e de serviços, além de contemplar também visuais de importantes edificações, caracterizadas por elementos predominantemente protomodernos, apresentando assim valor arquitetônico e histórico que deve ser preservado e entendido como patrimônio. As edificações de caráter arquitetônico mais significativas, nesse contexto, são: Bar Tio Patinhas, Antigo Café Cruzeiro do Sul e Hotel Buchalla. Edificações de arquitetura moderna existentes no calçadão, como as dos Bancos Banespa, Caixa

Econômica Federal e Banco do Brasil, também contribuem para valorização desse espaço (fotos 33 e 34).



Foto 33 – Banco Caixa Econômica Federal Foto 34 - Banco Banespa
Fonte: BISPO (2011)

O trecho final do calçadão é limitado pela Avenida Brasil, o que vincula o mesmo à Praça da Bandeira, situada na margem oposta da avenida. Sua relação com os demais espaços do entorno é crítica, já que o viaduto, a presença do shopping popular e o cercamento do parque infantil comprometem a visualização de paisagens externas e internas da praça. Uma das paisagens comprometidas foi a relação visual que existia entre a Praça da Bandeira e a Praça Nossa Senhora Aparecida, a qual ficou isolada do outro lado do viaduto Tanel Abbud.

Assim, a Praça Nossa Senhora Aparecida liga-se à outra praça somente por esse viaduto e pela passagem subterrânea existente entre

elas, fato que compromete o uso desse espaço que apresenta como único atrativo as missas realizadas na Igreja implantada na praça.

Por fim, a Rua Quintino Bocaiúva, relacionada visualmente à Praça Nossa Senhora Aparecida, apresenta vários exemplos de imóveis com elementos arquitetônicos de certos estilos e épocas (figura 77), as quais denotam a história da cidade e as modificações necessárias ao seu desenvolvimento. Um dos aspectos referentes à história dessa área trata dos usos existentes na mesma, que era predominantemente comercial, apresentando estabelecimentos que forneciam produtos para os antigos ferroviários.



Figura 77 - Galpões



Figura 78 - Estabelecimentos comerciais

Fonte: BISPO (2011)

Através do emprego da metodologia de análise de visuais, proposta por Prinz (1984), pode-se perceber que a paisagem dessa via é marcada por conjuntos de edificações protomodernas (figuras 78, 79

e 80), com elementos decorativos que imprimem uma composição geometrizada nas fachadas e se tornam volumetrias em baixo relevo.



Figura 79 - Placas de estabelecimentos comerciais que bloqueiam a visão dos elementos protomodernos das fachadas
Fonte: BISPO (2011)



Figura 80 - Conjunto de sobrados em estilo protomoderno
Fonte: BISPO (2011)

Além disso, em uma das quadras situadas nas margens dessa via há as instalações das antigas Indústrias Reunidas Matarazzo, que foram restauradas e atualmente abrigam um centro cultural.

4.3.5 Diagnóstico geral

A configuração urbana da área central de Presidente Prudente apresenta muita semelhança com outras cidades do interior paulista. Tais cidades apresentam similaridades pelo fato de que foram fundadas a partir do assentamento da ferrovia. Relacionado à expansão da cultura cafeeira.

No caso de Presidente Prudente, vê-se claramente a paisagem da ferrovia no núcleo central da cidade, composto por uma malha ortogonal de vias (“tabuleiro de xadrez”) que, cortada pela linha férrea, dividiu a cidade em duas vilas inicialmente (vilas Goulart e Marcondes) e em duas zonas atualmente (zonas oeste e leste). Essa paisagem

“era estruturada pela **estação ferroviária**, pela **praça principal**, geralmente aquela fronteira à Igreja Matriz, rodeada pelos **palacetes** dos plantadores de café, ligada à estação pela **rua principal do comércio**, e onde a **linha férrea** representava um obstáculo à expansão da mancha urbana” (LANDIM, 2004, p. 65).

A estrutura dessa paisagem é apresentada na figura a seguir:



Figura 81 - Paisagem da ferrovia das cidades do interior paulista
Fonte: LANDIM (2004)

Nesse conjunto de elementos estruturantes da paisagem da ferrovia destacam-se três – a ferrovia, a esplanada e a estação –, os quais constituíam espaços largamente utilizados pela população. A esplanada, composta pelo pátio de manobras, a estação ferroviária e a “praça da estação”, era um amplo espaço que apresentava várias funções, desde carga e descarga, até comércio, bebedouro de animais, e outros. Cabe destacar também que a Igreja Matriz foi também componente importante nesse cenário inicial da cidade, visto que funcionava como um marco, um ponto referencial.

Porém, mesmo após décadas de desenvolvimento, expansão territorial e crescimento populacional, ainda é possível identificar, no caso de Presidente Prudente, os elementos anteriormente citados, destacando as praças 9 de Julho e Monsenhor Sarrion, rua de comércio da rua Tenente Nicolau Maffei (“calçadão”), e as praças da Bandeira e Nossa Senhora Aparecida.

Por fim, a área analisada, composta por um sistema de espaços livres centrais que apresentam uma ligação frágil, é um dos focos da intervenção a ser realizada, que pretende, ao final, fortalecer ou restabelecer os vínculos entre esses espaços livres, mantendo o caráter desses espaços e promovendo uma maior apropriação dos mesmos.

4.4 Diretrizes gerais e específicas

Através do estudo realizado sobre a área de intervenção, foram definidas as seguintes diretrizes gerais para a realização do projeto urbano a ser proposto:

- Articulação dos espaços livres existentes na área central, através de percursos contínuos entre eles e elementos arquitetônicos e paisagísticos que fortaleçam o caráter de cada área individual e do todo, propiciando assim a permanência nesses espaços;
- Atribuição de novos usos aos espaços alvo da intervenção por meio da promoção de projetos ligados a saúde e consciência ambiental e cultural (história da cidade) nas praças;

- Realização de parcerias entre o Poder Público (prefeitura) e vizinhança de cada praça, de modo a promover a conservação e ampliar a apropriação dos espaços;
- Ampliação da acessibilidade urbana e rearticulação do sistema viário existente.

As diretrizes para cada espaço livre inserido na área estudada foram agrupadas em um croqui (figura 82), o qual evidencia o eixo de ligação desses espaços.

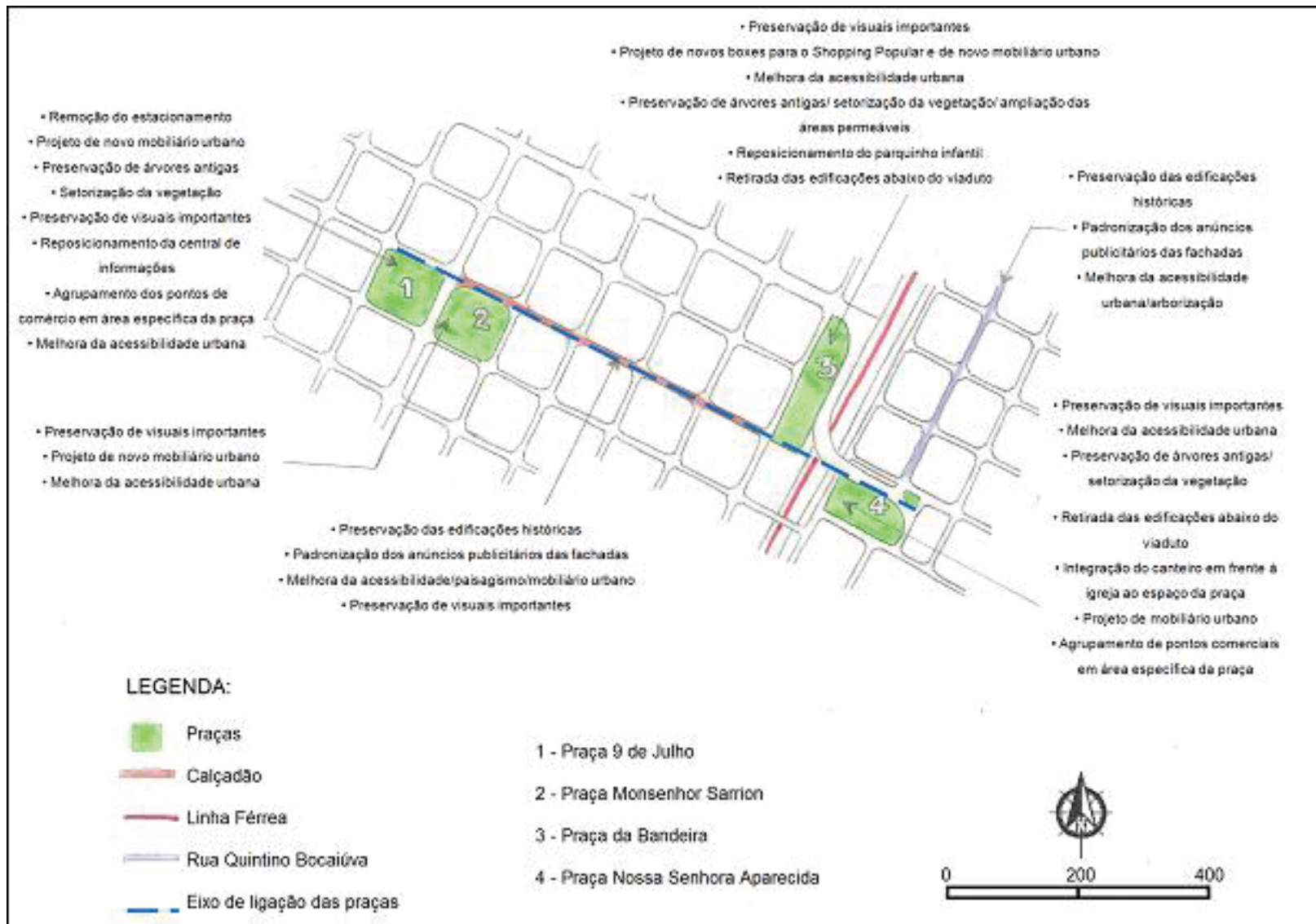


Figura 82 – Diretrizes

Fonte: BISPO (2011)

Sabendo-se da particularidade de cada praça e demais espaços públicos abordados nesse trabalho, foram enumeradas algumas diretrizes específicas para cada praça, de modo a fortalecer o caráter singular de cada uma e a identidade do conjunto, as quais estão dispostas em croquis das praças, a seguir:



Figura 83 – Diretrizes da Praça Monsenhor Sarrion
Fonte: BISPO (2011)



Figura 84 – Diretrizes da Praça 9 de Julho
Fonte: BISPO (2011)



Figura 85 – Diretrizes da Praça da Bandeira
Fonte: BISPO (2011)



Figura 86 – Diretrizes da Praça Nossa Senhora Aparecida
Fonte: BISPO (2011)

4.5 Justificativa dos conceitos adotados

As diretrizes propostas foram baseadas nos estudos realizados, os quais proporcionaram um diagnóstico estruturado da área.

A busca em promover a articulação dos espaços livres centrais da cidade surgiu, dentre outros fatores, pela leitura de referenciais projetuais ligados a intervenções urbanas com essa natureza ou similares. Nesse ponto, o projeto Reviva Centro, de Campo Grande, contribuiu para a construção de um olhar global do conjunto em estudo e ao mesmo tempo particularizado de cada espaço público central, que é imprescindível principalmente em projetos de caráter urbano.

A proposição de novo mobiliário urbano para as praças vincula-se a falta de qualidade estética e até ergonômica de bancos e demais equipamentos desses espaços, além da ausência de relação entre eles e a população e história das praças, o que, se pensado em conjunto, poderia contribuir à utilização dos mesmos.

Em relação às diretrizes ligadas a programas/projetos de saúde e consciência ambiental, há uma clara preocupação em propiciar não só o lazer passivo, mas atividades que tornem os espaços dinâmicos, e consequentemente mais frequentados.

Um aspecto a destacar é a diretriz que se refere à preservação de visuais importantes. Ela foi adotada como forma de se valorizar edificações e espaços públicos e incluí-los no cotidiano e memória da população, traduzindo-se assim no reconhecimento da história da cidade e de um patrimônio relevante.

Um último item, presente em todas as praças analisadas, é a melhora da acessibilidade urbana, a qual é fundamental para a promoção da articulação e integração desejada dos espaços livres.

A união das diretrizes específicas serviu de guia para o projeto proposto, que ao final resgatará a importância dessa área da cidade.

5. O PROJETO

5.1 Propostas gerais

O estudo da história e estado atual dos espaços livres inseridos na área central de Presidente Prudente através das diferentes metodologias aplicadas nesse diagnóstico constitui a base para a definição das propostas de intervenção projetual, que se constituem em pequenas intervenções, passíveis de serem realizadas com investimento da Administração Pública, sem onerá-la demasiadamente, e rapidez na concretização dos projetos.

Algumas dessas propostas foram abordadas de modo mais superficial, nos quais os croquis elaborados apresentam perspectivas de cenários futuros possíveis por intermédio de intervenções pontuais.

Nesse sentido, na área compreendida pelo Calçadão da cidade foram adicionados equipamentos (figuras 87, 88 e 89) para realização de atividades físicas ligadas à locomoção e articulação do corpo humano. Tais equipamentos, componentes de um novo tipo de Praça do Idoso que já está presente em algumas cidades paulistas, foram pensados de modo a agregar um novo uso a esse eixo comercial de

circulação de pedestres, nos horários em que este se encontra fechado ou até mesmo aberto. Intervenções como esta não modificam drasticamente a identidade desse espaço, porém geram vários benefícios: maior utilização da área, incentivo à prática de exercícios físicos para melhora da saúde e qualidade de vida da população, e outros.

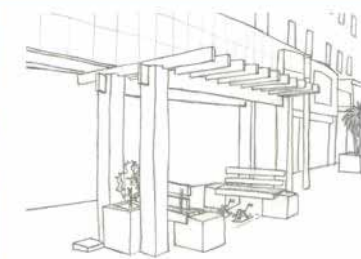


ESTAÇÃO ERGOMETRIA Objetivo

1. Melhorar/manter a flexibilidade e o movimento das pernas.



ANTES



DEPOIS

Figura 87 – “Estação ergometria” incorporada ao calçadão
Fonte: BISPO (2011)



ESTAÇÃO SENTA E LEVANTA

Objetivo

1. Fortalecimento dos membros inferiores.
2. Facilitar o deslocamento.



ESTAÇÃO ESCADA E RAMPA

Objetivo

1. Maior independência para atividades diárias.
2. Facilitar o deslocamento.



ANTES



DEPOIS

Figura 88 – “Estação senta e levanta” incorporada ao calçadão
Fonte: BISPO (2011)

A inserção dessa área e das praças analisadas em programas ligadas à saúde pública, através da instalação de placas informativas e demarcação de percursos de caminhada, propiciaria aos habitantes da idade um reencontro e uma valorização maior do conjunto arquitetônico e urbanístico importante do centro de Presidente Prudente.



ANTES



DEPOIS

Figura 89 – “Estação escada e rampa” incorporada ao calçadão
Fonte: BISPO (2011)

Paralelamente a isso, a proposição de uma padronização das fachadas dos estabelecimentos comerciais do calçadão, a valorização das edificações históricas de caráter arquitetônico relevante e o término da revitalização do calçadão que está ocorrendo atualmente tornariam esse percurso mais agradável e interessante. Essa padronização das fachadas comerciais e valorização das edificações históricas foram definidas também como propostas para a Rua Quintino Bocaiúva, aliado a melhoria dos passeios (calçadas) e ampliação dos mesmos nos cruzamentos das vias, facilitando assim a

circulação de pedestres. A redução do perfil da rua a favor de passeios mais largos afeta diretamente a velocidade dos veículos (redução da velocidade), o que proporciona mais espaço e maior segurança aos pedestres.

5.2 Intervenções projetuais nas praças

A amplitude da área de intervenção e as peculiaridades de cada praça analisada tornaram necessária a delimitação de um objeto mais específico para detalhamento do projeto proposto.

Devido a esses fatores, o projeto das praças Monsenhor Sarrion e 9 de Julho foi composto por propostas especializadas somente em plantas de implantação, nas quais são relacionados propostas e seus reflexos para manutenção do caráter e valorização da identidade de cada praça (Prancha).

Por outro lado, o projeto para as Praças da Bandeira e Nossa Senhora Aparecida foi mais bem especificado, apresentando perspectivas que qualificam as propostas e permitem visualizar o futuro desejado a partir das intervenções definidas. A opção por detalhar mais profundamente as últimas praças mencionadas decorre

da maior necessidade de intervenção nesses espaços, os quais se encontram sensivelmente descaracterizados.

Antes da descrição de cada projeto específico, é preciso relatar brevemente duas diretrizes projetuais adotadas que influenciaram ambos os projetos.

Uma dessas diretrizes gerais foi o emprego de dois tipos de pavimentação: pedra portuguesa ("petit pavé") nas calçadas das praças e placa pré-fabricada de concreto drenante (piso composto por 82% de resíduos reciclados de cerâmica e adição de cimento) nos caminhos internos. O primeiro foi adotado por já estar presente em vários passeios da área central – nas calçadas da Praça da Bandeira, por exemplo – como memória da cidade, apresentando identidade e valor histórico inquestionáveis. Já o segundo foi escolhido por apresentar as seguintes vantagens: facilidade de drenagem das águas pluviais, bom isolamento térmico, ser antiderrapante e resistente (FOLHA, 2011).

A outra diretriz diz respeito à alteração da direção do fluxo de veículos e algumas vias situadas na área de intervenção, próximo às duas últimas praças citadas (figuras 90 e 91).

Essa modificação foi efetuada de modo que direcionasse o fluxo de veículos até as praças, permitisse que o pedestre adquirisse maior segurança ao percorrer esses espaços e favorecesse visuais marcantes e característicos de cada praça.

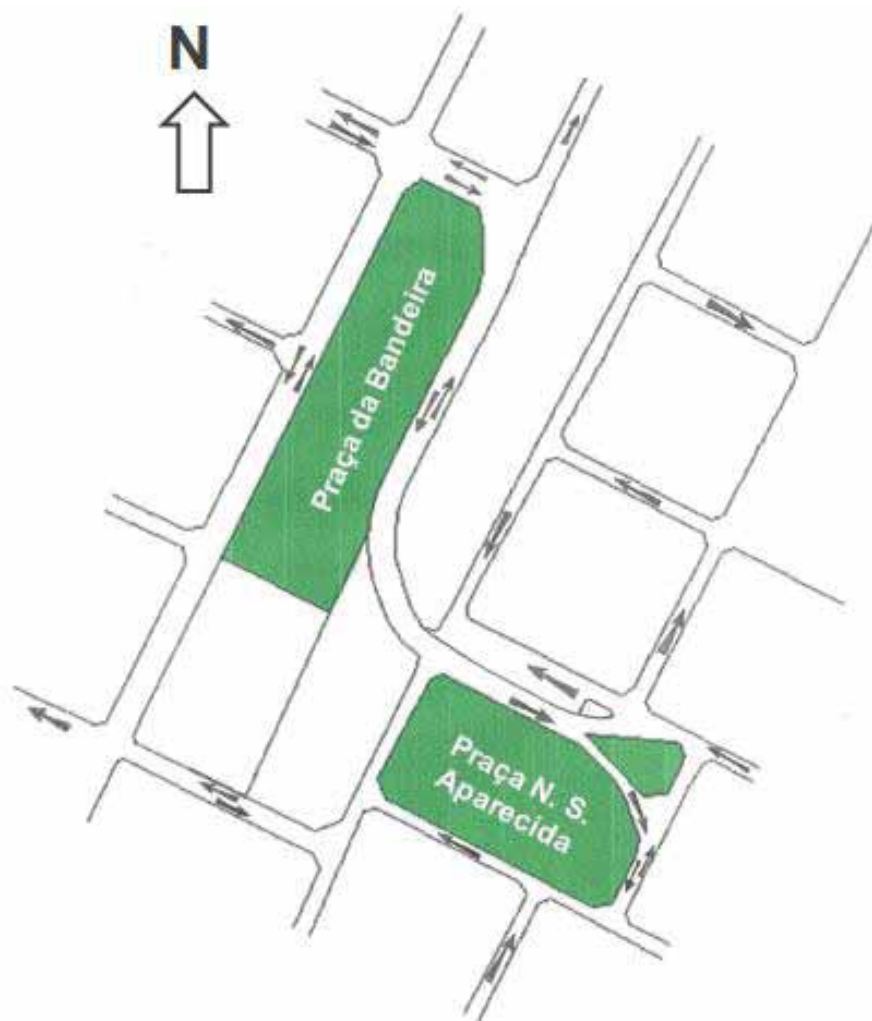


Figura 90 – Esquema da direção do fluxo de veículos atualmente
Fonte: BISPO (2011)

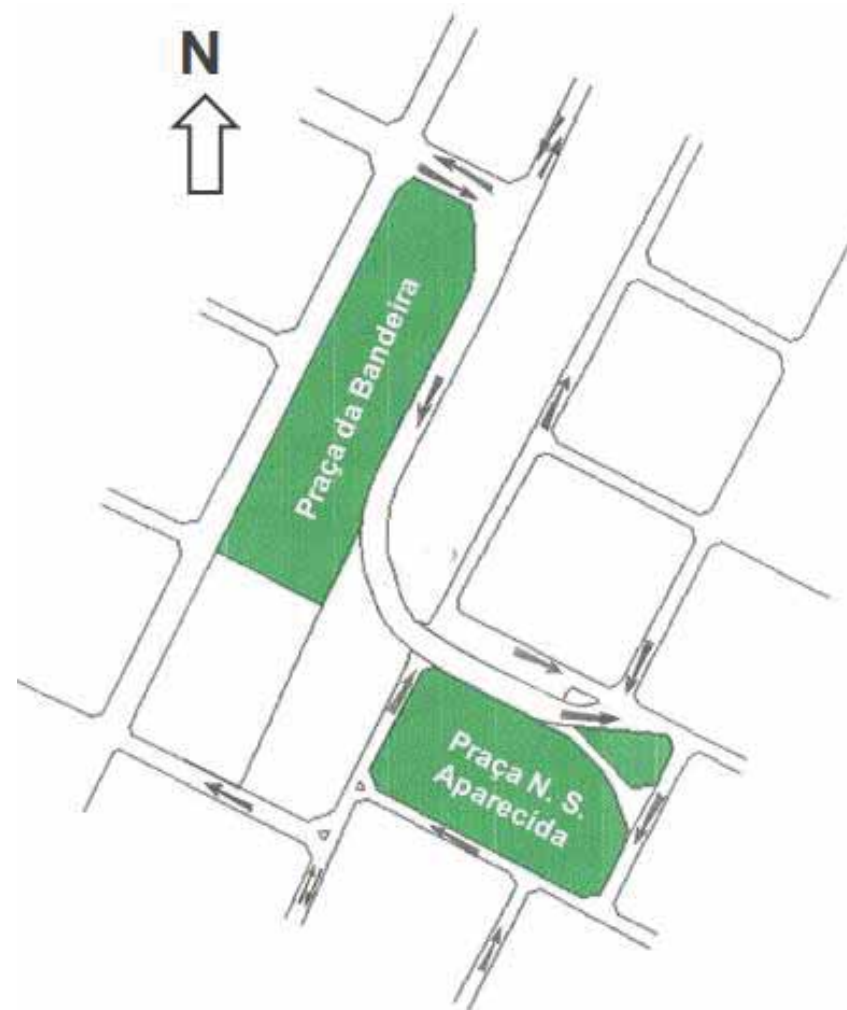


Figura 91 – Esquema da direção do fluxo de veículos proposta
Fonte: BISPO (2011)

5.2.1 Praças Monsenhor Sarrion e 9 de Julho

As propostas para a Praça Monsenhor Sarrion implicaram em importantes modificações. A maior e mais impactante delas foi a remoção do estacionamento instalado na praça.

Tal proposta teve conseqüências positivas relacionadas a diversos critérios analisados durante a aplicação do gráfico de avaliação do caráter das praças, como por exemplo, melhora das possibilidades de acesso e circulação (instalação de faixas elevadas – lombo-faixas – e ampliação do passeio – calçadas – nos cruzamentos), da escala da praça (resgate da mesma como área de lazer e passagem de pedestres), da história e significado (fortalecimento do caráter público desse espaço) e da apropriação pela comunidade, que nesse cenário proposto pode usufruir desse espaço como passagem e permanência, apreciando a paisagem, consumindo produtos como pipoca e caldo de cana, esperando um ônibus ou o horário de uma missa na Catedral, etc.

A instalação de jardins floridos, o reposicionamento da central de informações de ônibus e o agrupamento dos pequenos comércios (pipoca, caldo de cana, etc) desobstruem visuais de edificações e áreas verdes vizinhas (Praça 9 de Julho) importantes por sua história ou

arquitetura relevante, e criam novos visuais atrativos internos e externos à praça, contribuindo para uma imagem inicial mais convidativa, na qual a vegetação (flores e árvores antigas) colaboram para a vivacidade dos espaços e caminhos e para a formação de outras paisagens. Foi pensado também na proposição de um mobiliário urbano mais confortável e que apresentasse certa relação com a história do local, porém este não foi desenvolvido.

Por outro lado, a Praça 9 de Julho não foi alvo de grandes intervenções, pois seu caráter e atratividade são notórios e bem definidos. As poucas modificações incluíram: instalação de lombo-faixas e ampliação dos passeios nas esquinas (melhora dos acessos); manutenção dos visuais interessantes das edificações históricas e da Praça Monsenhor Sarrion situadas no entorno; preservação da vegetação rica em espécies com qualidades relativas à estética, porte e idade das mesmas; e distribuição uniforme de um novo mobiliário urbano, cujo projeto seria uma releitura do mobiliário existente adicionando características como estética agradável e funcionalidade (conforto). Esse novo mobiliário iria aludir à identidade do local, fortalecendo a memória da história dessa área e de sua importância para a cidade.

A manutenção das diversas atividades observadas no local durante a etapa de diagnóstico da área, ligadas à saúde e segurança

pública, manifestações políticas e culturais, e contemplação da paisagem favorecem também o critério da apropriação pela comunidade, que já é elevado.

Em geral, essas duas praças poderiam, através destas pequenas alterações, melhorar ou manter suas identidades, mantendo essa forte ligação existente entre ambas. A paisagem resultante é marcante pela composição harmônica dos elementos particulares de cada um desses espaços públicos.

5.2.2 Praças da Bandeira e Nossa Senhora Aparecida

- Praça da Bandeira

O projeto para a Praça da Bandeira foi amplo e constituído por várias intervenções, visto que o caráter do local atualmente contrasta com seu papel e importância frente à história do surgimento e desenvolvimento de Presidente Prudente.

As idéias iniciais (figuras 92 e 93) envolviam principalmente a questão do shopping popular, que seria projetado de forma a considerar critérios como conforto ambiental e composição de

paisagens agradáveis, porém essas idéias evoluíram na medida em que se adotou como princípio a permeabilidade física e visual.

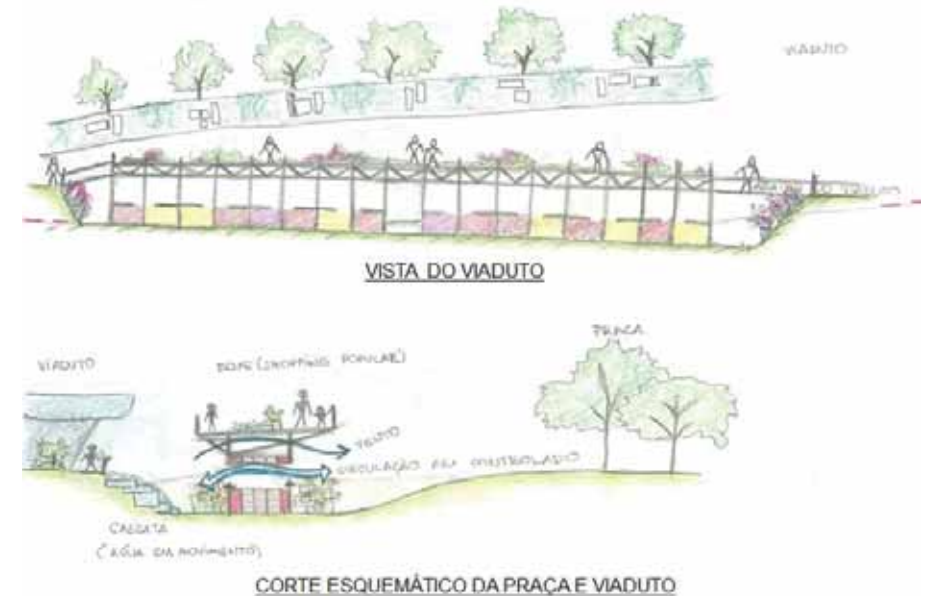


Figura 92 – Croquis das idéias iniciais (sem escala)
Fonte: BISPO (2011)



Figura 93 – Outros croquis (sem escala)
Fonte: BISPO (2011)

Duas medidas adotadas – projeto de novos boxes para o comércio (“shopping”) popular e remoção das edificações abaixo do viaduto – melhoram substancialmente a qualidade das áreas livres ali presentes.

O projeto de novos boxes foi baseado em critérios como conforto, segurança, relação com a história do local. O ordenamento e distribuição desses boxes pela praça (figura 94) refletem dois princípios seguidos: manutenção da função comercial que já se encontra “enraizada” à história da praça; e permeabilidade visual da praça, fundamental à manutenção e valorização de visuais

interessantes e das relações com o entorno exemplificados pelo calçadão e Estação Ferroviária.



Figura 94 – Estudo da distribuição dos boxes pela praça
Fonte: BISPO (2011)

Os boxes de comércio popular projetados são constituídos pelo agrupamento de módulos de 3,2m² de área (2,0m x 1,6m), os quais foram posicionados na praça (figura 95), no viaduto e em uma edificação vizinha à praça, que foi denominada de “Galeria Shopping Popular”, a qual incorpora a preocupação em manter uma conexão visual e espacial com qualidade ambiental entre a praça e a galeria.



Figura 95 – Boxes da Área de alimentação na praça
Fonte: BISPO (2011)

Não foi possível manter o número de boxistas cadastrados na Prefeitura Municipal (274 boxistas) devido às dimensões adotadas no projeto dos boxes; no entanto, buscou-se aproveitar os espaços

disponíveis ao máximo respeitando-se também aspectos como conforto e permeabilidade já mencionada (figura 96 e 97), o que permitiu abranger 231 boxistas.



Figura 96 – Parte dos boxes posicionados na praça
Fonte: BISPO (2011)



Figura 97 – Permeabilidade na distribuição dos boxes
Fonte: BISPO (2011)

A materialidade de cada box é definida pelos seguintes elementos: cobertura em telha metálica termoacústica de cores variadas, o que permite uma setorização/diferenciação entre aqueles voltados para alimentação e os demais, além de conferir conforto térmico e acústico; estrutura metálica; e vedação em dormentes de madeira tratada (e serrada), vinculando a materialidade dos boxes à da linha férrea. Foram deixadas aberturas entre o solo e a vedação e entre essa última e a cobertura, de modo a respectivamente, evitar a deterioração da madeira pelo contato direto com água e favorecer a ventilação natural no interior dos boxes (figura 98).



Figura 98 – Exemplo de box do shopping popular
Fonte: BISPO (2011)

Além disso, foi empregado um sistema diferenciado de funcionamento das aberturas dos boxes, de modo que parte da vedação apresentasse duas funções: fechamento do mostruário (“vitrine”) de produtos e mobiliário (bancada/prateleira) para atendimento da população (figura 99). Foram empregados também uma janela de abrir em direção ao interior do box e uma porta de correr, restando assim uma área útil interna satisfatória.

Vedação – Bancada de atendimento

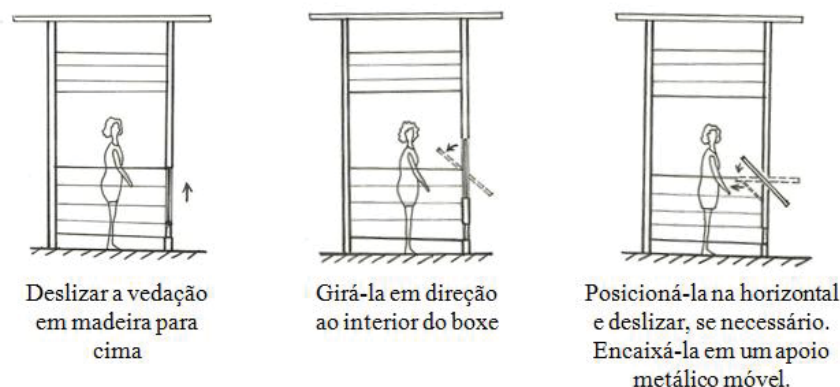


Figura 99 – Dupla função da madeira: vedação e bancada
Fonte: BISPO (2011)

Outro ponto citado, que compreendeu a demolição das edificações situadas abaixo do viaduto trouxe conseqüências positivas para a qualidade dos espaços e para as relações visuais possibilitadas pela retirada dessa “barreira”. A troca do muro de alvenaria que limita a linha férrea em suas margens por um gradil (cerca) metálico garante segurança aos usuários da praça e resgata a conexão visual entre as zonas leste e oeste da cidade.

A esse espaço útil abaixo do viaduto é proposta uma área para exposições de esculturas e painéis ao ar livre, atrelando à praça um caráter também cultural.

Por outro lado, o ordenamento e restrição parcial da circulação de veículos pelo viaduto, reservando metade do leito carroçável (aproximadamente sete metros) para a implantação de uma calçada, separada da via (de mão única) do viaduto por um canteiro de cinquenta centímetros de altura (onde foram dispostas espécies frutíferas), ao qual foi adicionado um guarda-corpo de cinquenta centímetros de altura também.

Nessa calçada foram instalados alguns boxes do comércio popular, representando assim uma continuidade do eixo comercial que se inicia na Praça 9 de Julho (calçadão) e vai se diluindo ao longo do percurso que se direciona à Praça Nossa Senhora Aparecida. O viaduto (figura 100) corresponde ao espaço intermediário entre o movimento e a pausa, passagem e permanência, que caracterizam as Praças da Bandeira e Nossa Senhora Aparecida, respectivamente.



Figura 100 - Relação entre viaduto e praça
Fonte: BISPO (2011)

Outro ponto a ressaltar é a proposição de um novo banheiro público, implantado de forma a aproveitar os desníveis e não valorizá-lo demasiadamente perante os boxes e demais elementos da praça (figura 101).



Figura 101 – Banheiro público na parte central da imagem
Fonte: BISPO (2011)

Porém, houve outras intervenções que contribuíram para fortalecer o caráter dessa praça. O reposicionamento do parque infantil em uma área entre os boxes de alimentação e os demais possibilita maior contato visual entre crianças e seus familiares, os quais estão adquirindo ou vendendo produtos, se alimentando ou simplesmente percorrendo os caminhos ou observando as crianças brincarem em segurança.

Já o ordenamento da vegetação (figura 102), com preservação das espécies arbóreas mais representativas (porte, estética, idade interessantes) refletiu em maior campo visual, principalmente próximo à Avenida Washington Luiz, o que resultou em melhora da relação visual com a Estação Ferroviária.



Figura 102 – Ordenamento da vegetação
Fonte: BISPO (2011)

Ainda nesse aspecto, houve também a inclusão de algumas espécies ornamentais (APÊNDICE) que, aliadas as já existentes, propiciaram paisagens agradáveis esteticamente, tanto na praça quanto

no canteiro central arborizado criado na Avenida Brasil (figuras 103 e 104), em frente à praça, resgatando assim o canteiro que existia antigamente e complementava a qualidade ambiental dessa área. Igualmente, foram incorporados às laterais do viaduto espécies de plantas trepadeiras com flores, no intuito de esconder/minimizar o impacto negativo do concreto aparente (o visual acinzentado remete à poluição, à algo sem vida, etc).



Figura 103 – A praça e o canteiro central arborizado da Av. Brasil
Fonte: BISPO (2011)

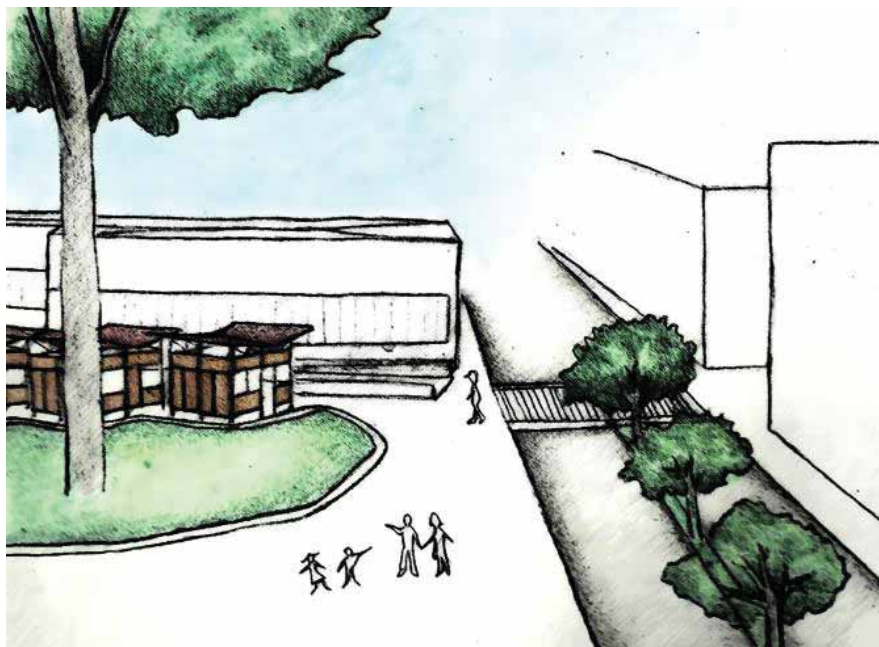


Figura 104 – Canteiro central da Av. Brasil e faixa de pedestres elevada
Fonte: BISPO (2011)

Foram delimitadas algumas áreas de permanência com bancos e mesas, úteis para prática de jogos (damas, baralho) e estar (alimentação, leitura) (figura 105 e 106).



Figura 105 – Área de permanência próxima à Estação Ferroviária
Fonte: BISPO (2011)

Os demais elementos de mobiliário urbano (figuras 107 e 108) foram distribuídos por toda a praça, sendo que o projeto desses elementos foi baseado no mobiliário existente (figura 109) atualmente e em materiais mais naturais, aliando ao concreto componentes em madeira, como forma de atribuir uma linguagem similar ao dos boxes do comércio popular.

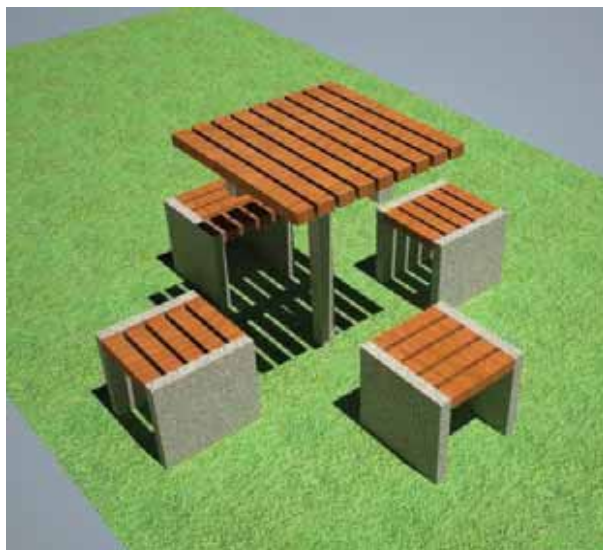


Figura 106 – Mesa com bancos proposta
Fonte: BISPO (2011)

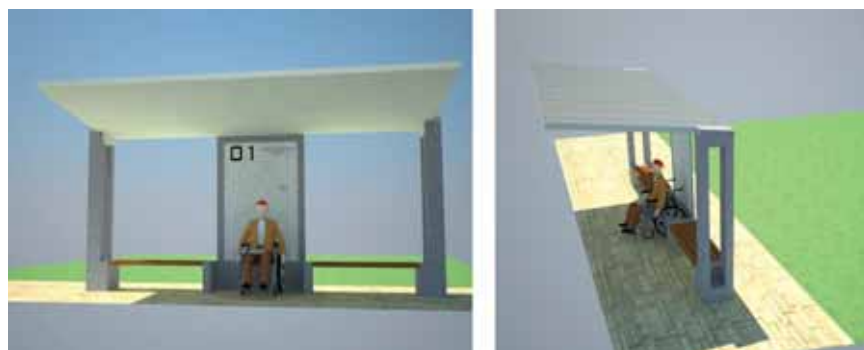


Figura 107 – Ponto de ônibus
Fonte: BISPO (2011)



Figura 108 – Outros mobiliários propostos para a Praça da Bandeira
Fonte: BISPO (2011)



Figura 109 – Mobiliário existente na Praça da Bandeira (croquis sem escala)
Fonte: BISPO (2011)

É preciso destacar também que foram propostas a instalação de lombo-faixas e a ampliação das calçadas nos cruzamentos de modo a facilitar o acesso à praça. Além disso, houve a proposição da construção de uma rampa de acesso à passagem subterrânea que liga essas duas praças, sendo que esta passagem teve sua largura ampliada de dois metros para quatro metros, como forma de conferir mais conforto e segurança. O trajeto da passagem foi pensado de modo a evitar quinas ou espaços suscetíveis à ocorrência de assaltos, mas que apresentasse algum atrativo, como painéis artísticos.

Não foram propostas transposições no nível da linha férrea, visto que este trecho da ferrovia desempenha papel de pátio de manobras dos trens, impossibilitando travessias seguras e permanentes.

Outro elemento a citar é o projeto de uma estrutura metálica que abrigará uma escada que conecta a praça ao viaduto (figura 110). No eixo central dessa estrutura foi colocada uma plataforma elevatória (elevador panorâmico), de modo que deficientes físicos possam circular por esses espaços (figura 111). Devido ao seu posicionamento, altura e forma funcionaria também como um mirante, possibilitando visuais interessantes do entorno e da praça.



Figura 110 – Estrutura metálica que conecta a praça com o viaduto
Fonte: BISPO (2011)

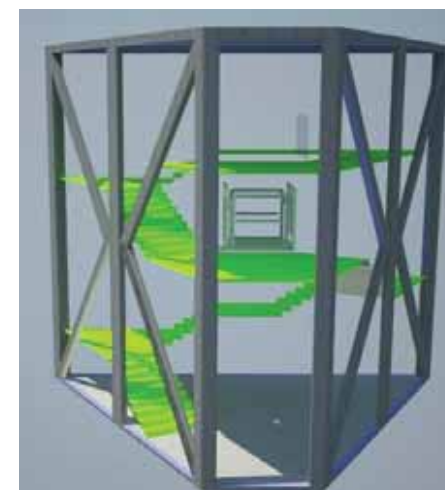


Figura 111 – Estrutura que comporta escada e plataforma elevatória
Fonte: BISPO (2011)

Por fim, foi proposto também o resgate do espelho da água, melhorando o conforto térmico e atribuindo assim outra paisagem a ser apreciada, valorizando consequentemente a história do local.

- Praça Nossa Senhora Aparecida

As intervenções projetuais na Praça Nossa Senhora Aparecida tiveram uma abordagem distinta daquela adotada na Praça da Bandeira, visto que a anterior tinha forte caráter comercial e ativo, enquanto esta tem uma identidade mais relacionada ao lazer passivo, propício à contemplação da paisagem.

Nesse sentido, as primeiras idéias de projeto para essa praça se pautaram em espaços atrativos para permanência (espaço de concentração de vendedores de caldo de cana embaixo do viaduto com iluminação adequada e bancos) ou apreciação da paisagem (ampliação da praça e criação de jardins e espelho d'água) (figuras 112 e 113).

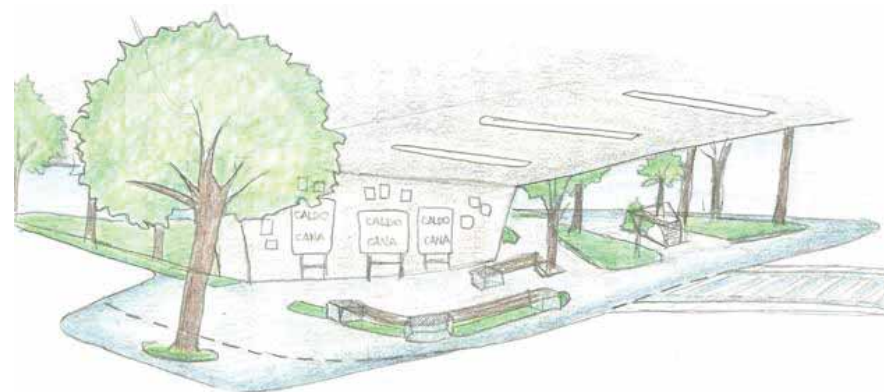


Figura 112 – Croqui de espaço de permanência
Fonte: BISPO (2011)

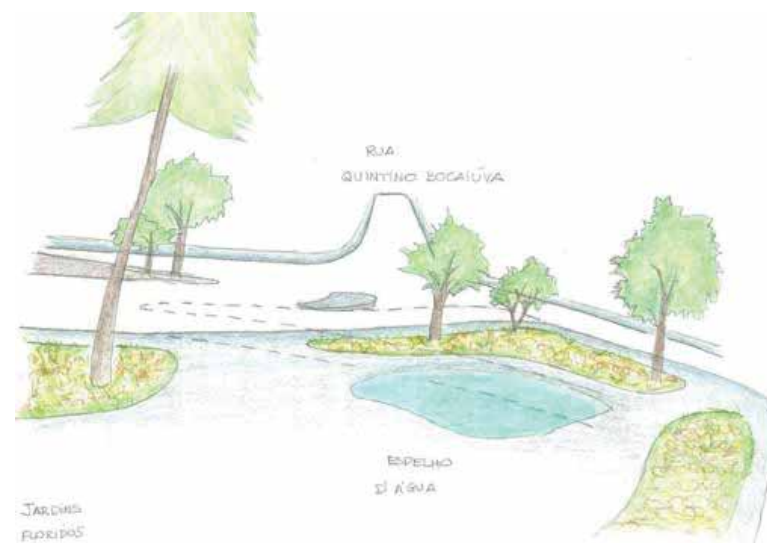


Figura 113 – Croqui de espaço para apreciação da paisagem
Fonte: BISPO (2011)

Por esse motivo, foram projetados jardins com diferentes espécies de flores nas margens e no interior de canteiros, de modo a guiar e atrair usuários no sentido de percorrem os caminhos e admirarem a beleza da flora (flores e espécies arbóreas ornamentais) da praça, fortalecendo assim seu caráter. Os canteiros e caminhos sofreram modificações pequenas, com o intuito de favorecer percursos mais agradáveis e eliminar aqueles não utilizados (figuras 114 e 115).



Figura 114 – Praça N. S. Aparecida e seus jardins
Fonte: BISPO (2011)



Figura 115 – Jardins criam percursos agradáveis e convidativos
Fonte: BISPO (2011)

A demolição das edificações abaixo do viaduto e a ampliação da área da praça retomam relações visuais e espaços subutilizados. Essa ampliação foi possível através da incorporação do canteiro central situado em frente à praça; nesse espaço, foram mantidos os exemplares de uma espécie arbórea específica e incorporadas espécies de palmeiras e um espelho d'água entre elas, de modo a direcionar o olhar, marcar essa entrada da praça e emoldurar o visual que se tem, partindo da Rua Quintino Bocaiúva, em direção à igreja (figura 116).

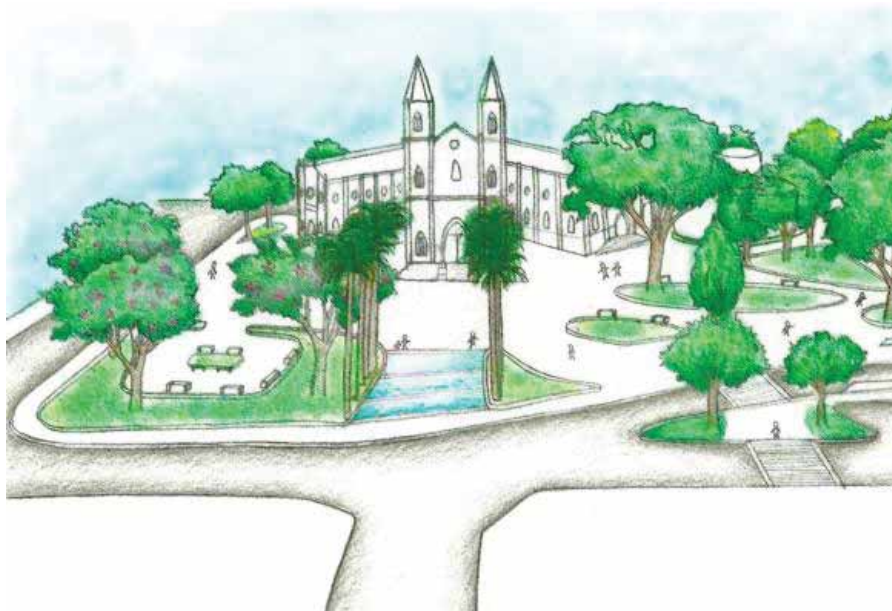


Figura 116 – Ampliação da praça e fortalecimento de visuais
Fonte: BISPO (2011)

Na área livre da entrada secundária lateral da igreja foram removidos o banheiro público existente (sem condições de uso e possível local de consumo de drogas) e um ponto de comércio (lanches), sendo esse último reposicionado em área em frente a uma das laterais da praça, próximo a uma espécie de “figueira” de porte marcante. Foram incorporadas a esse espaço novas espécies arbóreas ornamentais, o que proporcionou a distinção dessa entrada da praça frente às demais, porém não superou a forte composição da paisagem da entrada principal da igreja (figura 117).



Figura 117 – Entrada secundária lateral da igreja
Fonte: BISPO (2011)

Além disso, os estacionamentos ao redor da praça foram redesenhados, com colocação de piso concregrama – permeável e drenante. Um desses estacionamentos foi dotado de arborização, visando torná-lo ambientalmente mais incluído à praça, além de gerar área sombreada necessária para evitar o aquecimento exagerado do interior dos veículos quando expostos à radiação solar por longas horas. Houve melhora também da acessibilidade à praça, já que a passagem subterrânea existente foi alterada de forma a se unir à Praça

Nossa Senhora Aparecida através do prolongamento da passagem e instalação de uma rampa. Foram instalados no entorno lombo-faixas e ampliadas algumas calçadas para conferir maior segurança à travessia de pedestres em locais que apresentam maior movimentação de pedestres ou circulação de veículos, muitas vezes em alta velocidade (figura 118).



Figura 118 – Lombo-faixa e a melhora do acesso à praça
Fonte: BISPO (2011)

O novo mobiliário para essa praça é o mesmo a ser empregado na Praça da Bandeira, visto que a utilização da madeira é um fator que une as duas praças ao contexto da linha férrea (dormentes de trem), o que não era proporcionado pelo antigo mobiliário (figura 119). Esse

mobiliário urbano foi distribuído pelos caminhos e áreas de maior permanência de pessoas (em frente à igreja e próximo à rua Floriano Peixoto), com vistas a dar suporte ao lazer passivo. Ainda nesse ponto é importante citar a instalação de luminárias refletoras que valorizem a igreja, a caixa d'água e os jardins no período noturno, constituindo assim em mais um atrativo da praça.

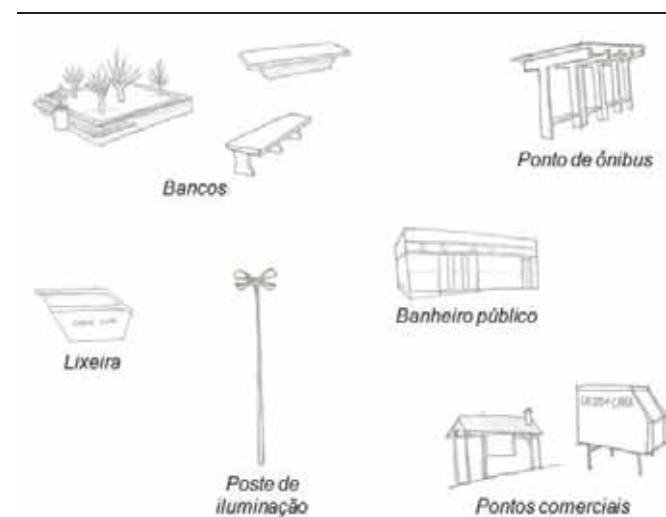


Figura 119 – Mobiliário existente na Praça N. S. Aparecida (croquis sem escala)
Fonte: BISPO (2011)

Outro aspecto a destacar é a desapropriação de um estabelecimento comercial (estacionamento semi-coberto) situado na Rua Floriano Peixoto em frente à praça. É um espaço mal conservado que deveria se tornar um espaço público destinado à instalação de

boxes de comércio de produtos alimentícios (lanches, pipoca, sucos, etc) e de elementos que proporcionem a contemplação da paisagem da linha férrea e da Praça da Bandeira, visuais estes possibilitados também pela instalação de gradis metálicos nas margens da linha férrea já mencionada anteriormente.

O detalhamento dos projetos das praças e demais complementos constam nas pranchas dispostas ao final deste trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto proposto demonstra o quanto são válidas estratégias que proporcionem o estabelecimento de vínculos entre a população e a cidade, principalmente aquelas em que a relação visual e social extrapola o espaço temporal e se configura em marca, identidade de certa paisagem do meio urbano. Programas voltados à redescoberta e preservação de áreas centrais, pautados na melhoria do espaço e circulação de pedestres, na criação ou adequação de áreas suporte ao comércio e serviços, na valorização do patrimônio histórico-cultural, no estímulo ao lazer e cultura, na prática de atividades relacionadas à

saúde, são profundamente benéficos à incorporação desses espaços ao imaginário e cotidiano dos habitantes.

Fortalecendo a identidade e imagem das praças, possibilitando a realização de diferentes atividades e usos, valorizando suas peculiaridades e elementos atrativos, melhorando os acessos e a circulação de pedestres, propondo limites e relações espaciais e visuais mais interessantes, implementando programas de gestão/manutenção do espaço em parceria com a população e comerciantes, é possível obter espaços livres vivenciáveis e incorporados à paisagem, ao invés de investir em megaprojetos que culminam em segregação socioespacial e desvio de investimento público.

A preservação do caráter público dos espaços públicos, aliada a adaptações necessárias como a incorporação de novos usos e atividades a esses espaços, fortalece a idéia de que os espaços livres urbanos são redesenhados no processo do próprio desenvolvimento e transformação da cidade.

A aplicação das diferentes metodologias foi essencial à definição das propostas para a área de intervenção, o que denota a relevância desse tipo de abordagem de estudo. Frente a isso, o método de avaliação do caráter comprova ser uma forma de projetar conforme a personalidade - problemas e potencialidades – de cada espaço e a

identidade do conjunto de espaços específicos, o que pode contribuir para a manutenção do próprio caráter das cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, S. L. **Espaço público: do urbano ao político**. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2008.
- ABREU, D. S. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista**. Presidente Prudente. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1972.
- AGOSTINHO, M. V. V. de. **Reabilitação da área central de Presidente Prudente**: interligando a praça da bandeira ao seu entorno. 2009. 92f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.
- ALEX, S. **Projeto da Praça**: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.
- AMORIM, M. C. da C. T. Caracterização das áreas verdes em Presidente Prudente. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: [s.n.], 2001. p. 37-52.
- BAR DA ESTAÇÃO**. Apresenta informações sobre o Bar da Estação. Disponível em: <<http://www.bardaestacao.com.br/site/historia.html>>. Acesso em: 12 jun. 2011.
- BENINI, S. M. **Áreas verdes públicas**: a construção do conceito e a análise geográfica desses espaços no ambiente urbano. 2009. 283f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.
- BISIOLI, R. **Jubileu 70 anos do Santuário de N. S. Aparecida**. 2010. Disponível em: <<http://pascomteresinha.blogspot.com/2010/08/jubileu-70-anos-do-santuuario-de-n-s.html>>. Acesso em: 12 jun. 2011.
- CALDEIRA, J. M. **A praça brasileira**. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade. 2007. 432f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000428029>>. Acesso em: 14 set. 2010.
- CAMACHO, A. R. **A praça apropriada ou uma geografia da ocupação no âmbito do público tardio**. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1994.
- CASTILHO, A. L.; VARGAS, H. **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. Barueri, SP: Manoel, 2006.

CORAZZA, A. et al. **Camelôs**. São Paulo: [s.n.], 1994. Disponível em: http://www.vivaocentro.org.br/download/avc/camelos_workshop.pdf . Acesso em: 12 set. 2010.

DEGASPARI, S. D.; MOREIRA, M. R.; VANALLI, T. R. **Apostila de normalização documentária**. Presidente Prudente: Serviço Técnico e Biblioteca e Documentação. FCT-Unesp, 2006.

ELY, V. H. M. B.; SOUZA, J. C.; DORNELES, V. G.; et al. **Projeto de espaços livres públicos de lazer para todos**. 2006. Disponível em: http://www.enapet.ufsc.br/anais/PROJETO_DE_ESPACOS_LIVRES_PUBLICOS_DE_LAZER_PARA_TODOS.pdf. Acesso em: 11 jun. 2011.

FOLHA Vitória. **Drenac - Piso drenante Cerâmicos by Benedito Abbud**. 2011. Disponível em: <http://www.folhavoria.com.br/geral/blogs/arquiteturaedesign/2011/08/30/drenac-piso-drenante-ceramicos-by-benedito-abbud.html>. Acesso em: 15 nov. 2011.

GONÇALVES, M. A. **A territorialização do trabalho informal: um estudo a partir dos catadores de papel/papelão e dos camelôs em Presidente Prudente - SP**. 2000. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2000.

GRUNOW, E. Praça é volume edificado, que pousa sobre o terreno. **Arcoweb**, n.349, mar. 2009. Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/praca-victor-civita-museu-aberto-sustentabilidade.html>. Acesso em: 24 out. 2010.

HIRAO, H. **Arquitetura moderna paulista, imaginário social urbano, uso e apropriação do espaço**. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

LAMOUNIER, A. A. **Atmosferas de ruas: identificação de componentes e qualidades em Londrina-PR**. 2006. 274f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006).

LEITE, M. A. F. P. **Um sistema de espaços livres para São Paulo**. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142011000100011&script=sci_arttext. Acesso em: 22 mai. 2011.

LEITE, R. P. **Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea**. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MACEDO, S. S. ; CUSTÓDIO, Vanderli; et al. **Os sistemas de espaços livres da cidade contemporânea brasileira e a esfera de vida pública – considerações preliminares**. 2009. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&cd=11&ved=0CB0QFjAAOAO&url=http%3A%2F%2Fegal2009.easyplanners.info%2F>

area05%2F5156_CUSTODIO_Vanderli.doc&rct=j&q=espa%C3%A7os%20livres&ei=6tXzTfyBFcm4tgf75N2YBw&usg=AFQjCNGsrRTaFWyJdvZ4iO4_OAnzNYt9rQ&sig2=ckdnDSqoI9RUcr5w3i8D5A&cad=rja>. Acesso em: 11 jun. 2011.

MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. Tradução: Fabio Robba. 2ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. Coleção Quapá.

MELLENDEZ, A. Arquitetura na favela. **Arcoweb**, n.301, mar. 2005. Disponível em: < <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/aaa-azevedo-arquitetos-associados-mercado-popular-13-04-2005.html>>. Acesso em: 2 set. 2010.

MANCINI, M. T. **Requalificação das Praças Monsenhor Sarrion e Nove de Julho e o novo Terminal Urbano de Integração**. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

MEIO NORTE. **Projeto da UFPI leva música às praças de Teresina**. 2007. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/noticias/geral/projeto-da-ufpi-leva-musica-as-pracas-de-teresina-24280.html>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

MIÑO, O. A. S. **Os espaços da sociabilidade segmentada: a produção do espaço público em Presidente Prudente**. 2004. 221f. Tese

(Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO PREFEITO ANTONIO SANDOVAL NETTO. **História de Presidente Prudente**. Disponível em: <<http://museu.presidentepudente.sp.gov.br/historiapp.php>>. Acesso em: 4 dez 2010.

O GLOBO. **Prefeitura vai lançar programa de recuperação de praças da cidade**. 2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2010/10/11/prefeitura-vai-lancar-programa-de-recuperacao-de-pracas-da-cidade-922760838.asp>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

PAIVA, C. Estrutura com pórticos metálicos. **Arcoweb**, n.55, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/cinnanti-arquitetura-e-engenharia-shopping-popular-23-12-2008.html>>. Acesso em: 2 set. 2010.

PANERAI, P. **Análise urbana**. Tradução: Francisco Leitão. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006. 198p.

PRAÇA DO IDOSO. Dispõe informações sobre a Praça do Idoso. 2011. Disponível em: <<http://pracadoidoso.com.br/>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

PLANURB. **Projeto Reviva Centro**. 2010. Disponível em: <<http://www.capital.ms.gov.br/centro/>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE. **Mapa de Zoneamento Urbano**. Disponível em: <<http://www.presidenteprudente.sp.gov.br>>. Acesso em: 1 mai 2011.

PREFEITURA DE PORTO VELHO. **Projeto Cultura na Praça comemora 1º aniversário**. 2009. Disponível em: <http://www.portovelho.ro.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2199>. Acesso em: 25 mai. 2011.

PREFEITURA DE POUSO ALEGRE. **Prefeitura inicia obras de revitalização da Praça dos Expedicionários**. 2010. Disponível em: <<http://www.pousoalegre.mg.gov.br/default.aspx?pag=interna&mod=interna&p=309&mat=328>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Prefeitura lança projeto para levar "vida" às praças da cidade**. 2005. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/noticias/index.php?p=4800?odald>. Acesso em: 25 mai. 2011.

PRINZ, Dieter. **Urbanismo II: Configuração Urbana**. Lisboa: Editorial Presença, 1984.

RESENDE, B. **Raízes Prudentinas**. São Paulo: SENAC, 1992.

RESENDE, B. **Raízes Prudentinas 2**. Presidente Prudente: Ed. Do autor, 2006.

ROMERO, M. A. B. **A arquitetura bioclimática do espaço público**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

SAÚDE NA PRAÇA. Dispõe informações sobre o programa Minas Olímpica – Saúde na Praça. 2010. Disponível em: <<http://www.saudenapraca.com>>. Acesso em: 1 jun. 2011.

SANTA CATARINA 24 HORAS. **Prefeitura de Itapema investe na revitalização dos espaços públicos**. 2011. Disponível em: <<http://www.santacatarina24horas.com/turismo/prefeitura-de-itapema-investe-na-revitalizacao-dos-espacos-publicos-12725.html>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

SANTOS, B. C. dos. **As características dos trabalhadores informais de Presidente Prudente: o caso do camelódromo**. [S.l.], [200?]. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/ceget/D20.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2010.

SANTOS, V. **Pioneiros e memória de Presidente Prudente**. Presidente Prudente: xerog., 2001.

SERAPIÃO, F. Elementos tradicionais em linguagem contemporânea. **Arcoweb**, n.366, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/aflalo-gasperini->

purarquitectura-praca-aguas-sao-pedro-06-10-2010.html>. Acesso em: 24 out. 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DE ESPORTES E DA JUVENTUDE. **Projeto Saúde na Praça:** Agita Minas – Minas Olímpica. 2007. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/atos_normativos/deliberacoes/2007/ANEXO%20I%20DA%20DELIBERACaO%20CIB-SUS-MG%20No%20393,%20DE%2019%20DE%20NOVEMBRO%20DE%202007.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2011.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2007.

SHIMAKAWA, A. H. **Praça dos Pioneiros:** proposta de revitalização em Presidente Prudente-SP. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

SHOPPING POPULAR DE BRASÍLIA. **Portal Met@lica.** Apresenta informações na área de construção civil industrializada e estruturas metálicas. 2009. Disponível em: <<http://www.metalica.com.br/shopping-popular-de-brasilia-sobre-o-projeto>>. Acesso em: 2 set. 2010.

SINDPD. **Kassab vistoria obras da praça adotada pelo Sindpd.** 2011. Disponível em:

<<http://www.sindpd.org.br/noticias.asp?id=754>>. Acesso em: 25 mai. 2011.

THOMAZ, F. **Usos das vias urbanas em Presidente Prudente/SP:** espaços públicos e legislação urbana. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

TOLEDO, L. L. de; GONÇALVES, F. M. **Conexões urbano-ambientais:** sistema de espaços livres em Taubaté. 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/fau/disciplinas/tfg/tfg_online/tr/081/a041.html>. Acesso em: 8 jun. 2011.

TORREZAN, R. M. **Reestruturação da cidade: localização de conjuntos habitacionais, estrutura e crescimento urbano em Presidente Prudente.** Monografia (Graduação em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1992.

VALDERY, S. **Documentário de Presidente Prudente: a história contada em fotos:** um acervo, com 63 fotografias da cidade, tiradas nos primórdios de sua fundação. Presidente Prudente: [s.n], 2001. 24 p.

WHITACKER, A. M. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente:** expansão/desdobramento da área central. Monografia

(Graduação em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1991.

YAMAKI, H. **Praças históricas:** avaliação do caráter. Londrina:
Edições Humanidades, 2008.

YÁZIGI, E. **O mundo das calçadas.** São Paulo: Editora da Usp,
2000.

Espécies de árvores e flores empregadas nas praças para complementar a flora existente

Tipo	Espécie	Nome Popular	Altura (m)	Flores/Frutos	Clima	Insolação	Época de Floração
Árvores	<i>Senna multijuga</i>	Pau-Cigarra	6 a 10	amarelas	Tropical e Subtropical	-	verão e outono
	<i>Tibouchina granulosa</i>	Quaresmeira	8 a 12	lílas escura	Tropical e Subtropical	luz direta até luz sombreada	inverno e verão
	<i>Murraya exótica</i>	Murta-de-Cheiro ou Falsa Exótica	até 4	brancas	Tropical e Subtropical	-	-
	<i>Lagerstroemia indica</i>	Resedá ou	até 5	róseas, brancas ou púrpuras	Tropical e Subtropical	luz direta	final da primavera e verão
		Extremosa					
	<i>Morus nigra</i>	Amoreira	até 10	frutos com polpa carnuda	Tropical e Subtropical	luz direta ou luz 1/2 período	-
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitangueira	até 6	frutos pequenos em forma de baga	Tropical e Subtropical	luz direta	-	
Flores	<i>Clerodendrum thomsonae</i>	Lágrima de Cristo	-	brancas pétalas que parecem pingentes	Tropical	sol pleno ou meia-sombra	primavera e verão
	<i>Petrea subserata</i>	Viuvinha	-	flores estreladas azul arroxeadas	Tropical, mas tolera clima subtropical e temperado	sol pleno	inverno e parte da primavera

Tabela – Espécies adotadas no paisagismo das praças
 Fonte: BISPO (2011)